

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPSI

FRANCIS FONSECA OLIVEIRA

**ENTRELAÇANDO MASCULINIDADES E JUVENTUDES NO PORTAL DE
PERIÓDICOS CAPES ENTRE 2000 E 2017**

SÃO CRISTÓVÃO – SE
2018

FRANCIS FONSECA OLIVEIRA

**ENTRELAÇANDO MASCULINIDADES E JUVENTUDES NO PORTAL DE
PERIÓDICOS CAPES ENTRE 2000 E 2017**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Processos sociais e relações intergrupais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Claudiene Santos

SÃO CRISTÓVÃO – SE
2018

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Oliveira, Francis Fonseca
O48e Entrelaçando masculinidades e juventudes no Portal de Periódicos CAPES entre 2000 e 2017 / Francis Fonseca Oliveira ; orientador Claudiene Santos. – São Cristóvão, 2018.
98 f. : il.

Dissertação (mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2018.

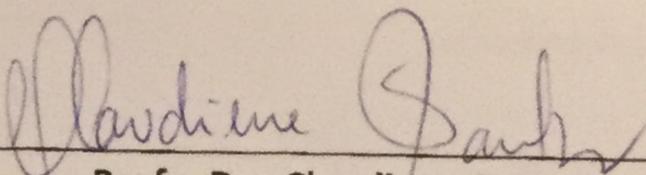
1. Psicologia social. 2. Masculinidade. 3. Identidade de gênero. 4. Juventude. 5. Pesquisa educacional. I. Santos, Claudiene, orient. II. Título.

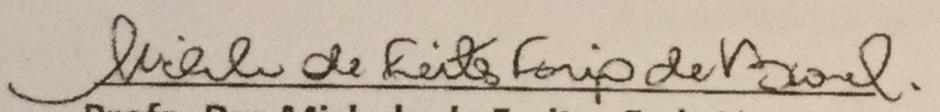
CDU 316.6:305-055.1

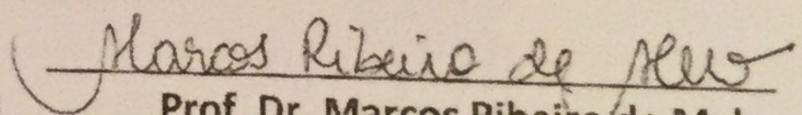


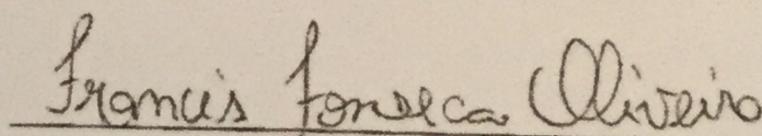
ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos vinte oito dias do mês de fevereiro de dois mil e dezoito, reuniram-se às 14 horas na Sala 06, Bloco B do Departamento de Biologia, Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, os professores membros da Comissão Examinadora Profa. Dra. Claudiene Santos (Presidente-UFS), Profa. Dra. Michele de Freitas Faria de Vasconcelos (Membro Interno - UFS), Prof. Dr. Marcos Ribeiro de Melo (Membro Externo -UFS), para avaliar o trabalho intitulado **ENTRELAÇANDO MASCULINIDADES E JUVENTUDES NO PORTAL DE PERIÓDICOS CAPES ENTRE 2000 E 2017**. Do mestrando **FRANCIS FONSECA OLIVEIRA**. A Orientadora, assumindo os trabalhos na qualidade de Presidente, passou a palavra o candidato, para que ele expusesse sua dissertação, informando que o mesmo dispunha de 30 (trinta) minutos para a apresentação, que cada examinador iria dispor de 20 (vinte) minutos para fazer argüições e que o candidato gozaria de 20 (vinte) minutos para responder aos questionamentos. Terminada a exposição do candidato, o presidente passou a palavra aos membros da Comissão Julgadora, que iniciaram a argüição. Terminada a argüição, o candidato retirou-se da Sala para que os membros da Comissão Julgadora atribuíssem-lhe as notas. Logo em seguida, o Presidente anunciou que o candidato foi considerado APROVADO a partir da avaliação pelos dos membros da Comissão Julgadora. O Presidente proclamou o candidato **MESTRE EM PSICOLOGIA SOCIAL**, devendo este resultado ser homologado pela Comissão da Coordenação de Pós-Graduaçãp. Em seguida, o Presidente agradeceu aos membros da Comissão Julgadora e aos presentes e encerrou a sessão. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata que vai assinada pelos membros da Comissão Julgadora. Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, 28 de Fevereiro de 2018.


Profa. Dra. Claudiene Santos
Presidente – UFS


Profa. Dra. Michele de Freitas F. de Vasconcelos
Membro Interno- UFS


Prof. Dr. Marcos Ribeiro de Melo
Membro Externo ao Programa - UFS


FRANCIS FONSECA OLIVEIRA
Candidato

Talvez fosse possível que uma maneira de ser homem mais humana, menos opressiva, pudesse se tornar hegemônica como parte de um processo que levaria à abolição das hierarquias de gênero.

R. Connell e J. Messerschmidt

Associar leveza e educação seria produzir esforços precisos e determinados para escaparmos da petrificação de que nos tornamos reféns. A leveza do educador, por exemplo, consistiria em sobrelevar o peso do mundo, colocar em movimento o conhecimento, e principalmente a dúvida, fazer implodir aquilo que nos parece tão sólido e tão verdadeiro.

Cyntia Greive Veiga

AGRADECIMENTOS

Cortar, colar e colorir. A capacidade de cortar, colorir e confeccionar deu espaço ao que chamam de vida adulta. Era sempre impossível trocar o trapézio tensionado por calos nos dedos que a tesoura de papel fincava nas mãos. E assim a cor começou a desaparecer, ou aparecer em outras telas, digo... testas. Os brancos comprimidos auxiliavam na escuridão do sono e das bases dos olhos. Cada dia o bocal e as unhas sumiam, dói no resto que ficou e nas que sujam meu chão. Pensando bem, tudo aconteceu muito devagar, só que foi tão longo. Ao certo não se sabe o dia exato, talvez se revisitadas as agendas (engraçado que uma era tão pequena e outra tão grande, mas em ambas o que mais se escrevia era vazio). Hoje a agenda está entre o tamanho das últimas, talvez ela signifique algo ao ser terminada. Acontece que hoje a insistência do carro dos ovos tirou minha quietude. A dúvida arregalou meus olhos. Os cliques do mouse badalam nos ouvidos como sinos às 18, às 6 horas, às 18, às 6. Em minha frente, uma lista, presa a um fundo amarelo, tenta me reanimar diariamente. Os co(r)pos distribuídos pela mesa atestam que ao menos água não me faltou. Fios, energia, tomadas, o ventilador rodando, rodando, rodando. As unhas já retornaram à boca, o pé balança para ninar o coração, insuficiente.

Eu costumava cortar, colar, colorir.

Às cores de minha escuridão:

Minha família

Minha noiva

À minha orientadora e amiga

Às/Aos minhas/meus peixes

Às/Aos amigas/os de mestrado

À minha terapeuta e ao meu psiquiatra

Às/Aos colegas do Santa Fé,

Aos sonhos, cabelos, unhas e noites

Às partes minhas que se foram

Às partes que restaram

Às cores e aos sombrios

RESUMO

Estudos masculinistas são estudos de matriz feminista sobre masculinidades, que analisam as relações de gênero e suas interseccionalidades. Na atualidade, há um aumento nas produções acadêmicas que problematizam as posições masculinas e o reforço de normas hegemônicas-homofóbicas-misóginas que trazem os debates para uma agenda pró-feminista. Objetivando analisar como masculinidades e juventudes estão sendo enunciadas nas produções científicas e que interseccionalidades acontecem entre elas, faz-se importante reconhecer as produções nos cenários local, regional e global. Para isso, compusemos dois capítulos de problematização sobre a temática das masculinidades juvenis. No primeiro, abordamos teoricamente os estudos masculinistas e as juventudes na atualidade utilizando de inspirações em diversas áreas do saber, como os Estudos Culturais e de Gênero e na Psicologia Social Crítica. No capítulo dois, discutimos a construção do cenário contemporâneo por meio de um estado da arte dos estudos de masculinidades e juventudes constantes na plataforma do Portal de Periódicos CAPES, no período de 2000 a 2017. Os resultados encontrados apontam para uma crescente discussão dos estudos sobre jovens homens no Brasil e na América Latina, e que as produções são apresentadas, majoritariamente, em áreas das ciências humanas e sociais. As publicações encontradas (176) foram discutidas em seis categorias, que apontaram para uma discussão de gênero na construção das identidades masculinas sendo articuladas por diversas instâncias reguladoras sociais, palco para legitimação ou processos de ruptura da masculinidade hegemônica. Os trabalhos encontrados refletem uma discussão interseccional sobre reproduções discursivas da masculinidade hegemônica como modelo identitário juvenil que, performaticamente, fabrica hierarquizações sociais. A presença de múltiplas identidades masculinas juvenis e a maneira como elas se articularam nesses trabalhos mostram o esforço de estudos de matriz feminista na discussão sobre a pluralidade das masculinidades juvenis. Pelo tímido aparecimento de trabalhos na realidade local, propomos a necessidade de se pensar trabalhos dessa natureza, assim como a realização de pesquisas no contexto local sobre jovens e suas múltiplas experiências de masculinidades (inclusive trans) e interseccionalidades, em diversas realidades, no menor estado brasileiro.

Palavras-chave: Masculinidades, Gênero, Juventude.

ABSTRACT

Men's studies are studies of feminist matrix on masculinities that analyze the relations of gender and its intersectionalities. Nowadays, there is an increase in academic productions that problematize male positions and the reinforcement of hegemonic-homophobic-misogynist norms which bring the debates to a pro-feminist agenda. Aiming to analyze how masculinities and youths are being stated in scientific productions and which intersectionalities happen between them, it makes itself important to recognize the productions in the local, regional and global scenarios. For this, we composed two chapters of problematization on the thematic of juvenile masculinities. In the first one, we approached theoretically the *men's studies* and the youths in the present time making use of inspirations in diverse areas of knowledge, like Cultural and Gender Studies and Critical Social Psychology. In chapter two, we discussed the construction of the contemporary scenario through a state of art of studies of masculinities and juvenile in the CAPES Periodic Portal platform, from 2000 to 2017. The results found point to a growing discussion of the studies on young men in Brazil and Latin America, and that the productions are presented, mainly, in areas of the human and social sciences. The publications found (176) were discussed in six categories, which pointed to a discussion of gender in the construction of masculine identities being articulated by various social regulatory instances, stage for legitimation or processes of rupture of hegemonic masculinity. The works found reflect an intersectional discussion on discursive reproductions of hegemonic masculinity as a juvenile identitary model that, performatively, fabricates social hierarchizations. The presence of multiple masculine juvenile identities and the way they articulate themselves in these works shows the effort of studies of feminist matrix in the discussion on the plurality of the masculinities juveniles. Due to the timid appearing of works in the local reality, we propose the need to think about such works, as well as to carry out research in the local context about young people and their multiple experiences of masculinities (including trans) and intersectionalities, in the smallest Brazilian state.

Keywords: Masculinities, Gender, Juvenile.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Produção dos estudos masculinistas na juventude distribuídos por ano.	41
Gráfico 2: Distribuição da localização geográfica dos/as autores/as brasileiros de artigos sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017 (N=175)	46
Gráfico 3: Distribuição da localização geográfica dos/as autores/as internacionais de artigos sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017 (N=150).	48
Gráfico 4: Distribuição por área acadêmica dos artigos sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017 (N=176)	53
Gráfico 5: Distribuição das categorias encontradas nos artigos sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017 (N=176)	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Relação de trabalhos encontrados antes e depois dos filtros de análise	38
Tabela 2: Periódicos com maior número de artigos sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017 (N= 175)	41
Tabela 3: Estado de vínculo de autores/as brasileiros/as de artigos sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017 (N=175)	43
Tabela 4: Cruzamento entre “Masculinidade” e “Juventude” e “Estado nordestino” no portal de periódicos CAPES, entre 2000 e 2017 (N=46)	46
Tabela 5: País de vínculo de autores/as internacionais de artigos sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017 (N=150)	46
Tabela 6: Estado de publicação e região geográfica dos periódicos sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017 (N=98)	49
Tabela 7: País e região geográfica de publicações internacionais de artigos sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017 (N=78)	50
Tabela 8: Métodos das pesquisas de artigos sobre masculinidades e juventudes, entre 2000 e 2017 (N=135)	54

SUMÁRIO

UM ANDARILHO SEM FRONTEIRAS	10
CAPÍTULO 1: MASCULINIDADES E JUVENTUDES: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO COM OUTROS CAMPOS DO SABER	15
Introdução	15
Estudos culturais e psicologia social	16
Gênero, identidade e poder	18
Estudos masculinistas e os olhares sobre as masculinidades	22
Juventudes	28
Os estudos sobre juventudes	30
Juventudes e gênero	32
CAPÍTULO 2: ESTADO DA ARTE DOS ESTUDOS DE MASCULINIDADES E JUVENTUDES NA PLATAFORMA DE PERIÓDICOS CAPES DE 2000 À 2017	34
1. 34	
2. 36	
3. Os escritos sobre masculinidades e juventudes	39
3.1. Periódicos	41
3.2. Autores/as	43
3.3 Locais de publicação das pesquisas	48
3.4 Áreas	51
3.5 Trajetórias metodológicas das produções	53
3.6 O que está inscrito nos escritos?	56
3.6.1 Identidades masculinas juvenis	58
3.6.2. Análises de artefatos culturais	62
3.6.3. Práticas de violência e masculinidades juvenis	65
3.6.4. Saúde sexual e reprodutiva	68
3.6.5. Sociabilização	70
3.6.6. A Educação forjando masculinidades	71
3.7. Categoria síntese: masculinidades e juventudes	73
4. Entre as linhas: masculinidades e juventudes	75
REFERÊNCIAS	78

UM ANDARILHO SEM FRONTEIRAS

Especulações em torno da palavra homem. Carlos Drummond de Andrade

<i>Mas que coisa é homem, que há sob o nome: uma geografia?um ser metafísico? uma fábula sem signo que a desmonte? Como pode o homem sentir-se a si mesmo, quando o mundo some? [...] Como se faz um homem? Apenas deitar, copular, à espera de que do abdômen brote a flor do homem? Como se fazer a si mesmo, antes de fazer o homem? Fabricar o pai e o pai e outro pai e um pai mais remoto que o primeiro homem? Quanto vale o homem?</i>	<i>[...] Hoje mais que ontem? [...] Menos um que outro, se o valor do homem é medida de homem? [...] Por que morre o homem? Campeia outra forma de existir sem vida? [...] mas que coisa é homem? Tem medo de morte, mata-se, sem medo? Ou medo é que o mata com punhal de prata, laço de gravata, pulo sobre a ponte? Por que vive o homem? Quem o força a isso, prisioneiro insonte?</i>	<i>[...] Por que mente o homem? mente mente mente desesperadamente? Por que não se cala, se a mentira fala, em tudo que sente? Por que chora o homem? Que choro compensa o mal de ser homem? Mas que dor é homem? [...] Para que serve o homem? Para servir o homem? [...] Como quer o homem ser destino, fonte? [...] Que sonho, que sombra? Mas existe o homem?</i>
--	--	---

Mas existe o homem? Início a escrita desta dissertação, com o mais intenso dos sinais de pontuação, a interrogação. Certo que as frases que os contém e introduzem esse texto não são minhas, ousou aqui, pegá-las emprestadas de um dos maiores poetas do Brasil, se não o maior, Carlos Drummond de Andrade. Pego-as emprestado, não no sentido de respondê-las, mas de problematizá-las. Ao usá-las, levanto indagações sobre as possibilidades de ser e estar homem na contemporaneidade. Drummond propõe um Ser humano tomado como referência, a partir do homem, aqui considerado como o masculino. Homem que é coisa, geografia, metafísico, aquele que chora e está, em suas concepções, relacionado aos papéis de pai, provedor, viril e corajoso. Aquele que campeia outra forma de existir sem vida, que sente medo e se sente destino e fonte. Mas será que ele existe? A partir de que homem Drummond se baseia? Do homem hegemônico? Branco, heterossexual, de classe média? Constituído e entrelaçado por quais fatores sócio-histórico-culturais? As articulações desses questionamentos sempre pontuaram minha vivência pessoal e esta poesia, como artefato

cultural, revelaram-me e ainda revelam questionamentos sobre a necessidade compulsória de se enquadrar e pertencer a um conceito tão limitado, embora de grande circulação nas mais diversas práticas discursivas: o de masculinidade hegemônica.

Faz-se importante assinalar de onde partem essas discussões e sob quais interseções sou interpelado. Sou graduado em Ciências Biológicas, pela Universidade Federal de Sergipe/UFS, professor de Ciências em exercício, professor voluntário na graduação em Ciências Biológicas/UFS na disciplina de Corpo, Gênero e Sexualidade em 2017, ex-intercambista pelo programa Ciências Sem Fronteiras/CAPES em Bologna-Itália, ex-bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID/CAPES por três anos, com o projeto Educação Sexual, Gênero e Sexualidade: uma proposta integradora, membro do Grupo de Estudos em Gênero, Sexualidade e Estudos Culturais - GESEC/UFS/CNPq (ambos coordenados pela Prof.^a Dr.^a Claudiene Santos), sergipano, brasileiro, católico, heterossexual e cisgênero. Em todos esses marcadores sociais, as percepções sobre os processos de constituição das masculinidades sempre provocaram potenciais discussões e diálogos produtivos. Por isso, busquei na Pós-graduação em Psicologia, articulações profícuas entre a Psicologia Social Crítica [amplamente difundida no cenário latino-americano (FERREIRA, 2010; CAMINO; TORRES, 2011)] e os estudos das masculinidades, ao fomentar debates sobre a re/des/construção de imposições arbitrárias a que os sujeitos são alvo, de expectativas em meio à dicotomia do certo e errado, possível ou não, de modos de ser masculino.

A problemática deste trabalho nasceu das inquietações sobre os processos de constituição das identidades masculinas, de acordo com os processos pessoais vividos, sobre o exercício ou não de poder dos homens, às subalternidades decorrentes dessas relações de poder e às configurações de masculinidades juvenis. Nesse processo, com a vivência docente, no ensino básico e no nível superior, e a participação no PIBID/CAPES/Biologia, pude perceber como as demandas da sexualidade e gênero vão se delimitando, ganhando voz e vez no cenário aracajuano, principalmente, no que se refere às jovens masculinidades. Espaços sociais diversos onde se afloram questões hierárquicas nas quais os/as jovens se posicionam e se constituem socialmente. Com caráter preliminar, essas relações foram assinaladas na pesquisa monográfica intitulada “Estou indo embora porque homem não chora: Des/Empoderamento de homens e masculinidades contemporâneas de jovens aracajuanos” apresentada como requisito na graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Sergipe.

Mas o que faz um biólogo no mestrado em Psicologia? Ao dialogar de maneiras inter/transdisciplinares os estudos de gênero e estudos culturais pós-estruturalistas¹ e o aporte teórico da Psicologia Social, compreendo que apenas a Biologia não me responderia às questões das masculinidades. Busco, pois, agregar conhecimentos da Psicologia na discussão dessas temáticas, uma vez que aprimoram as minhas perspectivas de atuação profissional e ampliam a minha concepção de mundo. Olhando para a interdisciplinaridade como campo de ampliação dos conhecimentos e do fazer ciência, encaro essa jornada que, desde o início da vida acadêmica, seguiu *senza frontiere*². Essa costura teórica encontra-se ancorada no interacionismo simbólico uma vez que, para alcançar uma compreensão acerca de um processo social, a investigação precisa se apropriar dos significados que são experienciados pelos sujeitos em um contexto particular (CARVALHO; BORGES; RÊGO 2010).

Adriano Nuernberg (2008) no segundo capítulo do livro “Gênero e Pesquisa em Psicologia Social” aponta para a interdisciplinaridade entre os estudos de gênero e a Psicologia e, ao tecer reflexões sobre gênero e psicologia no Brasil, conclui:

Na equação que polariza gênero e psicologia, o resultado aponta para a necessidade de fazer avançar e continuar difundindo debates propostos por esse campo. Muitos ainda pensam que as questões de gênero são de interesse exclusivo do feminismo e das mulheres identificadas com esse movimento. Ademais, é minoria a parcela da comunidade acadêmica da psicologia que compreende os alcances das teorias desse campo e o valor que seu tipo de análise pode representar, tanto para a pesquisa quanto para a intervenção. Cabe, portanto, continuar difundindo os estudos de gênero na psicologia, explicitando seu potencial analítico para os fenômenos da psicologia e para a maior abertura dessa ciência à interdisciplinaridade (NUERNBERG, 2008. p.30).

As análises de Nuernberg (2008) apontam um detalhe importante, a presença de um público além das mulheres nos estudos de matriz feminista. É sob esse viés que me proponho a questionar sobre masculinidades, sendo um jovem homem. Trago aqui esclarecimentos sobre uma inquietação, que surgiu nesses anos de mestrado, sobre o papel militante de homens nas discussões de gênero. Na concepção que me lanço, reitero o protagonismo do feminismo na militância e considero que o olhar problematizador para os processos de

¹ O pós-estruturalismo propõe-se como uma teoria de desconstrução. No sentido que amplia a análise dos textos uma pluralidade de sentidos. Nessa perspectiva a realidade é pensada como uma construção social e subjetiva, que permite “questionar as categorias unitárias e universais e torna históricos conceitos que são normalmente tratados como naturais, como, por exemplo, 'homem' e 'mulher’” (MARIANO, 2005, p.486).

² Tradução minha: sem fronteiras. A escolha da língua italiana deu-se por estar tatuada no corpo e mente, além de uma rica experiência pessoal em terras italianas nos anos de 2013-2014.

sociabilização dos homens pode ser campo frutífero de debate, luta e resistência dos estudos feministas.

Tais inquietações discutidas em congressos, na academia e em debates públicos sobre homens pró-feministas, por vezes, reforçam o conceito binário e dual sobre gênero, deixando escapar sua fluidez e pluralidade. Cabe demarcar que não há necessariamente uma sinonímia entre homens e masculinidades. A percepção das masculinidades foge ao corpo fálico e nesta pesquisa é considerada como construção e reiteração sociais de comportamentos, gestos e atitudes, que Butler (2008) chama de performatividade. Com a finalidade de borrar as fronteiras de gênero, utilizaremos o termo masculinidades como conceito relacional e plural, indo além da ótica do binarismo homem-mulher, oprimido-opressor (BENTO, 2006). Compreendendo que as masculinidades vão além da genitalidade e, portanto, não estão restritas aos corpos nomeados de homem ou mulher (HALBERSTAM, 2012; ÁVILA; GROSSI, 2012, 2010; ALMEIDA, 2012; GROSSI, 2004).

Assim questiono: Como se inscrevem nos escritos científicos as masculinidades? Como articulam masculinidades e juventudes? Como as juventudes são enunciadas? Como (e se) a produção expressa a pluralidade de masculinidadeS? Como e que interseccionalidades são enunciadas na produção científica? Em quais regiões se publica mais sobre a interseção entre masculinidades e juventudes no periódico da CAPES? E na realidade regional, como estão sendo realizadas as produções acadêmicas no nordeste? E em Sergipe?

Nesse contexto, esta dissertação tem como objetivos:

Geral - Analisar como masculinidades e juventudes estão sendo enunciadas nas produções científicas, no portal de Periódicos CAPES, no período de 2000 a 2017.

Específicos

1. Analisar como as masculinidades juvenis estão sendo enunciadas nas publicações de artigos, no portal de Periódicos CAPES, no período de 2000 a 2017;
2. Explorar no portal de Periódicos CAPES, no período de 2000 a 2017, como as juventudes masculinas estão sendo enunciadas nas publicações de artigos;
3. Investigar as interseccionalidades entre as masculinidades e juventudes nas produções científicas do portal de periódicos CAPES, no período dos últimos 17 anos;
4. Pesquisar a geografia das pesquisas em masculinidades e juventudes no país, por meio do portal de Periódicos da CAPES, entre os anos 2000 e 2017.

A análise será alicerçada nos Estudos Culturais e de Gênero e na Psicologia Social Crítica, pois, tais estudos se preocupam com a problematização através das teias de representações sobre o que é enunciado como verdade.

A partir deste momento, usarei a linguagem no plural para sublinhar a tessitura conjunta desta com a Dra. Claudiene Santos orientadora neste processo. Além disso, usaremos a linguagem inclusiva de gênero quando nos referirmos aos homens e às mulheres, pois acreditamos que seja “uma questão de clareza na linguagem e de vontade pessoal, de coerência e concordância entre o significado de nossas palavras e o significante que realmente queremos comunicar” (SECRETARIA ESTADUAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS MULHERES DO RIO GRANDE DO SUL, 2014, p.57). Com a produção dessa pesquisa e o caráter político que ela representa, a linguagem inclusiva nos auxilia a desconstruir a ideia da terminologia masculina como universal e repensar o uso sexista da língua que pode reforçar relações assimétricas e arbitrárias de gênero.

A estrutura textual dar-se-á, inicialmente, com um capítulo teórico sobre os estudos masculinistas numa costura teórica com os campos das juventudes e como essas duas vertentes se apresentam. Em seguida, o capítulo 2 apresenta um estado da arte sobre a produção acadêmica dos estudos masculinistas e juventudes no portal de Periódicos CAPES entre os anos 2000 e 2017.

CAPÍTULO 1: MASCULINIDADES E JUVENTUDES: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO COM OUTROS CAMPOS DO SABER

Introdução

A pergunta que rege o olhar deste capítulo é: como as masculinidades e as juventudes são teorizadas? Para respondê-la, buscamos o diálogo com diversas áreas do saber a fim de problematizar como os escritos trazem, reproduzem e dinamizam esses conceitos ao serem pensados (ou não) em suas interseções. Os conceitos sobre as masculinidades juvenis se instauram em uma rede capilar de significados discursivos sobre comportamentos, gestos e atributos ditos masculinos que são valorados em diversos marcadores sociais e por múltiplas relações nas quais os/as jovens interagem.

As relações de gênero em diversas instâncias de regulações sociais como, por exemplo, a escola, por diversas vezes abrem diálogos que podem servir para legitimar discursos de opressão e hierarquização ou podem servir de palco para debates críticos sobre os enunciados que perpassam as construções das masculinidades (LOURO, 2000). Nas aulas de ciências, a título de ilustração, a diferença corpórea dos ossos, músculos, produção hormonal e genética entre homens e mulheres gera discussões, que saem do viés biológico e se encontram com discursos machistas, misóginos, homofóbicos, transfóbicos apontando para um caráter emergente nas discussões sobre gênero (LOURO, 1997).

Assim como no ambiente escolar, em outras regulações sociais, a concepção naturalizada da sexualidade e do gênero, pressupõe que se vive os corpos da mesma forma. Porém, há uma pluralidade de processos profundamente culturais e sociais que envolvem, como apontados por Louro (2000, p.9), “rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções”.

Neste capítulo, apresentamos as problematizações que emergem na construção das identidades masculinas juvenis, de acordo com processos experienciados e localizados³, as relações de poder, capazes de gerar hierarquizações entre os sujeitos, posicionando-os de maneira arbitrária. Portanto, pela maneira como esses temas se articulam entre si e com diversos artefatos culturais e as estratégias de poder, surgem alguns questionamentos: Quais as representações⁴ atribuídas ao masculino e às juventudes? Quais condições possibilitaram a

³ Processos que valorizam o vetor da experiência que é singular e por isso localizada em contextos específicos e individuais.

⁴ Para os Estudos Culturais a representação é uma prática da produção da cultura em que os “significados são produzidos, e circulam, através de diversos processos e práticas” sociais. (WORTMANN, 2001, p. 156). Ver mais em: WORTMANN, M. L. C.. O conceito de representação na Educação em ciência e nos Estudos Culturais. **Pro-Posições** (Unicamp), Campinas, SP, v. 12, n.1(34), p. 151-161, 2001.

construção dos discursos sobre as masculinidades? E sobre as juventudes? Como os saberes produzidos culturalmente sobre masculinidades e juventudes se inscrevem nos corpos? E nos escritos?

Antes da tessitura da comunicação com Foucault, destacamos que, ao recorrermos a suas produções, localizamos este trabalho como um estudo de inspiração foucaultiana, e suas problematizações na discussão das masculinidades juvenis, a fim de dialogar como as estruturas de poder estão distribuídas nas normas culturais sobre os múltiplos gêneros.

As problematizações levantadas levam à discussão das masculinidades e juventudes em suas múltiplas representações dentro das diversas culturas e marcadores sociais. Para compor um arcabouço teórico que ressalte a importância da cultura utilizamos uma discussão histórica sobre as perspectivas teóricas dos estudos culturais e de gênero que alicerçam esse trabalho na psicologia social crítica.

Estudos culturais e psicologia social

A perspectiva dos Estudos Culturais na ciência rompe com a dualidade daquilo que é interno ou externo à Ciência e à investigação científica, nos moldes contemporâneos passando a dar atenção a questões como diferença, significados contestados e identidades (WORTMANN, VEIGA-NETO, 2001).

A partir da segunda metade do século passado sob contextos de pós-guerra, movimentos sociais, étnicos, raciais, sexuais, houve uma crescente produção de conhecimentos não disciplinares. Foi nesse contexto que nasceram estudos preocupados com a problematização, delineamento e implicações da cultura nas diversas estruturas sociais (WORTMANN; VEIGA-NETO, 2001; COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003). É esse espaço temporal que foi se tornando palco de discussões voltadas a compreender e abarcar as diversas maneiras de ser e estar, se propondo a compreender problematizar e ressignificar questões hegemônicas que hierarquizam sujeitos. Estes estudos foram chamados de estudos culturais.

As diversas culturas ao seu modo produzem, constroem, negociam e afirmam noções de ser por meio de artefatos culturais, como exemplo, os múltiplos discursos (da medicina, família, educação, igreja, dentre outros), a mídia e as novas tecnologias. Elementos que combinados exercem, na vida dos indivíduos, influência nas construções de significados e na representação dos mais diversos grupos culturais (PARAÍSO, 2004).

É, pois, no âmago de processos sociais e culturais, que diversas práticas discursivas são criadas, tomadas por verdades e exercitadas pelos/as jovens. O discurso é considerado

“como produção de sentidos, é entendido aqui como social e historicamente construído, passa a ser a própria ação do sujeito. Não só a fala, mas a linguagem, na sua leitura semiótica, é ação” (GUARESCHI, 2008. p. 94). Tais práticas incluem e excluem modos de ser e estar, delimitando lugares que cada um/a pode ocupar. Por meio das hierarquias discursivas, jovens vão definindo suas identidades e moldando suas próprias maneiras de ser e estar no mundo. Neste contexto, as representações de gênero e sexualidade também são construídas e problematizadas.

Sabat (2001) afirma que as práticas discursivas geram no cerne social uma teia de procedimentos e técnicas que ensinam formas específicas de se comportar, de moral, valor e atitudes, conectadas com o processo histórico. De alguma forma elas criam uma “regulação social que tem funcionado no sentido de manter tipos de espaços de segregação de gênero e de sexualidade” (SABAT, 2001, p.20-21). A esses procedimentos e técnicas chamamos de pedagogias culturais pela sua capacidade de agir como produtores de conhecimentos e saberes que são ensinados, aprendidos, legitimados e também reformulados em múltiplos espaços (SABAT, 2001; PARAÍSO, 2004).

Com o advento da Psicologia Social Crítica no Brasil houve uma articulação entre as pesquisas no viés dos estudos culturais com a psicologia. Análises como as de Santos et al. (2016) evidenciam a relação entre produções, de 1996 a 2010, na revista *Psicologia e Sociedade* sob o viés dos estudos de gênero, feminismo e psicologia social. Esse estudo apresenta a relação dos estudos culturais em discussões sobre como as produções nacionais utilizam e se articulam com essas teorias. Por considerar que a psicologia social crítica traz “uma concepção histórico-social de ser humano, compreendido como produto e produtor de suas relações sociais e de um conceito de ciência como uma prática social” (GUARESCHI, 2008, p. 89), o conhecimento é então produzido por essas relações, que se estabelecem e reproduzem-se pelos grupos sociais e refletem no modo que vivem as pessoas na sociedade.

Ainda para Guareschi (2008, p. 93), em produção escrita para o VIII Encontro da Regional Sul da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), as produções dos Estudos Culturais na Psicologia Social

[...] reconhecem a capacidade dos sujeitos sociais de manifestar diferentes práticas simbólicas, situadas em um determinado contexto histórico. Isto significa deslocar do foco das análises em pesquisas de Psicologia Social, como, por exemplo, sobre as relações de dominação, da reprodução e da ideologia para o foco dos efeitos do discurso.

É nesse cenário que nos inserimos interdisciplinarmente na psicologia social crítica em articulação aos estudos culturais e de gênero pós estruturalistas buscando analisar as produções acadêmicas que interseccionam masculinidades e juventudes no portal de periódicos da CAPES, nos anos de 2000 a 2017. Para tal, dialogaremos com áreas do saber que propõem articulações entre os estudos culturais e de gênero com as esferas de poder, produzidas pelos discursos na produção de masculinidades.

Gênero, identidade e poder

Para abranger a concepção dos aspectos socialmente e discursivamente construídos dos processos de identidade sexual, além do conceito de sexo (que por muito tempo foi utilizado como sinônimo), o termo “gênero” foi criado a partir das lutas feministas anglo-saxãs (LOURO, 1997; SCOTT, 1995). Pretendendo trazer ao debate no campo social, a partir dos anos 70, os movimentos feministas, com os movimentos gays e lésbicos, problematizam e questionam as identidades hegemônicas atribuídas a homens e mulheres.

Mas o que caracterizaria gênero? Para Joan Scott (1995), o gênero é uma categoria analítica construída a partir da percepção sobre as diferenças sexuais, por meio de significados culturais atribuídos pelas relações sociais. O que Scott aponta é que a categoria teve usos relacionados a um conceito de gênero ligado ao estudo de e para mulheres, como sinônimos teóricos. A alusão ao termo gênero nos estudos referia-se a uma tentativa de colocar as mulheres como corpos históricos legítimos na produção acadêmica. Sobre as percepções do termo, Scott afirma que é um “lugar de debate intenso” (SCOTT, 2012 p.332) sendo “um terreno que parece fixado, mas cujo sentido é contestado e flutuante” (1995, p.28).

Pensar a categoria analítica de gênero como operador social vai além da dualidade masculino-feminino e amplia os olhares para uma pluralidade do campo social, então pensaremos em gênero como plural. Refletindo sobre suas afirmações do conceito de gênero, Scott (2012) propõe a dinamicidade do conceito. Ao problematizar as utilizações de seus escritos de 1995 com estudos das mulheres, da desigualdade, da diferença sexual, ela afirma que este campo está “longe de estar resolvido, como uma vez eu pensei que estava, gênero é uma questão perpetuamente aberta: quando pensamos que foi resolvido, sabemos que estamos no caminho errado” (SCOTT, 2012 p.347). Ao alertar para o caráter de incompletude e construção, concordamos com Butler que é necessário um desfazer de gênero (BUTLER, 2014). Desfazer a ótica binária que anula, ou tenta, a dinamicidade e pluralidade que o termo comporta.

Na tessitura desse diálogo, angariamos posicionamentos de autoras pós-estruturalistas para pontuar o gênero como categoria plural (BUTLER, 2001; 2008; 2014; BENTO, 2006). Butler (2014, p.253), ao pensar sobre o termo propõe que “gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados”.

Em seu livro *Problemas de gênero*, Butler (2008) conceitua a performatividade de gênero como:

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado. (BUTLER, 2008, p. 194)

Os atravessamentos de gênero como marcador social auxiliam na percepção de construção no meio social de políticas hierárquicas de poder que agenciam corpos e sujeitos. Por isso, cabe aqui pensar as masculinidades não restritas aos homens, como comumente se atribui às discussões sobre os masculinos (BENTO, 2006). Para Butler (2008), não há uma identidade por trás das expressões de gênero, há uma produção de subjetividades que são performativamente constituídas por meio de ficções discursivas, que dão rosto a materialidades, produzindo substância, naturalizando. Adriana Piscitelli (2002) considera o termo gênero como um ato intencional, um gesto performativo que produz significados no cerne social.

Portanto, para as teorias pós-estruturalistas, o conceito de gênero privilegia um enfoque relacional e descontínuo, que abdica de investigações fundamentais das teorias essencialistas, biologizantes e médico-higienistas acerca das relações de gêneros, o corpo, o sexo e a sexualidade (LOURO, 1997, 2002; MEYER, 2005). “Os/As pós estruturalistas enfatizam o papel central da linguagem na comunicação, na interpretação e na representação do gênero” (SCOTT, 1995, p. 81)⁵. O termo relacional auxilia na perspectiva da análise na teoria feminista, uma vez que não só as mulheres são problematizadas, mas também os homens, uma vez que, muitas vezes, se posicionam no polo de poder da relação (SILVA,

⁵Ressalva-se que a linguagem para os/as estruturalistas não é sinônimo de palavras. A linguagem obedece a ordens simbólicas, gerando sistemas de significação. Esses sistemas são anteriores à fala, leitura e/ou escrita. (SCOTT, 1995)

2011). Porém, o conceito de gênero não é aqui restrito ao “relacional de dois”, fazendo alusão à Bento (2006).

Para além do conceito relacional de dois, o gênero como construto social tem, na abordagem pós-estruturalista, uma categoria de descontinuidade. Borrando a fronteira física dos sujeitos fálicos, o conceito de masculinidade que se apropria aqui é o de performatividade de gênero (BUTLER, 2008). “A partir das reiteraões contínuas, realizadas mediante interpretações em atos das normas de gênero, os corpos adquirem sua aparência de gênero, assumindo-o em uma série de atos que são renovados, revisados e consolidados no tempo” (BENTO, 2006, p. 87). A performatividade é produzida, reforçada e legitimada por corpos fálicos ou não, embaralhando fronteiras associadas a um reducionismo biológico. Berenice Bento (2006) recorre a um conceito de masculinidades sem homens a fim de trazer a ideia de uma descontinuidade, que muitos estudos não levam em conta, ao falarem de gênero restrito ao sentido dual e portanto, reiteram a lógica binária. O sentido de relacional então é um relacional de muitos, pois na construção de relações homossociais (WELZER-LANG, 2001) há uma produção de subjetividades e hierarquias sobre os gêneros. Os esforços dos estudos de matriz feminista na discussão das masculinidades avançam a barreira do “relacional de dois”. Agrega-se o valor do sentido relacional, na percepção de construção na esfera da sociabilização e não no relacional binário. O gênero precisa ser considerado como plural, uma vez que a proposta é borrar os limites das concepções binárias (BENTO, 2006).

Cabe aqui então, introduzir a produção de subjetividades no viés pós-estruturalista, as quais são consideradas fluidas, complexas, não determinadas, contestadas (PARAÍSO 2004; MARIANO, 2005; HALL, 2006). Rolnik (1997), ao escrever sobre as produções de subjetividades localizadas no pós-estruturalismo e sobre os processos de implosão de uma identidade hegemônica fixa, imposta, aponta para a geração de um nicho para o capital: a necessidade de tê-las, comprá-las e absorvê-las, como se fosse um recurso mercadológico e propagandístico. “Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade” (ROLNIK, 1997, p.19). Nos mercados sociais, qual o preço que se paga para obtê-la/s? Vasconcelos e Zago (2015), utilizando da biopolítica foucautiana, apontam para uma identidade masculina disputada no mercado de/das carnes: a masculinidade juvenil, viril. Paradoxalmente às “carnes boas”, ao corpo-que-importa, desenvolve-se no binômio identidade-diferença a produção, ou reconhecimento, de uma “carne podre (p.220)”, às moscas e disposta em estruturas sociais de gerenciamento e governabilidade dos corpos masculinos. Reflexo dessa produção de governabilidade, as identidades interseccionam com

marcadores que vão além do gênero, como é o caso da raça/etnia. Como cantada por Elza Soares, “a carne negra é a mais barata do mercado”⁶ que sistematicamente levam jovens homens negros pobres para “debaixo do plástico”⁷ como apontam Minayo (1990), Souza (2005), Waiselfisz (2014) e Cerqueira et al.(2017).

Em *Gender trouble*, Butler (2008) localiza a identidade num jogo de referências produzida como efeito da relação a um regime de diferenças. Os estudos culturais estão, nesse contexto, amplamente preocupados com a análise de discursos, significados e representações, com o objetivo de promover o diálogo entre as diferentes culturas, levantar questionamentos e problematizar a produção da diferença e das identidades (PARAÍSO, 2004).

Nos diálogos com a cultura, inserimos as relações sociais entre os sujeitos a fim de alcançar um debate sobre as relações de poder produzidas. Para isso, retomamos Scott (1995), para apresentar uma característica que a autora aponta para a conceituação sobre o termo gênero. Para ela, o gênero é capaz de dar primariamente significado às relações de poder. Tais relações são quaisquer relações humanas - institucionais, econômicas, amorosas, interações verbais. São relações tão diversas quanto possíveis, em que podemos encontrar situações e contextos, sob diferentes e (mais ou menos) complexas formas (MEDRADO; LYRA, 2008).

Para Foucault (1996, p. 244) o poder é exercido por mecanismos que se articulam num

[...] conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas.

Dessa forma, ao conceituar gênero é importante re/pensar o modo como as relações sociais se estruturam, pois instituem, normatizam e produzem masculinidades e feminilidades, num determinado contexto cultural, a cada época (CARVALHO, 2009). Vale registrar que Foucault não considera o poder como uma unidade coerente e estável, se fala em relações de poder. (REVEL, 2005). As relações de gênero perpassam o que Foucault chama de técnicas da sexualidade. Essas técnicas, segundo Revel (2005 p. 80), tornam-se, então, uma “interrogação sobre as maneiras pelas quais as práticas e os discursos da religião, da ciência, da moral, da política ou da economia contribuiram para fazer da sexualidade, ao mesmo tempo, um instrumento de subjetivação e uma ferramenta do poder”.

⁶ Recortes da música “A carne” de produção de Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette, eternizada na voz da cantora Elza Soares (2003)

⁷ Alusão à prática do Estado de cobrir os corpos mortos em público com plástico.

São produzidas, por meio de estratégias de poder, hierarquizações que convocam os sujeitos e os corpos a ocuparem posições de poder arbitrárias. A produção de verdades está baseada num processo que Foucault (1979) denomina como exercício do poder. Segundo ele, a produção de verdades é re/des/construída a partir das relações de poder, produzida mediante uma economia dos discursos. Para Foucault (1979, p.101):

[...] existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecerem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade, que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade.

Na sexualidade ou fora dela, a gramaticalização é a forma pela qual a máquina de Estado produz axiomas básicos que regulam os discursos por meio de mecanismos chamados de tecnologias do poder (FOUCAULT, 1999). Essas técnicas, centradas no corpo individual, produziram e ainda produzem um sistema de vigilância, hierarquias e inspeções que disciplinam e, eventualmente, punem os corpos.

Com o objetivo de trazer estudos que também pensam o gênero com tal pluralidade e dinamicidade das masculinidades e sobre a necessidade de se pensar sobre esse recorte é que recorreremos aos estudos masculinistas como arcabouço teórico necessário para discussão.

Estudos masculinistas e os olhares sobre as masculinidades

A composição desta seção teórica retoma a problematização do viés dual na categoria de gênero que apontamos. Cabe, então, alertar aos/às leitores/as que ao utilizarmos a palavra homem, não estamos contradizendo as perspectivas assumidas até então, pelo contrário. Usamos dessa escritura, a fim de pôr à mesa o quanto os estudos nesta área são vinculados a uma historicidade do binarismo de gênero. Portanto, o uso do termo homens recorre a um processo teórico histórico, marcado por um olhar binário e que, estudos como esse tentam repensá-lo, a fim de ampliar o debate. Portanto:

Quais os sentidos de ser homem, hoje em dia? Os homens estão mudando? Que homens são esses? Em que direções caminham essas mudanças? Até que ponto essas mudanças iriam ao encontro da ação política do movimento feminista, a curto, médio e longo prazos? Tais perguntas, levantadas no primeiro Seminário Homens: sexualidade e reprodução, em 1998 que aconteceu em São Paulo, revelam que as questões sobre masculinidades vem

sendo exploradas e que há um campo fértil de estudo na sociedade científica brasileira. O termo estudos masculinistas foi cunhado inicialmente, em países como Estados Unidos, França e Inglaterra para designar uma área de estudos sobre homens e masculinidades - “*men’s studies*”. O termo faz alusão aos estudos de matriz feminista sobre homens e masculinidades (SILVA, 2006).

Nas últimas décadas, a discussão sobre homens e masculinidades têm se consolidado em eventos nacionais e internacionais que visam a produção de conhecimento sobre os homens “a partir do enfoque de gênero, na interface entre a produção acadêmica, a atuação militante e a gestão pública” (BRASIL, 2017, p. 4). Mais recentemente, em 2017, o VI Colóquio Internacional dos estudos de Homens e Masculinidades realizado no Brasil organizado pelas instituições Gema/UFPE, Instituto PAPAI, IFF/Fiocruz, Instituto Promundo e MenEngage Brasil, levantou como tema central dos debates na contemporaneidade: “Masculinidades frente às dinâmicas de poder/resistência contemporâneas: pressupostos éticos, ideológicos e políticos das diversas vozes, práticas e intervenções no trabalho com homens e masculinidades” (BRASIL, 2017, p. 5). Neste congresso, pela primeira vez, a fala de abertura teve a presença de um dos mais reconhecidos nomes sobre a transexperiência masculina no país: João Nery. Pode-se perceber que os estudos masculinistas no país abarcam problematizações frutíferas nas últimas décadas na comunidade acadêmica e que, apoiadas por diversas instituições como Grupo de pesquisas em Sexualidade Masculina e Paternidade (GESMAP), o Núcleo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (GEMA/UFPE), o Instituto PAPAI e a Rede Feminista Norte-Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero (UFBA/REDOR), os congressos internacionais Fazendo e Desfazendo Gênero, que produzem um arcabouço literário, político e social sobre as masculinidades na promoção de equidade de gênero e ação feminista.

As relações de masculinidades, são fundamentadas em uma hipótese apresentada por Daniel Welzer-Lang (2001) sobre o duplo paradigma naturalista que sustenta a relação hierárquica da masculinidade hegemônica em detrimento das outras. Welzer-Lang propõe que esse duplo paradigma se ancora

1. na pseudo natureza superior dos homens, que remete à dominação masculina, ao sexismo e às fronteiras rígidas e intransponíveis entre os gêneros masculino e feminino; 2. a visão heterossexuada do mundo na qual a sexualidade considerada como “normal” e “natural” está limitada às relações sexuais entre homens e mulheres (WELZER-LANG, 2001, p.460).

O paradigma naturalista sofreu processos de relativizações no decorrer das produções científicas, mas ainda mantém esse paradigma como plano de fundo. No Brasil, as relativizações acerca das masculinidades ganharam maior visibilidade com a publicação de Nolasco (1993), que ao questionar o masculino como dilema contemporâneo, retrata a problematização que diversos estudos vêm fazendo sobre as masculinidades hegemônicas. De maneira geral, a masculinidade hegemônica é um conjunto de atitudes, práticas e expectativas que definem a masculinidade apropriada. Essa apropriação é fruto da legitimação do patriarcado e da sociedade falocêntrica (CONNELL, 1995).

Tendo como modelo de referência o patriarcado, o conceito de masculinidade hegemônica assume que no âmbito das relações de gênero é configurado por meio de uma dominação masculina e de subordinação feminina (CONNELL, 1995) “El patriarcado es un sistema social en el cual los hombres gozamos de privilegio. Como los hombres somos los privilegiados, la masculinidad también lo es. La masculinidad es el conjunto de características y roles general y típicamente asociados a los hombres” (HERNANN, 2017, p. 56). Quanto ao termo “hegemonia”, não está relacionado ao caráter de maioria, ou seja, não quer dizer que a maioria dos homens pertençam a ela, mas que os consensos discursivos que se encontram em diversas identidades masculinas efetivam e legitimam o plano de fundo hegemônico das identidades masculinas (CONNELL, 1995; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Sendo a hegemonia então, um conceito relacionado à prática, reitera-se o conceito de performatividade apropriado de Butler (2007), pois:

Os homens podem adotar a masculinidade hegemônica quando é desejável, mas os mesmos homens podem se distanciar estrategicamente da masculinidade hegemônica em outros momentos. Conseqüentemente, a “masculinidade” representa não um tipo determinado de homem, mas, em vez disso, uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 257).

Para Foucault, o conjunto de enunciados, que se apoiam em um sistema de formação, produzem o discurso. Esses enunciados se ligam e obedecem às regras de formações discursivas (FOUCAULT, 2008). Então, ao retomar o patriarcado e a cultura falocêntrica, Nolasco (1993), propõe repensar o masculino em novos cenários socioeconômicos e histórico-culturais. Em “O mito da masculinidade”, Nolasco (1995) explicita a socialização dos meninos, para pontuar que as relações entre os jovens homens e entre outras figuras masculinas são pedagógicas, ensinando ocultamente ou explicitamente, o modo de ser homem, os anseios que se esperam dos meninos e, o certo e errado das representações

masculinas, pois “ao longo da vida, um homem passará por experiências que lhe ensinarão o que significa desempenhar o papel masculino” (NOLASCO, 1995, p.21).

Sobre as transformações do masculino [para alguns escritores, “a crise do masculino” (SILVA, 2000; OLIVEIRA, 2000; PERETTI, NOGOSEKE, SOUZA, 2011; BOSCHILIA, 2012)], Nolasco (1995, p.27) assinala que “o masculino, enquanto verdade e modelo vem sofrendo sucessivas relativizações, chegando a ser um recurso de linguagem utilizado no cotidiano para sinalizar algum tipo de jogo estabelecido entre indivíduos”. Essas implicações vêm sendo problematizadas, mas elas ainda são plano de fundo para a construção subjetiva das masculinidades.

No que se refere à subjetividade, recorreremos a Traverso-Yépez e Pinheiro (2005) que sistematizaram o conceito de Mary Jane Spink e Benedito Medrado (1999), e afirmam que a subjetividade:

[...]está marcada pelos conteúdos culturais oriundos da história da civilização, pelos processos de socialização vivenciados e, ainda, pelos processos dialógicos em cada momento de interação. Igualmente, estão presentes expectativas, planos e projetos de futuro de cada pessoa, evidenciando-se os impactos dos diferentes contextos de desenvolvimento, profundamente entrecruzados com as estruturas de poder e/ou dominação, bem como com os valores, crenças e mitos vigentes em cada grupo social específico (TRAVERSO-YÉPEZ; PINHEIRO, 2005, p.86)

Para Soares (2000, p.152), o conceito de subjetividade “não é um eu coerente e unificado, mas construída por uma série de identificações (conscientes e inconscientes), que envolve adesão, como também resistências e contestações que impedem um perfeito ajuste entre o pretendido e sua realização”.

No caso das masculinidades, os sujeitos constroem suas teias de representações sobre o masculino, a partir de suas identificações com o mundo social. “O processo de formação da subjetividade masculina ocorre a partir de algumas interdições que estarão presentes ao longo da vida dos homens” (BENTO, 2015). No processo de construção das subjetividades o papel da experiência (LAURETIS, 1994) na realidade social é permeado por historicidade e por experiências localizadas. “Compreender a organização das subjetividades, portanto, implica vinculá-las às experiências concretas” (BENTO, 2006, p. 99). É no mundo social, mediado por diversas pedagogias culturais, que se ensina a hegemonia do masculino, por muitas vezes esquecendo, ou arbitrariamente hierarquizando o conceito de múltiplas subjetividades masculinas (BENTO, 2015), inclusive para além do corpo fálico (BENTO, 2006).

Problematizar a hegemonia tem sido a tendência dos movimentos que fundamentam uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre as masculinidades, também chamados de "estudos masculinistas", que reiteram a concepção de re/des/construção de uma masculinidade hegemônica que "nega as diversidades próprias dos homens, que têm classes sociais, raças/etnias, orientações sexuais, graus de escolaridade diferentes. Fazem das masculinidades alternativas, vistas como subordinadas, e assim “desempoderando-as” (MEDRADO et al. 2004, p.49).

Os sujeitos que pertencem à masculinidade hegemônica são legitimados no seio da cultura e sociedade no polo superior do poder, aqueles que se distinguem dos padrões esperados, estão, então, no polo inferior da relação de poder, as chamadas masculinidades subordinadas. Os padrões de hegemonia masculinos não se assumem como o normal, mas certamente é normativa dos corpos e práticas. “Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e, legitima ideologicamente a subordinação das mulheres aos homens” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.245) e entre homens (WELZER-LANG, 2001).

Situando, pois, esta argumentação nos estudos culturais e de gênero, a masculinidade:

[...] não é uma unidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.250).

Reconhecer tal multiplicidade mostra-se interessante e importante, pois traz as masculinidades a um contexto de relações hierárquicas. Essas relações, em consenso cultural, e centradas nos padrões dos discursos produzem padrões nos quais os sujeitos se posicionam hierarquicamente (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Configurá-las, pode mostrar os filtros que as definem e a influenciam de diversos aspectos em suas construções, sejam elas hegemônicas ou subalternizadas. Os sujeitos que reiteram a norma hegemônica (homem, heterossexual, branco, classe média urbana, cristão, saudável), aqueles que fogem a esse padrão, são desempoderados por estratégias de poder e definidos como sujeitos abjetos⁸ e podem sofrer sanções sociais, de exclusão, marginalização e subalternidade (BUTLER, 2008). Nesse viés, “A norma não é simplesmente um princípio, não é nem mesmo um princípio de

⁸ Aqueles/as que fogem à norma, são chamados/as por Butler (2008) de sujeitos abjetos, designação para aqueles que não se enquadram nos padrões da hegemonia, sendo considerado anormal, esquisito, estranho. Os corpos abjetos são aqueles que não deveriam existir, mas que, paradoxalmente, dão os contornos para os padrões hegemônicos.

inteligibilidade, é um elemento a partir do qual certo exercício de poder se acha fundado e legitimado” (FOUCAULT, 2001, p. 62).

As práticas e discursos hegemônicos, relatadas por Câmara em sua tese “Gênero e sexualidade na revista *Sexy*: um roteiro para a masculinidade heterossexual”, educam um olhar masculino mascarado de uma naturalização, de uma possível essência sexual masculina (CÂMARA, 2007). Essa essencialização, destacada por Câmara, representa o poder que artefatos culturais re/produzem sobre a heterossexualidade. Legitimada discursivamente como integrante de uma suposta “essência” masculina, a heteronormatividade é instaurada nos discursos e disseminada, ao configurar o homem hegemônico.

Sobre a heteronormatividade, Louro (2009, p. 90) afirma:

Supõe-se, segundo essa lógica, que todas as pessoas sejam (ou devam ser) heterossexuais – daí que os sistemas de saúde ou de educação, o jurídico ou o midiático sejam construídos à imagem e à semelhança desses sujeitos. São eles que estão plenamente qualificados para usufruir desses sistemas ou de seus serviços e para receber os benefícios do Estado. Os outros, que fogem à norma, poderão na melhor das hipóteses ser reeducados, reformados (se for adotada uma ótica de tolerância e complacência); ou serão relegados a um segundo plano (tendo de se contentar com recursos alternativos, restritivos, inferiores); quando não forem simplesmente excluídos, ignorados ou mesmo punidos.

É nesse cenário que são reiteradas práticas que levam à subjugação das masculinidades não hegemônicas. Exemplo dessas estratégias de poder são as ações e discursos misóginos, lesbofóbicos, homofóbicos, transfóbicos e bifóbicos, isto é, contra mulheres, LGBTI-Lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, travestis e intersexos, que caracterizam-se pela atitude hostil e arbitrária, considerando-os como inferiores (BORRILLO, 2010) ou abjetos (BUTLER, 2001). Como consequências das tais definições arbitrárias sobre masculinidades estão, além das práticas discriminatórias, os processos de exclusão social (GALINKIN, ISMAEL; 2011).

Porém, o exercício de poder não é apenas repressivo (FOUCAULT, 2008), ele é capaz de produzir positivities. No caso dos estudos masculinistas:

Muitas abordagens sobre a masculinidade hegemônica incluem ações “positivas”, como trazer para a casa um ordenado, sustentar uma relação sexual e ser um pai. De fato, é difícil enxergar como o conceito de hegemonia seria relevante se apenas as características do grupo dominante fossem a violência, a agressão e o egocentrismo. Tais características talvez signifiquem dominação, mas raramente constituiriam hegemonia – uma ideia que embute certas noções de consenso e participação dos grupos subalternos (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.255-256).

Para Connell e Messerschmidt (2013), as críticas sobre a falta de “positividades” nos estudos sobre masculinidades refletem as relações práticas dos sujeitos com o imaginário social masculino. Compreender as múltiplas faces das masculinidades é um desafio nas produções teóricas e, por esse motivo, nem sempre as pesquisas se propõem a apresentar um panorama que atribua a positividade das relações de poder. Para superar este viés, Oliveira (2000) propõe que, para entender a dinâmica das masculinidades no seio de um processo social, se permita o discurso crítico, uma vez que “aos discursos sobre a masculinidade que não se restringem a recolher explicações sobre as mazelas da condição masculina, mas, antes, criticam esta perspectiva, além de acrescentar à discussão outros aspectos da masculinidade contemporânea, atribuímos o nome de críticos” (OLIVEIRA, 2000, p. 101).

Assim, pelo caráter de importância que as discussões de gênero instauram diante dos discursos e representações no cerne social, precisamos falar sobre as masculinidades com maior seriedade e rigor, para homens e mulheres, a fim de que se problematizem as práticas que vão atualizando e modificando os conceitos sobre masculinidades e propondo modos alternativos de produzir enunciados no âmbito acadêmico - biologia, psicologia, pedagogia - e além dele. Para isso, é preciso escavar as camadas verticais e descontínuas dos discursos (FOUCAULT, 2001) com estudos que visem conhecer como se dão a construção das subjetividades masculinas e os processos que as legitimam, na contemporaneidade. Além disso, a busca pelo entendimento desse fenômeno é uma ferramenta necessária para a disseminação de ideias que colaborem no processo de produção de fissuras na lógica do masculino hegemônico como único plano de fundo para a construção das masculinidades, pluralizando-as e abordando inclusive, e principalmente, as juvenis.

Juventudes

Antes de tecer argumentações sobre juventudes, faz-se necessário apresentar o panorama da concepção deste vocábulo. O termo muitas vezes é confundido com adolescência. Não os utilizaremos como sinônimos, pois, o termo adolescente está, frequentemente, associado primordialmente à idade cronológica como uma fase de transição entre a criança e o adulto (LEÓN, 2005), silenciando, por vezes, que:

[...] este processo de transição acontece num contexto social com significados diferentes [...] alterando-se conforme o contexto histórico, social, econômico e cultural. O aprofundamento da reflexão acerca do conceito de juventude conduz à percepção de que este conceito se revela complexo, propenso a ambiguidades e, em alguns casos, simplificações (AMARAL 2011, p.18-19).

É assim, então, que a concepção de juventude ultrapassa o conceito cronológico e acrescenta a ele aspectos sociais e culturais vivenciados por diversos sujeitos. Essas vivências extrapolam a percepção de um determinismo no qual todos/as os/as jovens experimentam de maneira única essa etapa do desenvolvimento humano. Assim, amplia-se a concepção de juventude às juventudes “que diferem segundo condições sociais e históricas específicas” (CATANI, 2008, p.11). Considerando as juventudes como plurais, experienciadas e situadas, utilizaremos o conceito de “culturas juvenis” (DAYRELL, 2010; CATANI, 2008; REGUILLO, 2007; WELLER, 2005).

Em geral, tem-se como premissa que as culturas produzidas pelos jovens são construídas a partir de uma relativa autonomia, não se caracterizando como mera reprodução do mundo adulto e das instituições tradicionais. Destaca-se, da mesma forma, que, embora as culturas juvenis pertençam à cultura geral da sociedade, têm a singularidade de um conjunto de bens materiais e simbólicos, com significados próprios de seu tempo e das relações sociais estabelecidas cotidianamente (GUIMARÃES; DUARTE, 2011, p. 146).

Nesse estudo, tomaremos como base o termo juventudes “a partir da desmistificação desta categoria enquanto somente natural e biológica, posto que se configura como uma construção social, variando conforme as diferentes culturas e ainda no interior de cada cultura” (NASCIMENTO; CRUZ, 2016, p.46), seja na relação etária e geracional, como o caso dos infantes, adultos e idosos, ou interseccionalizada com outras perspectivas, como “de agrupamento e organização, classes sociais, diferenças étnicas e religiosas, peculiaridades regionais e de gênero” (GUIMARÃES; DUARTE, 2011, p. 144).

Weller (2005) destaca que as visões das culturas juvenis nem sempre se configuraram deste modo. Elas passaram a adquirir reconhecimento como parte da construção cultural quando desenvolveram pensamentos que relacionavam jovens como categoria social e geracional específica, sustentados através da autonomia adquirida pelos estudos na área. Corroborando Weller (2005), Martins e Carrano (2011, p. 44) apontam que “os jovens possuem um significativo campo de autonomia perante as instituições do denominado “mundo adulto” para construir seus próprios acervos e identidades culturais”.

As resistências e discussões das culturas juvenis sobre os campos das identificações teóricas encontraram-se ancoradas em uma discussão sobre duas tendências de análise (PAIS, 2003).

Uma delas está relacionada a uma fase da vida, de caráter transitório que parece responder de maneira uniforme e homogênea às questões que se

apresentam para a sociedade. É o sujeito que será sem nunca ter sido. Corresponde a um período de preparação, de gestação do ser adulto, por onde todos deverão necessariamente passar para ter direito a uma nova vida – o mundo adulto. Desse modo, pode-se crer que a juventude seria o mais longo rito de passagem que o homem estaria destinado a vivenciar. A outra possibilidade está relacionada ao fato de que cada grupo juvenil pode ser constituído a partir das diferentes realidades sociais nas quais estão submetidos. O desenho de cada cultura juvenil poderá ter não só o contorno como também as cores determinadas pelas questões de classe, relações de poder, diferentes inserções sociais, econômicas, políticas e culturais assim como pelos interesses específicos de cada grupo (MARTINS; CARRANO, 2011, p.51).

Endossamos, portanto, a assertiva da juventude na segunda tendência, aquela que é interseccionada por regulações sociais múltiplas, e por esse motivo, costuramos nossa conversa teórica com os Estudos culturais, para abrir o leque de possibilidades de interpretações e concepções desta categoria plural.

Os estudos sobre juventudes

O que se percebe nos estudos relacionados aos termos juventudes e adolescência é que, na grande área da psicologia o segundo vem sendo, em geral, mais utilizado como categoria analítica, sendo percebido o sujeito e suas relações entre processos e transformações em suas análises e delimitações. Já os estudos das disciplinas das ciências sociais e humanas se apropriam da categoria juventudes, entre eles os estudos culturais, sociológicos, antropológicos, da educação e história (SILVA; LOPES 2009; FREITAS, 2005; BAJOIT, 2003). Nas últimas, “a partir de sujeitos particulares, o interesse se concentra nas relações sociais possíveis de estabelecer-se entre os mesmos e as formações sociais, na identificação de vínculos ou rupturas entre eles” (LEÓN, 2005, p.11).

Assim, a adolescência em geral é pensada na perspectiva etária, das transições fisiológicas do corpo das áreas sexual, intelectual e físico/motora. Já o conceito de juventude abrange além dos escopos etário e físico, o desenvolvimento de características sociais, culturais e de identidades. Além de que, para a juventude, não existe uma faixa etária exata e homogênea entre os/as estudiosos/as, para alguns/as autores/as a juventude pode ser dos 12 aos 18 e outros/as até os 35 (CEPAL; OIJ, 2004).

No que diz respeito às políticas públicas no Brasil, as implicações dos termos (juventude e adolescência) não vem sendo uma problemática, “ora se superpõem, ora constituem campos distintos, mas complementares, ora traduzem uma disputa por distintas abordagens” (FREITAS, 2005 p.6). Uma vez que ambos são considerados importantes fases

da vida do sujeito, estão sendo pensadas cada vez mais ações sociais, programas e políticas que lutem pelos seus direitos. Exemplo disso é o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Baseados na Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990, o ECA, é uma legislação preocupada em estabelecer às crianças e adolescentes (12 aos 18 anos, quando então atingem a maioridade penal) como sujeitos de direitos, pensados como atores/atrizes sociais, cidadãos/ãs e com “exigências” particulares a sua compreensão de jovens. Tal lei, em casos excepcionais, pode ser aplicada a pessoas entre 18 e 21 anos como descrito no Art. 2º, parágrafo único (BRASIL, 2001).

É nesse panorama que a temática das juventudes, para além da adolescência, se coloca como um paradigma político no Brasil, causando uma demanda de novos diagnósticos e respostas no plano das ações sociais, políticas públicas e econômicas (SPÓSITO; CARRANO 2007). É neste cenário que introduzimos a relevância de se construir um diálogo nos estudos de juventudes com as masculinidades, uma vez que discussões dentro e fora da academia buscam maior compreensão das conjunturas sociais, relacionais e descontínuas a partir dos quais jovens reforçam, elaboram e re/constroem suas visões de mundo e identidades (WELLER, 2005b).

Corroborando os estudos que se propõem relacionar essas temáticas, Weller (2005b, p.103) pontua que “estudos e pesquisas sobre Juventudes, Sexualidades e Relações de Gênero não contam com um espaço consolidado de divulgação, dificultando a reflexão e troca de experiências entre pesquisadores, profissionais e interessados pela temática”. Por isso, fazem-se necessárias pesquisas e estudos voltados para compreensão de vivências e subjetividades dos contextos específicos, para jovens em sua diversidade e complexidade. (PAIS, 1993)

Como nos propomos ao estudo das relações entre masculinidades e juventudes, é imperativo que abordemos, brevemente, os processos de entrelaçamento com as teorias de feministas e de gênero, a fim de compreendermos a multiplicidade dos marcadores culturais e estilos de vida das juventudes.

Juventudes e gênero

Acrescentando a discussão das juventudes ao cenário cotidiano, são nas representações com diversos artefatos culturais, sociais, históricos que jovens constroem olhares sobre a vida e sobre si próprio/a, como pontua León (2005, p.14):

O juvenil nos remete ao processo psicossocial de construção da identidade e o cotidiano, ao contexto de relações e práticas sociais nas quais o

mencionado processo se realiza, com fundamentos em fatores ecológicos, culturais e socioeconômicos [...] Ocorre um reconhecimento de si mesmo, observando-se e identificando características próprias (identidade individual); este processo traz consigo as identificações de gênero e papéis sexuais associados.

Com base nas reflexões teóricas feministas e de gênero, problematizamos uma discussão sobre olhares nas culturas juvenis, não somente como espaço de re/construção conceitual, mas de experiências e visões de mundo de jovens que visem “discutir as implicações da socialização de gênero para as diferentes vivências da adolescência” (TRAVERSO-YÉPEZ; PINHEIRO, 2005, p. 147). Os olhares sobre essas questões de gênero e masculinidades perpassam toda a vida do indivíduo, todavia na juventude são vivenciados na relação com diversos fatores, entre eles, sociais, psicológicos, econômico, cultural e histórico (PAIS, 2003; PERALVA, 2007; FÁVERO et al., 2007; AMARAL, 2011). A subjetividade está relacionada à forma como cada ser a vive em virtude da sua origem social, das referências que assume e como dialoga durante suas vivências, além de outros fatores sociais (AMARAL, 2011).

Relacionando gênero com as juventudes, os marcos teóricos das duas perspectivas teóricas possuem discussões historicamente distintas e por isso, complexas de serem analisadas cruzando-as. Para isso é importante a análise de saberes localizados associados à um rigor teórico-metodológico, como aponta Eva Breitenbach⁹ (2001, p. 169 apud WELLER, 2005, p.112):

Assim como o gênero, e somente em relação a ele, a juventude deve ser definida de forma precisa e compreensiva. Essa construção de juventude ainda não foi desenvolvida empiricamente com o mesmo rigor e tampouco refletida teoricamente da forma como sucedido com [o conceito] de gênero.

O que se pode inferir sobre essa relação é que assim como os/as estudiosos/as de gênero, os/as pesquisadores/as que se propõem a pensar sobre as juventudes, devem pensá-las não como uma fase da vida ou como instituição social apenas. O que se propõe ao interseccionar gênero e juventudes é a desconstrução de concepções sobre a juventude linearizada, abrindo a análise para uma “fase de experiências marcadas por corpos e gêneros, como um conjunto de múltiplas referências situadas socioculturalmente” (MAGRO, 2003, p. 178). Assim,

⁹ BREITENBACH, Eva. “Sozialisation und Konstruktion von Geschlecht und Jugend. Empirischer Konstruktivismus und dokumentarische Methode.” In: BOHNSACK, Ralf et al. (Orgs.). **Die Dokumentarische Methode und ihre Forschungspraxis**. Opladen: Leske + Budrich, 2001. p. 165-178.

Tal perspectiva teórica propicia maior sensibilidade e abertura do/a pesquisador/a para com as distintas manifestações juvenis e suas formas de contestação das normas reguladoras vigentes nas sociedades em que vivem, sem cair no risco de caracterizar suas ações práticas como progressivas ou regressivas, como irracionais ou de caráter apenas consumista (WELLER, 2005, p. 113).

No que se refere às masculinidades, as formas de socialização de jovens são marcadas por rituais de masculinidades, reforçando aspectos de violência, agressividade, autodeterminação, que colocam o masculino hegemônico no centro das representações de poder e de dominação (WELLER, 2005b; PINHO, 2005).

É, portanto, situando esta pesquisa nas concepções e vivências de juventudes e masculinidades que interrogamos categorias que permitem não apenas uma melhor compreensão do mundo de referenciais, signos e significados de masculinidades juvenis, mas também do panorama de suas inserções nos escritos (PERALVA, 2007). “Importante no debate seria perceber que não existe uma forma natural de masculinidade, mas muitas masculinidades eventualmente conflitantes” (PINHO, 2005, p. 138).

A fim de mostrar a multiplicidade de trabalhos sobre masculinidades e juventudes e suas interseções utilizaremos a modalidade de pesquisa estado da arte, a partir da plataforma *online* de Periódicos da CAPES, que possui grande circulação e importância na realidade acadêmica nacional na tentativa de compor uma geografia das masculinidades entrelaçadas às juventudes.

CAPÍTULO 2: ESTADO DA ARTE DOS ESTUDOS DE MASCULINIDADES E JUVENTUDES NA PLATAFORMA DE PERIÓDICOS CAPES DE 2000 A 2017

1. Trajetória metodológica em busca dos escritos

Este capítulo tem como objetivo fazer uma análise sistemática da literatura por meio de um estado da arte, que entrelaça os estudos de masculinidades relacionados à juventude sob a ótica dos estudos de gênero. Ao propor esse capítulo, pretendemos destacar a importância de estudos com matriz feminista nos estudos de masculinidades e juventudes, no cenário sócio-político no qual se encontra a escrita desta dissertação.

A modalidade de pesquisa do estado da arte sofre diversas relativizações quanto às suas concepções e limitações epistemológicas. Todavia, esta modalidade de pesquisa nos permite olhar para os escritos e analisar os conhecimentos acumulados sobre uma determinada área, em determinado contexto histórico e social. Concordamos com Melo (2006) quando afirma que:

[...] esse tipo de pesquisa não é apenas uma revisão de estudos anteriores, mas busca, sobretudo, identificar as convergências e divergências, as relações e arbitrariedades, as aproximações e contrariedades existentes nas pesquisas e apresentam indícios e compreensões do conhecimento a partir de estudos acadêmicos (MELO, 2006, p. 62).

As pesquisas de estado da arte possuem um caráter bibliográfico e descritivo, com objetivo de mapear e de discutir certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, na tentativa de esclarecer os aspectos e dimensões que vêm sendo destacadas em diferentes épocas e lugares e, de que forma e condições vêm sendo produzidas (FERREIRA, 2002). Além disso, almeja-se levantar questionamentos sobre as lacunas que a produção dos estudos masculinistas possui ao se articular às investigações sobre as juventudes nas publicações do Portal de Periódicos da CAPES, no período de 2000 a 2017.

Connell e Messerschmidt (2013) propõem que as análises sobre as produções teóricas das masculinidades hegemônicas sejam analisadas em três níveis: o local, o regional e o global. Cada um desses níveis refere-se a uma construção teórica que leva em consideração uma geografia das masculinidades. Essa geografia alerta que os estudos masculinistas estejam atentos às subjetividades encontradas nos estudos distribuídos pelo globo e que, não sejam essencializadores de uma masculinidade. Atentar-se para esse viés, pressupõe que consideremos os conceitos sobre as masculinidades possíveis de serem cambiáveis, fluidos e que, ao serem conceituados, se transformem em importantes discussões nas políticas de

gênero. O caráter local refere-se a pesquisas construídas no nível de interação face-a-face, em instâncias de regulações sociais como a família, a comunidade e organizações, sendo este o aspecto micro. Aquelas conceituadas como pesquisas regionais estão ancoradas nos níveis da cultura, ou da nação, que apresentam as análises de políticas públicas e pesquisas sobre a construção discursiva das masculinidades. Por fim a pesquisa global, de escala macro, leva em consideração a associação de políticas mundiais, mídia e relações internacionais, que relacionam as masculinidades à globalização.

O estado da arte, que encontrará produções de diversas geografias das masculinidades, gera uma articulação entre os tipos de pesquisa realizadas com masculinidades, uma vez que pode ser enunciado assim:

Instituições globais pressionam ordens de gênero regionais e locais, ao passo que ordens de gênero regionais fornecem materiais culturais adotados ou retrabalhados em arenas globais e também modelos de masculinidade que podem ser importantes para as dinâmicas de gênero locais (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.267).

Neste estado da arte, procuramos fazer uma análise quanti-qualitativa da produção sobre as masculinidades e juventudes em um banco de dados que reúne teses, dissertações, artigos de periódicos nacionais e internacionais, resumos e artigos publicados em anais de eventos, a fim de tecer considerações sobre as investigações que articulam masculinidades e juventudes, atentando-se para sua pluralidade e interseccionalidades.

Assim, ao analisarmos a produção científica do Portal de Periódicos CAPES, acreditamos que ela abrangeu um recorte das produções globais e, como elas interagem com as construções regionais e locais sobre as masculinidades juvenis.

Mapear esse panorama de produção sobre as masculinidades e juventudes visibiliza o quadro de desenvolvimento de perspectivas e análises de muitos esforços de pesquisadores/as masculinistas. A produção acadêmica nos estudos de homens e masculinidades começou contemporaneamente aos estudos feministas e de gênero, desde a década de 1960. Porém, foi a partir de meados dos anos 1980, que a produção começou a ser reconhecida e passou a grandes números. Até antes do Movimento de Liberação das Mulheres, havia produção teórica sobre uma falácia dos “papeis sexuais do homem”. A psicologia social e a sociologia reconheceram a natureza social da masculinidade e as possibilidades de transformação da conduta dos homens. Porém, as afirmações sobre a conceituação de papeis ligados ao masculino logo ganharam críticas nos anos 1970. Tais críticas se baseavam em que essas

determinações de papéis reforçavam o padrão sexista e isso teve como efeito uma produção na literatura que problematizasse as normas de comportamentos e efeitos homogeneizadores do papel sexual do homem (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). E, mais recentemente, uma proposta de problematização de masculinidades sem homens (BENTO, 2006), transmasculinidades (GROSSI, 2010; 2013) e masculinidades femininas (HALBERSTAM, 1998).

Os estudos masculinistas estão em crescimento na psicologia, psicologia social, sociologia, antropologia e diversas ciências sociais, abarcando discussões no contexto nacional e internacional. Esses estudos sob diversas vertentes, enunciam a pluralidade das masculinidades e as assimetrias e hierarquizações de gênero, que nascem das relações sociais (KONRATH, 1996; RAMIRES, 1997; SARAIVA, 1998; SOARES, 2000; SCHWALBE; WOLKOMIR, 2003; MEDRADO et al., 2004; TONELI, 2006; MEDRADO; LYRA, 2008; PRETTO, 2008). Desde a década de 1980, há um aumento dos estudos sobre as masculinidades, incluindo homens (CONNEL, 1995), homens trans (BENTO, 2006) e masculinidades femininas (HALBERSTAM, 1998) em discussões sobre a sexualidade e os direitos reprodutivos, reflexo dos estudos de gênero encabeçados pelos movimentos feministas (TONELI, 2006; PRETTO, 2008).

Dado o crescimento dos estudos das masculinidades no país e das lacunas ainda existentes, faz-se necessário identificar quais são as tendências dessas pesquisas, organizando e sistematizando a produção existente por meio de um estudo de revisão sistematizada e analítica da produção bibliográfica, chamado estado da arte. Assim, pretendemos, de maneira específica, identificar, analisar e categorizar de que forma os Estudos masculinistas estão entrelaçados com as juventudes em artigos, de modo a destacar o enfoque que está sendo dado às pesquisas nessa temática; em quais áreas há maiores publicações e em que partes do Brasil e, fora dele, esses trabalhos estão sendo desenvolvidos.

2. Tratando dos (com os) escritos- procedimentos de acesso aos periódicos

O banco de dados selecionado para análise foi o Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Este portal é uma plataforma virtual que reúne e disponibiliza publicações científicas às instituições de ensino e pesquisa no Brasil, uma vasta produção científica nacional e internacional. Este programa, que tem início nos anos 2000, conta com um acervo de mais de 38 mil títulos, com texto completo em 134 bases referenciais, disponibilizando desde referências e resumos de trabalhos acadêmicos e científicos até normas técnicas, patentes, teses e dissertações, dentre outros tipos de

materiais, cobrindo todas as áreas do conhecimento (PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES, 2017). Entre eles aparecem associações com outros bancos de dados com SCIELO (*Scientific Eletronic Library Online*), Google Acadêmico e diversos bancos *online* de Universidades do Brasil e internacionais (públicas e/ou privadas). Por esse motivo, escolhemos a utilização deste sítio *online* como único banco de dados para pesquisa, por seu caráter de referência nacional e, pela articulação com outros bancos de dados.

Durante a pesquisa, rejeitamos o acesso ao banco de teses e dissertações e acolhemos apenas artigos publicados, pois já existe uma análise sistemática de literatura que possui um recorte dos anos de 2000 a 2015, publicado na revista *Ártemis*, de autoria de Juliana Sulz e Frederico Cardoso que apresentam um panorama sobre as políticas de masculinidades abordadas em dissertações de mestrado e teses de doutorado, de instituições públicas e privadas de ensino superior, de todo o território nacional (SULZ; CARDOSO, 2016). Além disso, grande parte das dissertações e teses são publicadas sob a forma de artigos. Nessa pesquisa, foram encontradas produções acadêmicas com diversas e plurais abordagens das masculinidades, mostrando as variadas possibilidades dos estudos de gênero no âmbito da discussão masculinista.

Como critério de busca foram utilizadas 5 palavras-chave no Portal de Periódicos da Capes combinadas. Os operadores *booleanos* serviram de técnica de pesquisa essencial para a busca, em revisão por pares, dos artigos disponíveis, reduzindo a repetição de trabalhos com mesmo título. Os descritores empregados foram: Masculinistas; Masculinidade; Juventude; Juvenil e Gênero. Para garantir a produção internacional, recorreremos ao uso das mesmas palavras em inglês (“Masculinity”, “Juvenile” e “gender”) e espanhol (“Masculinidad”, “Juventud” e “género”).

Os documentos encontrados passaram por um processo de triagem, sendo selecionados somente artigos no cenário nacional e internacional, a partir do recorte temporal de 2000 a 2017. A busca aconteceu nos meses de Julho de 2017 a Janeiro de 2018. Por encontrarmos na literatura uma vertente que critica a produção de estado da arte baseada apenas em leituras de resumos (FERREIRA, 2002), adicionamos um filtro essencial na configuração deste trabalho: apenas trabalhos completos foram analisados, para garantir o aprofundamento no processo de categorização. Com os trabalhos completos, pode ser dada maior exatidão aos dados selecionados como locais de produção, teorias que os embasam, resultados gerais, processos metodológicos e conclusões. Portanto os critérios de inclusão foram:

1. Ser publicado entre o período de 1º de Janeiro de 2000 até dia 31 de dezembro de 2017;
2. Possuir o artigo completo disponível e gratuito;

Quanto aos critérios de exclusão, foram:

1. Possuir trabalho incompleto ou indisponível;
2. Estar em plataformas pagas;
3. Teses e dissertações, pois já foram encontradas análises nesses documentos sobre masculinidades e juventudes e, em geral, são publicadas como artigos.
4. Trabalhos com mesmo título.

Por meio da leitura completa dos artigos, foram criadas categorias com relação aos/as autores/as, ano, tipo de publicação (revista ou anais de evento), local onde foi desenvolvida a pesquisa, abordagem, objetivos e principais conclusões das produções. Alguns documentos não puderam ser acessados, pois as bases de dados nas quais os periódicos se encontravam eram de acesso restrito para a Universidade Federal de Sergipe, de onde a base foi acessada, ou necessitavam de inscrição no *site* e pagamento *online*. Por isso, esses artigos também foram excluídos da análise.

Essas informações foram organizadas em uma planilha Excel e transformadas em dados gráficos e tabelas, possibilitando alcançar resultados e considerações, reunindo técnicas de análise qualitativa e quantitativa. Para Oliveira (2005), com esta combinação de técnicas, além de fugir do reducionismo diante do tratamento dos dados, obtêm-se resultados mais completos, ricos e aprofundados.

Na tabela 1, apresentamos como se deram os resultados da busca, antes e depois dos filtros para a análise:

Tabela 1: Relação de trabalhos encontrados antes e depois dos filtros de análise

Descritor	Antes	Depois
“Masculinista”	60	17
“Masculinidade and juventude” or “Masculinidade and juvenil”	113	87
“Masculinity” and “Juvenile” and “gender”	32	12
“Masculinidad” and “Juventud” and "género"	159	60
Total	364	176

Os artigos foram categorizados segundo: 1. Ano de publicação; 2. A ligação dos/as autores/as com instituições de ensino; 3. A localidade da publicação do trabalho; 4. Enfoque do trabalho; 5. Metodologias utilizadas pelos/as autores/as e 6. Principais resultados encontrados. As informações foram recolhidas do trabalho completo, mas aqueles trabalhos que não continham todas as informações propostas pelo estado da arte foram pesquisados na

internet pelas plataformas das instituições que os/as autores/as são vinculados/as, pelo currículo Lattes e ISSN (*International Standard Serial Number*)¹⁰ da revista ou periódico.

3. Os escritos sobre masculinidades e juventudes

Foram encontrados 364 trabalhos e, após a exclusão dos que não se enquadravam nos critérios, foram selecionados cento e setenta e seis (176) trabalhos referentes às masculinidades e juventudes publicados em periódicos, no período entre 2000 a 2017 dos quais 92 foram publicados em língua portuguesa, 70 em língua espanhola e, 14 em língua inglesa. O número de trabalhos avaliados não pôde ser maior pela dificuldade de acesso a essas publicações, pois, algumas revistas não disponibilizam os artigos completos gratuitamente.

O baixo índice de trabalhos em língua inglesa pode ser reflexo dos descritores utilizados. Para essa pesquisa foi utilizado o termo em inglês “Juvenile”, que segundo o dicionário Oxford escolar (2012¹¹), significa 1. (Substantivo formal ou jurídico) jovem, menor. 2. (adjetivo formal ou Jurídico) Juvenil 3. (pej) pueril. É sabido que em inglês na linguagem informal o termo mais utilizado para juventude é “young” ou “youthful”, porém, quando utilizados como descritores na busca de artigos, foi possível perceber uma tendência desses trabalhos a fugir do objetivo, que busca analisar os estudos no viés das masculinidades e juventudes pelos estudos de gênero, assim acrescentamos a palavra “gender” aos descritores. Sendo assim, os descritores “Young” e “youth” foram descartados e utilizado apenas o termo “Juvenile”.

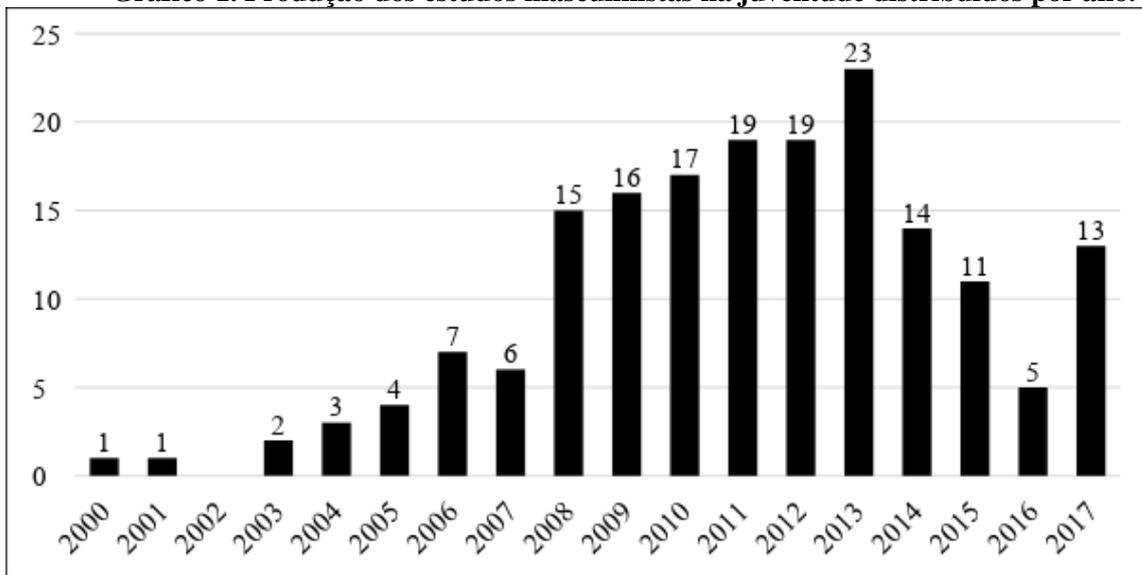
Observa-se, apesar das flutuações, um aumento gradativo das pesquisas com essas temáticas, a partir dos anos 2000 (Gráfico. 1). Percebe-se que houve um aumento na produção dos estudos masculinistas associados à juventude até os anos de 2013 (ano em que houve o maior pico de produção – 23 trabalhos), desde aquele ano, nesta plataforma de busca, os resultados caíram. No ano de 2013, a Revista de Estudos Feministas apresentou uma seção de artigos temáticos sobre as masculinidades, é neste ano que as buscas deste estado da arte apresentaram maior número. A revista de Estudos Feministas é uma revista de considerável fator de impacto para os estudos feministas no país e América latina. O ano de 2017, não seguiu a tendência de queda, vigente dos últimos três anos, o que reflete novamente, o interesse pelos estudos que integram masculinidades e juventudes no portal de periódicos da

¹⁰Sigla em inglês para Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadadas.

¹¹OXFORD. **Dicionário escolar para estudantes brasileiros**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

CAPES, foram encontrados (13) trabalhos, número superior à produção do ano de 2016. Tais números podem ainda sofrer maior relativização, pois até o período de coleta das informações¹², alguns periódicos não foram integrados ao sistema da plataforma *online*. O que se pode inferir sobre esses resultados é a tendência de problematização de dois temas que se interseccionam e geram frutíferas discussões, tanto no meio acadêmico quanto fora dele. O ano de 2017 pode apresentar esses valores pelo aquecimento da produção de estudos masculinistas influenciado pelo Colóquio Internacional de estudos de homens e masculinidades que aconteceu na cidade de Recife no mesmo ano (BRASIL, 2017).

Gráfico 1. Produção dos estudos masculinistas na juventude distribuídos por ano.



O que essa flutuação apresenta é a falta de regularidade nas produções dos estudos masculinistas associados à juventude. Além disso, os artigos encontrados não possuem as juventudes masculinas como foco ou objeto do trabalho. O que se percebe é que a juventude aparece como período na vivência dos indivíduos, que pode ser capaz de (re)produzir e reiterar as construções sobre a masculinidade hegemônica (SILVA, 2006; ALÓS, 2011; MAGNO et al.2011), a violência (BARRETO et al., 2009; SOUZA et al., 2014; DRYBREAD, 2014; MELO et al. 2017), a identidade (PINTO; LOPES,2009; GALLEG0, 2011;) e sua relação com artefatos culturais (FOSTER, 2004; RIOFRIO, 2008; BERMÚDEZ, 2010; BESSA, 2017).

Houve também a presença de artigos no viés da educação. Simon (2016 p.16) abordou em sua análise sobre as masculinidades na literatura, em um tópico que denominou: educação,

¹² Dia 13 de janeiro de 2018.

infância e juventude, que a educação e a juventude “convergem para a formação de modelos de comportamento que, em conjunto, guardam grandes semelhanças entre si”. O que também foi percebido como tendência nas buscas desta pesquisa, uma vez que os trabalhos associando masculinidades e juventude encontraram-se ancorados em perspectivas de transgeracionalidade e nas relações entre escola e família sobre conceitos ao corpo masculino (GALINDO, 2005; SEFFNER, 2011; BENTO, 2011; GIRALDO-GIL, 2014; FINCO, 2015). Essas tendências serão elaboradas no tópico de número 3.6 denominado “O que está inscrito nos escritos?”. Inicialmente, discorreremos sobre periódicos, locais e autorias das produções encontradas nesta pesquisa.

3.1. Periódicos

Praticamente todos os trabalhos encontrados foram publicados em periódicos, o único trabalho encontrado em anais de eventos foi o de Rios (2009) publicado no *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*¹³. A ausência de trabalhos publicados em anais de eventos pode ser notada, pois não encontramos congressos e/ou colóquios nacionais na área de gênero associados diretamente à plataforma. O que pode ser problematizado é que não há, na realidade nacional, ao menos uma regularidade de eventos exclusivos sobre os homens e masculinidades, e associados à juventude, de maneira específica, uma vez que estão diluídos em eventos sobre gênero e sexualidade. Para a realidade da América Latina existe a realização do Colóquio Internacional de Estudos Sobre Homens e Masculinidades, mas nem sempre o foco dos trabalhos é relacionado às masculinidades juvenis e, não apresenta um eixo temático com essa especificidade (BRASIL, 2017). A realização de eventos pode ser importante, pois eles possuem uma característica muito positiva no debate de questões de gênero e masculinidades, que ainda possuem discussões recentes de produção (AGUAYO, 2016). Os eventos, além de serem estratégias de publicação e divulgação de trabalhos, são momentos de discussão e aprendizado para os/as congressistas e a comunidade, pois é possível conhecer outras perspectivas de pesquisa, assim como assistir a palestras e debates que fortalecem e pluralizam as áreas que abarcam as discussões de gênero e masculinidades, além da formação de pesquisadores/as na área.

Os artigos encontrados estão distribuídos em diversos periódicos, alguns específicos nas produções feministas e de gênero, mas a maioria em relação às ciências sociais. Na tabela 2, vemos que o periódico que possui maior número de produções é a *Revista de Estudos*

¹³Os Anais da Academia Americana de Ciências Políticas e Sociais (tradução dos autores).

Feministas (18,9%), seguida da revista Ciência & Saúde Coletiva (14,3%) e da revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud (8%).

Tabela 2: Periódicos com maior número de artigos sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017 (N= 175)

Periódico	Número de trabalhos
Revista Estudos Feministas	33
Revista Ciência & Saúde Coletiva	25
Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud	14
Revista Psicologia: Reflexão e Crítica	8
Revista Ártemis	7
Revista de Estudios Sociales	5
Revista de Ciencias Sociales	4
Revista Cadernos Pagu	3
Revista Comunicação, Mídia e Consumo	3
Revista Interface Comunicação Saúde Educação	3
Estudios y Perspectivas en Turismo	2
Revista Acta Scientiarum	2
Revista Atenea	2
Revista Científica de Educomunicación	2
Revista Comunicar: Revista Científica Iberoamericana de Comunicación y Educación	2
Revista Culturales	2
Revista da SPAGESP- Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo	2
Revista de Antropología Iberoamericana	2
Revista de Antropología y Arqueología	2
Revista Historia Critica	2
Revista Última Década	2
Outras Revistas	48/ 1 cada

Esses resultados mostram algumas tendências nos estudos das masculinidades. A primeira delas são as discussões de matriz feminista e de gênero nos estudos de homens e masculinidades (MEDRADO; LYRA, 2008) e, se não ancorados em uma perspectiva feminista, há uma tendência em apresentar a discussão das masculinidades na juventude como uma construção social. As principais teóricas de gênero em que os trabalhos se alicerçam são Scott (1995), Louro (2000) e Butler (2008).

Sobre a maioria das publicações estarem na Revista de Estudos Feministas pode-se inferir que esta revista tem, em seu escopo, as publicações com foco nos estudos de gênero e feminismos. Além disso, a revista aceita artigos que “podem ser tanto relativos a uma determinada disciplina quanto interdisciplinares em sua metodologia, teorização e bibliografia” (INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO, 2017). Em 2013, num trabalho de

mapear os perfis desta revista, Scavone encontrou 11% das publicações ligadas à Revista de Estudos Feministas com a temática das masculinidades, entre os anos de 1999 e 2012. Faz-se necessário reconhecer a importância desta revista para o cenário nacional, uma vez que a maioria dos trabalhos deste estado da arte encontra-se nela.

Uma outra perspectiva que pode ser percebida é a articulação da produção científica com o cuidado da saúde e do corpo reduzindo, ou limitando, a masculinidade a uma perspectiva médico-higienista. Tal perspectiva, abraça a percepção de juventudes e masculinidades representadas como inscrições biológicas em um corpo, o que expõe uma fragilidade nas suas conceituações, excluindo ou ignorando os caracteres plurais e culturais destes campos. Este aspecto é motivo de problematização dos estudos masculinistas, pois, a forte tendência de um olhar biologicista gera um dado importante: a falta do cuidado com o corpo como uma das formas de reforço à masculinidade hegemônica (ROHDEN, 2012; LOPEZ; MOREIRA, 2013). Ultrapassando o conceito biologicista, a percepção da pluralidade de juventudes e masculinidades trazem à tona as relações interseccionais na construção cultural de juventudes masculinas, como a raça/etnia, classe, região, religião, vulnerabilizações, entre outras. O que abre contexto para a ampliação da concepção de cuidado e de saúde, para além da biomedicina.

O terceiro periódico destacado nos escritos é uma revista de referência nos estudos de juventudes na Colômbia e América Latina, a Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, em que há escritos de diversas perspectivas metodológicas e abordagens, em múltiplas áreas do conhecimento como neurociências, psicologia, sociologia, antropologia, pedagogia, linguística, história e filosofia. Encontrar olhares sobre as masculinidades nessa revista representa, ainda que previamente, uma perspectiva sobre a pluralidade da forma experienciada e singular sobre vivências de masculinidades. Reconhecemos a importância deste periódico por desenvolver em suas publicações problematizações entre os espaços e culturas juvenis (CATANI; GILIOLI, 2008) associados às experiências de masculinidades, em diversos contextos sociais-políticos-culturais na América Latina e Caribe.

Desta forma, compor o quadro de periódicos por onde esses trabalhos foram publicados, mostra como está o perfil das publicações sobre masculinidades e juventudes.

3.2. Autores/as

No total dos 176 trabalhos analisados foram encontrados 330 autores/as, sendo que foram registradas publicações com apenas um autor/a e trabalhos com até 06 pesquisadores/as, distribuídos/as em instituições de ensino brasileiras e internacionais, como Institutos Federais, Universidades Federais e Estaduais, Centros de Pesquisa, pesquisadores/as veiculados a Secretarias Municipais e Estaduais. Destes/as, a maioria possui vínculos com instituições nacionais (53%), 45,4% deles/as possuem vínculos com instituições internacionais e, para 5 dos/as autores/as, não foram encontrados vínculos (1,5%).

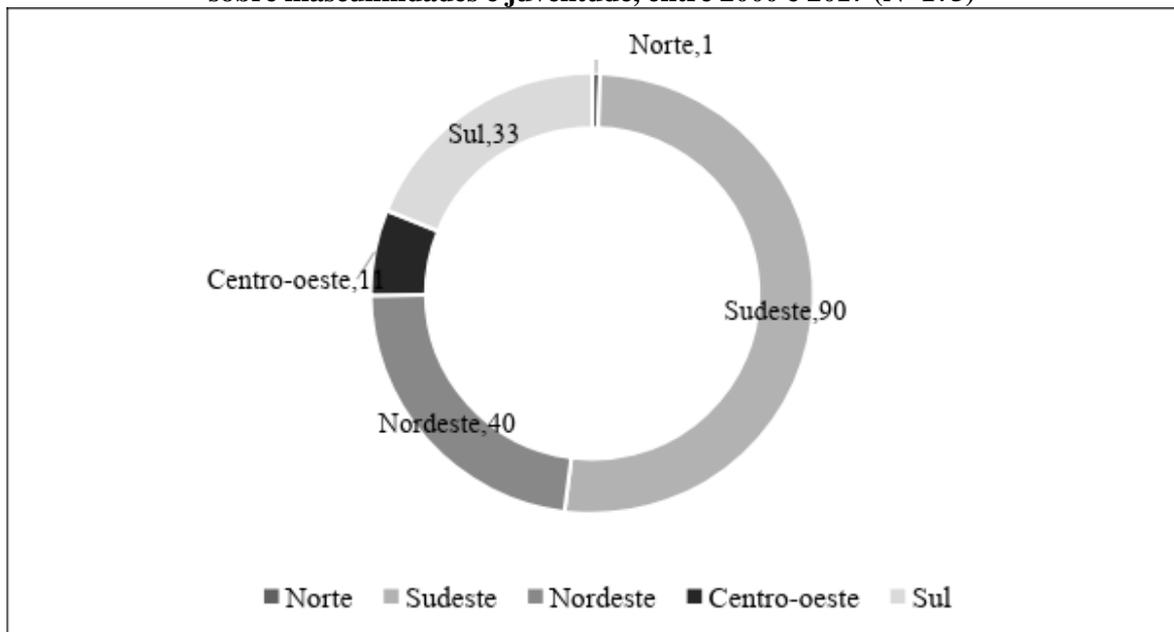
As/Os autoras/es nacionais foram classificadas/os de acordo com o Estado de vínculo. A proporção é apresentada na tabela 3, caracterizada pela ordem decrescente da quantidade de autoras/es por Estado brasileiro dos artigos sobre masculinidades e juventude.

Tabela 3: Estado de vínculo de autores/as brasileiros/as de artigos sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017 (N=175)

Estado de vínculo dos/as autores/as	Quantidade
Rio de Janeiro	46
São Paulo	30
Paraíba	19
Rio Grande do Sul	16
Minas Gerais	11
Santa Catarina	10
Ceará	8
Paraná	7
Brasília	5
Goiás	5
Pernambuco	5
Sergipe	4
Espírito Santo	3
Bahia	2
Rio Grande do Norte	2
Mato Grosso do Sul	1
Pará	1

Em relação às regiões, o Sudeste (51,4%) lidera no número de pesquisadores/as que publicaram sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017. Seguida pela região Nordeste e Sul, com respectivamente 22,9% e 18,9% dos/as autores/as. Com menor número de autores/as encontramos as regiões Centro-oeste (6,3%), e no Norte com apenas um/a pesquisador/a computado/a (Gráfico 2).

Gráfico 2: Distribuição da localização geográfica dos/as autores/as brasileiros de artigos sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017 (N=175)



A distribuição geográfica aponta a predominância de pesquisas nas regiões sudeste e sul, que encabeçam as produções por apresentarem linhas de pesquisa bem consolidadas nas áreas de gênero e sexualidade. Recorremos a um processo histórico, que evidencia a extensa produção da região sudeste e sul do Brasil, pois elas empregam Universidades Federais e Estaduais muito estabilizadas no cenário nacional (SIDONE et al., 2016). Porém, é preciso reconhecer a potencialidade da região nordeste no desenvolvimento de pesquisas com o eixo temático de gênero, encontrando-se como a segunda região em número de autores/as. Nas últimas décadas, houve uma ampliação de ações na região nordeste, com a preocupação de promover os estudos feministas e de gênero em núcleos pelo Norte e Nordeste. Exemplo dessas ações são os encontros da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, criada em 1992, o Núcleo de Pesquisa em Gênero e Masculinidades (GEMA/UFPE), o Instituto PAPAI, o Núcleo de Pesquisas Família, gênero e Sexualidade, entre outros (MEDRADO; LYRA, 2015) e, o Grupo de Pesquisa, Gênero, Sexualidade e Estudos Culturais/GESEC/UFS/CNPq, criado em 2011.

Para dar visibilidade ao contexto regional, no qual se insere esta dissertação, foram colocados nos descritores uma busca individual dos Estados nordestinos no periódico CAPES, principalmente Sergipe. A busca ao entrelaçar os descritores “‘Masculinidade’ and ‘Juventude’ and ‘nome do Estado’” revelou que a utilização dos descritores, sem o nome específico do Estado, se mostrou suficiente (Tabela 4). Apenas 6 dos 46 artigos encontrados no cruzamento com o Estado não se apresentavam na primeira busca, sem o nome do Estado

específico. O número de documentos encontrados pode ser justificado pela relação com o termo “Juventude”, uma vez que a pesquisa sem esse descritor, se mostrou mais ampla. Ou seja, na tentativa de cruzar os estudos que possuam um viés masculinista com a juventude, muitos trabalhos sobre masculinidades não foram integrados. Estes resultados reforçam que no campo dos estudos feministas, a juventude tem sido objeto de pouca atenção na realidade nacional e em outros países (SOUZA, 2010).

Tabela 4: Cruzamento entre “Masculinidade” e “Juventude” e “Estado nordestino” no portal de periódicos CAPES, entre 2000 e 2017 (N=46)

Descritores	Quantidade
“Masculinidade” e “Juventude” e “Bahia”	15
“Masculinidade” e “Juventude” e “Pernambuco”	13
“Masculinidade” e “Juventude” e “Paraíba”	8
“Masculinidade” e “Juventude” e “Rio Grande do Norte”	3
“Masculinidade” e “Juventude” e “Alagoas”	2
“Masculinidade” e “Juventude” e “Sergipe”	2
“Masculinidade” e “Juventude” e “Ceará”	1
“Masculinidade” e “Juventude” e “Maranhão”	1
“Masculinidade” e “Juventude” e “Piauí”	1

Para a realidade sergipana, foram encontrados 4 autores, dos quais 3 estão presentes no trabalho “Sexualidade do Trabalhador da Construção Civil: Percepções sobre a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes” que será discutido mais adiante (CERQUEIRA-SANTOS et al. 2012). Além deles, uma autora que articulou juventude e masculinidades na mitologia asteca por meio da análise de artefatos culturais (CARDOSO, 2008). A fim de perceber o campo das discussões dos estudos que articulam as masculinidades em Sergipe, foram encontrados 9 trabalhos na plataforma de periódicos da CAPES, mas eles não foram analisados, pois não estão em consonância com os filtros utilizados. Pode-se perceber então, que o cruzamento com o descritor “juventude” instaura uma lacuna ainda maior nos estudos de matriz feminista com homens e masculinidades no Estado. Desta forma, destacamos a importância da realização de estudos que sejam capazes de articular masculinidades e juventudes na realidade sergipana.

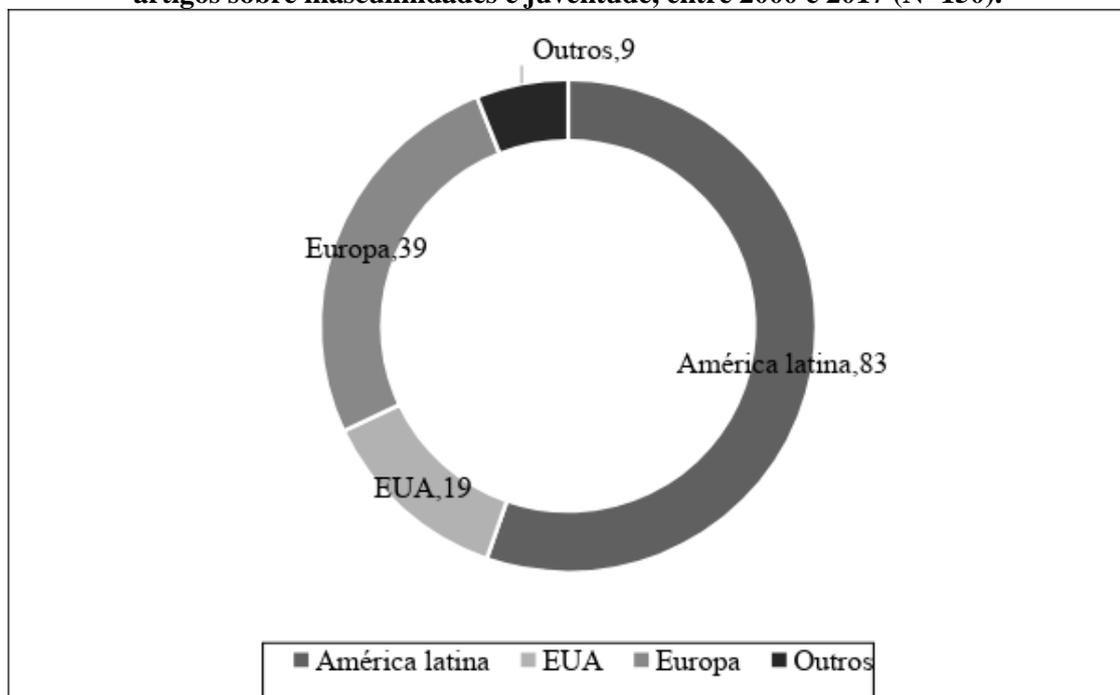
Na configuração desta pesquisa percebemos uma grande contribuição de autores/as internacionais (150), principalmente os da América Latina (55,3%), Espanha e Estados Unidos (que somam 45 autores/as) na produção sobre masculinidades e juventudes (Tabela 5).

Tabela 5: País de vínculo de autores/as internacionais de artigos sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017 (N=150)

País	Quantidade
México	32
Colômbia	27
Espanha	26
Estados Unidos	19
Chile	10
Costa Rica	8
Argentina	7
Portugal	8
Venezuela	2
Austrália	1
China	1
Equador	1
França	4
Itália	1
Uruguai	1
África do Sul	2

Para melhor visualização deste cenário de produção, colocamos no gráfico 3, a distribuição geográfica dos/as autores/as internacionais, encontrados nesta pesquisa.

Gráfico 3: Distribuição da localização geográfica dos/as autores/as internacionais de artigos sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017 (N=150).



Percebemos que houve, nesta base de dados, uma representação expressiva de autores/as internacionais nas discussões de gênero, em que apresentam destaque aqueles/as

que vêm dos países anglo saxões, onde os movimentos feministas e de gênero se desenvolveram e ganharam expressividade teórica, pelos movimentos sociais (LOURO, 1997), assim como países europeus (BARBOSA; LAGE, 2015).

O que se encontra como tendência desde as pesquisas de José Olavarria (2003) é o pioneirismo dos estudos com matriz feminista na discussão de homens e masculinidades da América Latina. No seu estudo, o autor encontrou uma crescente publicação de autores/as latino-americanos e Caribenhos, nos anos de 1990 a 2002. Ao definir as categorias de análise, o autor dividiu as produções em grandes categorias: 1. Identidades masculinas; 2. Saúde sexual e reprodutiva; 3. Paternidade; 4. Homens jovens e adolescentes (OLAVARRIA, 2003).

O México aparece como local de maior presença de estudiosos na área de masculinidades e juventudes, neste trabalho. O país sediou a primeira edição do Colóquio Internacional de Estudios sobre Varones y Masculinidades na cidade de Puebla e, a análise de caracterização desses estudos no México, Noriega (2017) apresenta que, no México

[...] si bien tienen antecedentes históricos remotos, se articula de manera clara y decidida en el campo académico de género hasta 1990 y ha sido claramente condicionado en sus características y su evolución tanto por los debates históricos sobre identidad y machismo, como por las preocupaciones feministas en torno a la salud reproductiva, la violencia y la vida familiar, así como por las preocupaciones del colectivo LGBTTI sobre diversidad sexual, homofobia y VIH-Sida. Al mismo tiempo se advierte un fuerte interés en los temas teóricos y en una variedad de temas emergentes (NORIEGA, 2017 p. 18).

Dessa maneira, mesmo apresentando características semelhantes aos outros países do continente, como as recentes publicações nesta área, o México desponta em quantidade de autores/as por manter uma multiplicidade de pesquisas nas áreas de masculinidades e juventude, em temas com variedade de público e perspectivas teóricas.

3.3 Locais de publicação das pesquisas

Para definição do local de produção foram procurados onde as revistas possuem sua sede de publicação e, os resultados se aproximaram daqueles encontrados no item de origem dos autores/as. No que se refere a local de publicação destas pesquisas há uma considerável margem, que coloca as produções brasileiras à frente daquelas internacionais. Os periódicos nacionais possuem 55,7% das publicações, enquanto os periódicos internacionais possuem 44,3% dos trabalhos encontrados nesta pesquisa.

Para os resultados nacionais, encontrados neste tópico, houve uma semelhança àqueles encontrados no item anterior, a única diferença é que a região sul está encabeçando a

publicação por sediar um dos periódicos de maior produção no país sobre os estudos feministas. Assim como pode ser visto na Tabela 6.

Tabela 6: Estado de publicação e região geográfica dos periódicos sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017 (N=98)

Região	Estado de publicação dos periódicos	Quantidade
Sul	Santa Catarina	34
	Rio grande do sul	9
	Paraná	3
	Minas Gerais	2
Sudeste	Rio de janeiro	27
	São Paulo	13
Nordeste	Paraíba	8
	Rio Grande Do Norte	1
Centro-oeste	Brasília	1

Santa Catarina abraça o título de local que mais publica no país os estudos de masculinidades e juventudes por dois motivos, que permanecem em associação. Este Estado, desde 1992, publica as versões da Revista de Estudos Feministas, de Qualis A na CAPES e, possui com pioneirismo no Brasil, o Instituto de Estudos de Gênero - IEG. Hoje, esse Instituto

[...] realiza, pois, estudos interdisciplinares dos discursos, histórica, social e culturalmente constituídos, sobre as diferenças sexuais – estudos de gênero. Desenvolve temáticas como política, sexualidade, saúde, direitos reprodutivos, trabalho, família, gerações, violência doméstica, comunicação, homossexualidade, identidade, subjetividade. Integra os núcleos de estudos de gênero dos diferentes departamentos e cursos da Universidade Federal de Santa Catarina, no exercício da interdisciplinaridade (INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO, 2017).

O IEG é responsável, desde 1999, pela edição da Revista Estudos Feministas. Este periódico possui periodicidade de publicação quadrimestral e é indexado, com circulação nacional e internacional. O periódico possui como objetivo divulgar cientificamente textos originais em português e em espanhol, sob a forma de artigos, ensaios e resenhas, sobre gênero e feminismos, inclusive aqueles relacionados às masculinidades, que podem pertencer a diversas áreas, de maneira singular ou interdisciplinares em sua metodologia, teorização e bibliografia. A publicação desses estudos contribui para o fortalecimento das questões de gênero, que estão interpeladas em produções interdisciplinares com trabalhos que dialogam em diversas áreas como as da sociologia, psicologia social, antropologia, história, literatura, estudos culturais, ciências políticas, medicina, teoria feminista, semiótica, demografia, comunicação, psicanálise, entre outras.

Além da Revista de Estudos Feministas, o Instituto de Estudos de Gênero coordena mais duas revistas reconhecidamente importantes na área, encontradas nesta pesquisa (Tabela 2), Cadernos Pagu e Ártemis.

É importante frisar que a rede criada pelo IEG conta com núcleos de estudos de gênero no Brasil e, também abrange núcleos de outros países da América Latina. Por esse motivo é que se observou nesta pesquisa a publicação de trabalhos com grande número de autores/as latinos/as. Esta articulação de produção se evidencia também nos países que produziram os estudos encontrados nesta pesquisa, apresentados na tabela 7.

Tabela 7: País e região geográfica de publicações internacionais de artigos sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017 (N=78)

Região	País de publicação do periódico	Quantidade
América Latina	Colômbia	31
	México	11
	Chile	4
	Costa Rica	3
	Argentina	2
	Ecuador	1
Europa	Venezuela	1
	Espanha	14
	Reino Unido	1
América do Norte	Suíça	1
	Estados Unidos	9

Em dossiê para a Revista Sexualidad, Salud y Sociedad, Aguajo e Nascimento (2016) corroboraram o crescimento dos estudos sobre masculinidades na América Latina, refletindo que há uma forte estruturação desse movimento de matriz feminista nos estudos de masculinidades. Esses estudos promoveram uma

[...] creciente producción y acumulado sobre diferentes temáticas relacionadas al machismo, los hombres, el género y las masculinidades en el contexto latinoamericano y caribeño, desde diferentes aportes teóricos y metodológicos, en el campo de las ciencias humanas y sociales en países como Argentina, Bolivia, Brasil, Chile, Colombia, Costa Rica, Cuba, Ecuador, México, Nicaragua, Perú y Uruguay, entre otros, en diálogo con otros países y continentes (AGUAJO; NASCIMENTO, 2016, p. 280).

Os dados de Aguajo e Nascimento (2016) seguem a tendência daqueles encontrados por Olavarria (2003). Até o ano de 2002, José Olavarria procurou em materiais acadêmicos, a produção de trabalhos com o objeto de estudos sobre homens e masculinidades na América Latina e no Caribe. Neste estudo, o autor encontrou os seguintes resultados:

[...] un total de 665 títulos a partir de 1990, sin contar las tesis ni memorias de grado. El año de mayor producción fue 1998 con 133 referencias, y los países con mayor edición fueron Chile (152), México (106), Brasil (79), Perú (58), Estados Unidos (58) y Argentina (43). Casi 60% de las referencias corresponde a artículos en revistas o libros (OLAVARRIA, 2003, p. 95).

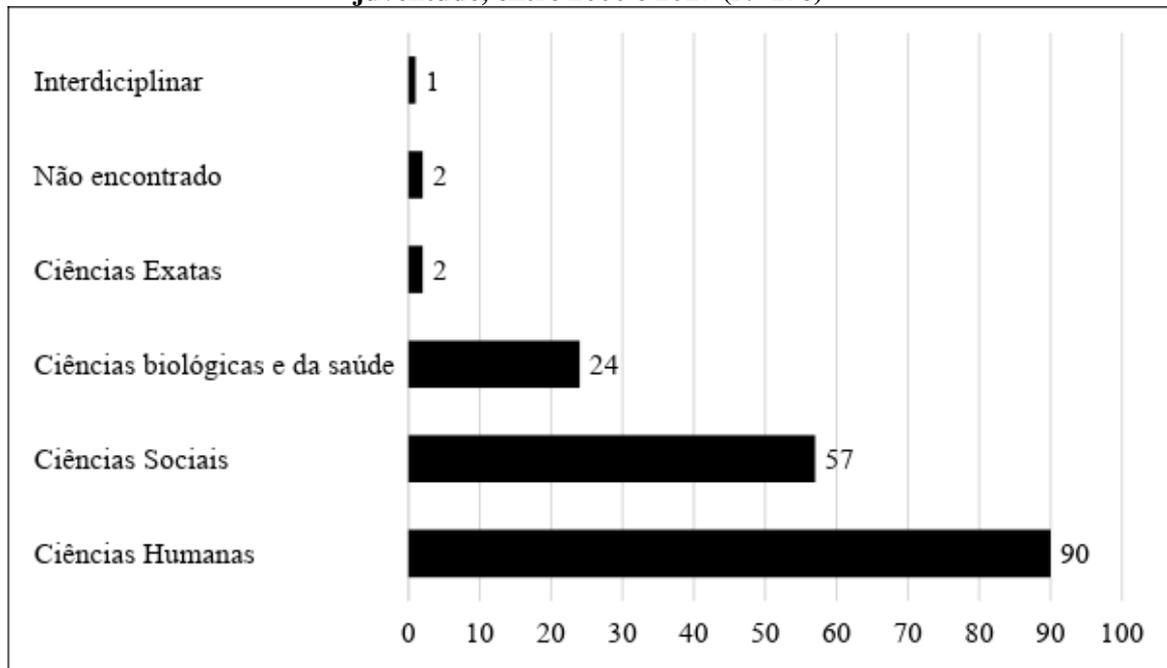
Há uma relativa semelhança entre os estudos de Olavarria e o desta pesquisa, uma vez que ambas propõem o estado da arte das produções masculinistas. O que vale ressaltar é a diferença de descritores, pois o objetivo de Olavarria (2003) foi mapear as produções com os homens e masculinidades como objeto de estudo e, nesta pesquisa, há uma relação da masculinidade com a juventude para compor os resultados. Porém, mesmo que com objetivos diversos, vê-se uma semelhança na importância da produção de países latinos, e assim como Olavarria (2003), as produções do México, Brasil e Estados Unidos são destaque nesta pesquisa.

Um país que surge como grande publicador de trabalhos sobre essa temática foi a Colômbia. Em 2008, o país sediou o terceiro Coloquio Internacional de Estudios sobre Varones y Masculinidades que buscou promover uma crítica teórica e prática das masculinidades, propondo como eixo questionador os efeitos do reconhecimento da cultura na construção da justiça social e de gênero (BRASIL, 2017). A partir desse ano, o número de produção dos estudos masculinistas na juventude cresceu, saindo de seis trabalhos no ano de 2007 e indo para o número de 14 trabalhos no ano de 2008. Não se pode afirmar o crescimento devido à presença dos colóquios internacionais na área, porém sabe-se da importância que os mesmos têm para fomentar a pesquisa e discussão teórico-prática e, sobretudo a visibilidade de pesquisas e pesquisadores/as da área.

3.4 Áreas

As áreas dos/as autores/as foram categorizadas seguindo um padrão proposto pela CAPES (2010). Em relação às áreas dos trabalhos que aparecerem nos resultados desta pesquisa, pode-se dizer que há uma predominância nas áreas de ciências humanas e sociais, como vemos no gráfico 4.

Gráfico 4: Distribuição por área acadêmica dos artigos sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017 (N=176)



Essas áreas apresentam linhas temáticas que possuem certa continuidade na produção teórica, uma vez que para alcançar os objetivos desses estudos há que se levar em consideração a relação político-histórico-sócio-cultural do objeto de estudo. Por isso, estudos desta natureza apresentam maioria nas ciências humanas e sociais. Sobre a produção dos estudos sobre as masculinidades de maioria em Ciências humanas e sociais Connell e Messerschmidt (2013, p.250) afirmam:

Diríamos que as pesquisas sobre masculinidades floresceram em ciências sociais e nas humanidades durante os últimos 20 anos, precisamente porque o conceito subjacente empregado não é reificante ou essencialista. A noção de que o conceito de masculinidade essencializa ou homogeneiza é um tanto quanto difícil de reconciliar com a tremenda multiplicidade das construções sociais que etnógrafos e historiadores têm documentado com o auxílio desse conceito.

A análise feita por Connell e Messerschmidt (2013) aponta para uma perspectiva que não essencialize ou homogeneize o conceito plural e permeado por diversas regulações socioculturais que são as masculinidades. Além disso, abre campo para a análise de performatividade de gênero e suas interseccionalidades (com raça/etnia, classe econômica, idade, religião, etc.) o que os estudos de gênero nas áreas das ciências humanas e sociais vem apontando. Trazendo uma problematização quanto ao desfazer o conceito relacional de dois

que, por muitos vieses, são frequentemente reforçados nas produções acadêmicas. Esse cuidado amplia a visão e os estudos sobre masculinidades, abandonando a ideia de uma suposta essência masculina, que caracteriza a hegemonia, capaz de hierarquizar identidades masculinas e subalternizar indivíduos.

Assim como nos estudos masculinistas, para a percepção das juventudes como plurais, as vertentes das ciências sociais e humanas trazem a discussão dos corpos juvenis e os diversos marcadores sociais, que produzem juventudes tão diversas quanto possíveis. As vivências e práticas juvenis vão perpassar vários vieses como raça/etnia, vulnerabilidade, *status* social, gênero, entre outros (CATANI; GILIOLI, 2008). Ao encontrar uma associação com diversos marcadores sociais os escritos apresentaram uma perspectiva de análise que viabiliza as articulações plurais nos processos de desenvolvimento de masculinidades juvenis e sob o olhar dos estudos culturais, como elas são construídas e negociadas dentro de um específico contexto.

3.5 Trajetórias metodológicas das produções

As produções encontradas apresentaram predominância de estudos na modalidade de pesquisa, representando 76,7% do total de trabalhos encontrados e os ensaios teóricos sobre as masculinidades e juventude, 23,3%.

Como as discussões sobre masculinidades ainda são recentes, a produção de ensaios teóricos mostra-se um campo de grandes possibilidades, pois, a construção de um aparato teórico é que embasa as pesquisas e, por onde se vislumbram as possibilidades de intervenção e produção de conhecimentos. Fortalecer essas produções revela-se uma necessidade nos estudos masculinistas, pois, sua efervescência e pluralidade apontam para a emergência das masculinidades no cenário dos estudos feministas e de gênero, tanto em ensaios teóricos quanto em pesquisas com jovens. Nos escritos de Ribeiro, Costa e Santiago (2012) uma proposição nos chama a atenção: a articulação de uma agenda feminista para abarcar as juventudes. As relações entre os estudos feministas e as juventudes problematizados por Ribeiro, Costa e Santiago (2012) basearam-se na invisibilidade que o tema das culturas juvenis possuem no âmbito do feminismo, retomando os processos históricos a que as juventudes estão no contexto de produção social. Repensar os feminismos articulados na discussão sobre a juventude pode servir de palco discursivo para prática da intervenção social que seja capaz de abarcar pluralismos e descontinuidades (SOUZA, 2010).

O número elevado de pesquisas representa a amplitude dos campos de trabalho nesta área uma vez que, em diversas relações sociais, emergem discussões de gênero sobre as masculinidades. Em diversos setores do campo social, as masculinidades hegemônicas e/ou as subalternas se reinventam, construindo mosaicos que são ampliados pela visão das pesquisas, fazendo com que se possa ter uma discussão mais embasada e real dos fatores pelos quais as masculinidades vão dando forma e força, onde crescem, se sustentam e suas relações com jovens. Desse modo, é importante reconhecer o trabalho de autores/as nesse viés da pesquisa, por aproximarem as discussões acadêmicas aos cenários onde elas emergem e se constroem.

Os trabalhos de pesquisa (135) tiveram como abordagem, em sua maioria, trabalhos qualitativos (80,7%), seguida de trabalhos quantitativos (18,5%) e um, que se autodenominou de abordagem mista (0,8%), o que aponta para trabalhos exploratórios desse campo. Está disponível na tabela 8 o enfoque na construção das pesquisas dos trabalhos encontrados.

Tabela 8: Métodos das pesquisas de artigos sobre masculinidades e juventudes, entre 2000 e 2017 (N=135)

Enfoque da pesquisa	Quantidade
Documental	34
Estudo de Caso	29
Exploratória	23
Etnografia	14
Bibliográfica	13
<i>Survey</i>	13
Transversal	5
Pesquisa-Ação	2
Descritiva	1
Grupos Focais	1

Com relação ao caráter metodológico das pesquisas sobre masculinidades e juventudes, publicadas entre 2000 e 2017, ganham destaque as categorias *Documental* (25,2%), *Estudo de caso* (21,5%) e artigos que desenvolvem estudos *Exploratórios* (17%).

Há de se destacar a predominância de estudos na abordagem qualitativa, pois, para uma compreensão das masculinidades e juventudes em suas características plurais, os estudos qualitativos apresentam possibilidades de estudar elementos que não são passíveis de aferição, medição e controle. Por si só eles apresentam características específicas dos “fatos humanos” (HOLANDA, 2006). Adriano Holanda (2006) também aponta para uma característica dos estudos qualitativos de pesquisa em psicologia quando permitem a capacidade de se pensar a subjetividade tanto na construção da pesquisa, quanto na execução e finalização da mesma. Além disso, permite uma abrangência de significados do que está sendo problematizado,

realçando que pode estar circunscrito junto com diversas esferas como o político, social, econômico, cultural e outros (HOLANDA, 2006).

As pesquisas de metodologia documental tiveram o maior número de publicações nesta busca na base de dados. A pesquisa documental para Berenice Corsetti (2006) é utilizada nas ciências sociais e humanas, pois adquirem bases sólidas no trabalho de investigação. A elas estão atribuídas análises de projetos políticos sobre a saúde de homens jovens e adolescentes (LOPEZ; MOREIRA, 2013; BUTTURI JUNIOR, 2013), análises críticas de livros (RIOFRIO, 2008; ALMEIDA; PIERA, 2010; COUTO; GOMES, 2012; NEIVA; BRAZ, 2012; BARBOSA, 2014,), contos (MISKOLCI, 2009; BERMÚDEZ, 2010), sites (SILVA et al., 2012), cartas (GUARELLO, 2011; CUBAS; ABES, 2016), filmes (POPPE, 2015), e diversos outros trabalhos que se propõem a discutir as masculinidades juvenis por meio dessa metodologia de pesquisa.

Outra presença marcante foi o método de estudo de caso, cuja importância pode ser destacada, pois esse tipo de pesquisa serve para compor um panorama sobre as masculinidades locais, alertando para as maneiras como elas se relacionam e interagem, sendo colocadas em suspensão e evidenciando o caráter pedagógico das estruturas por onde são desenvolvidas e reconfiguradas. Nesta categoria, estão distribuídos diversos atores sociais que, de maneira singular, expressam formas de exercício das masculinidades, são eles, jovens estudantes (BESERRA et al., 2011), jovens em conflito com a justiça (MEDAN, 2011), masculinidades asiáticas (CHONG, 2008), jovens pais (SOTO; AMARÍS; ROSA, 2000; SHADE et al., 2012), homens gays (GALLEGO, 2011), profissionais do sexo (RÁBAGO; ALDAMA, 2012; MENDONÇA, 2015), infantes (PINTO; LOPES, 2009), estudantes mexicanos (RUBIA, 2011), idosos (SANTOS; DIAS, 2008), brancos (COROSSACZ, 2014), quilombolas (MAGNO; DOULA; PINTO, 2011), de classes populares (ALVES; BRANDÃO, 2009, LOTERO et al., 2009) e até em contextos *online* (PASTOR; MORENO, 2006; TORTAJADA; ARAÛNA; MARTÍNEZ, 2013).

O estudo de caso é uma proposta que pode além de mapear e compreender as conjunturas em que se desenvolvem os participantes, também abre a possibilidade ao planejamento de intervenção sobre esses específicos locais e sujeitos (TRIVIÑOS, 1987). Reconhecer a pluralidade dos contextos de onde emergem relações de poder masculinas pode subsidiar possíveis políticas de intervenção, desenvolvimento de políticas públicas de culturas juvenis, sejam elas para a promoção da saúde, combate à violência e desigualdades sociais e raciais. Além disso, essas pesquisas corroboram a produção teórica para as ciências humanas e sociais nos estudos de masculinidades e juventudes.

O terceiro método de destaque nas produções são as pesquisas de caráter exploratório. Esses estudos proporcionam maior familiaridade com o que se estuda. Por não haver, ou haver de maneira escassa, a produção teórica desses estudos, essas pesquisas se propõem a aprofundar as categorias analíticas, analisando-as de maneira que elevem o padrão de conhecimento sobre a mesma.

Nesta busca, foram encontrados estudos exploratórios relacionados às questões de gênero e raça (CECCHETTO; MONTEIRO, 2006), homofobia (BRÊTAS et al., 2011; CEBALLOS-FERNÁNDEZ, 2014; TAQUETTE; RODRIGUES, 2015), concepções de sexualidade e saúde reprodutiva (GUBERT; MADUREIRA, 2008; CAMARGO; FERRARI, 2009; BRANDÃO, 2009; MARQUES JUNIOR; GOMES; NASCIMENTO, 2012; LOPEZ; MOREIRA, 2013; THIAGO; RUSSO; CAMARGO JÚNIOR, 2016), violência sexual infanto-juvenil (CERQUEIRA-SANTOS et al. 2012), jovens em conflito com a justiça (BARCINSKI, 2009; SILVA et al. 2012), indígenas (KROPFF, 2011), mineradores (MERUANE; DELGADO; VARAS, 2012), agricultores (GALINDO, 2005), entre outros.

É possível inferir a partir dos dados encontrados nesta pesquisa, que há uma busca por articular em diversos momentos e locais, as produções sobre as masculinidades e juventudes, que passam de modo interseccional por questões raciais, econômicas, de gênero, de classe e que ganham força no cenário acadêmico nacional e internacional. É importante reconhecer e destacar os trabalhos de origem qualitativa, pois eles ampliam o campo de possibilidades para as perspectivas de análise. Ao destacar os trabalhos qualitativos não estamos relativizando os trabalhos de abordagem quantitativa. Ao contrário, pois, concordamos com Minayo e Sanches (1993, p. 247) que um “estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa”. Análises quantitativas nos trazem reflexões importantes sobre masculinidades associadas aos aspectos de violência, com trabalhadores da construção civil (CERQUEIRA-SANTOS et al. 2012), jovens perpetradores (TRILLO; REDONDO, 2013; RUBIA; MORALES, 2013), homofobia (RUBIA, 2013), estereótipos de gênero (VEJA, 2007; REBOLLO-CATALÁN; RUIZ-PINTO; GARCÍA-PÉREZ, 2017) e outros. No decorrer das categorias estarão articuladas as problematizações de alguns desses escritos quantitativos e de como sua realização converge para a discussão das masculinidades juvenis.

3.6 O que está inscrito nos escritos?

Definidos os aspectos gerais das produções agora nos deteremos nos objetos de estudos das pesquisas e ensaios teóricos encontrados, colocando-os em categorias que

aproximam seus objetivos de estudo, sem repetição entre os grupos. O que alertamos é que ao costurarmos as juventudes e masculinidades, as análises se imbricaram com os objetivos de cada estudo. Assim sendo, embora os trabalhos não se repitam nas categorias alguns possuem percepções múltiplas, sendo assim colocados em uma categoria por sua predominância.

Os objetos de estudos das produções analisadas não foram apenas homens jovens. Durante a análise, pudemos perceber que o público selecionado por cada autor/a não foi, majoritariamente, jovens homens. Essa informação ajuda a compor um campo de discussões sobre a masculinidade e juventude que ultrapassa os grupos de jovens homens e os coloca em relação com outros grupos. Ao se proporem trabalhar com públicos distintos, esses/as autores/as ajudam a inferir sobre as diversas relações que interagem ao reiterar ou criar processos de fragmentação nos discursos sobre as masculinidades.

Muitas das pesquisas apresentam e problematizam um reflexo do patriarcado e do machismo como formas de reforço da hegemonia masculina (GALINDO, 2005; MERUANE; SEFFNER 2011; DELGADO; VARAS, 2012; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Essa característica foi percebida em trabalhos que apontam para o pensamento crítico feminista nas vozes de mulheres (BARCINSKI, 2009), homens gays (GALLEGO, 2011), trabalhadores rurais (BENQUET, 2003), trabalhadores da construção civil (CERQUEIRA-SANTOS et al. 2012), profissionais do sexo (RÁBAGO; ALDAMA, 2012), jovens e adolescentes (BORDINI; SPERB, 2012), travestis (NASCIMENTO, 2014), mulheres e homens com câncer (respectivamente, FOSTER, 2004; TOFANI; VAZ, 2007), entre outros.

A pluralidade percebida nos diversos grupos estudados aponta para o que Berenice Bento (2006) chama de masculinidade sem homens. De fato, majoritariamente, os escritos apresentaram masculinidades associadas aos homens, mas o tímido reconhecimento de que a masculinidades não pertencem aos homens (HALBERSTAM, 1998) levanta a problematização de *performance* nos estudos masculinistas. O caráter performático implode (ou tenta) com as categorias rígidas de gênero e excede os limites do binário homem-mulher, hetero-homo, dominação-submissão (GROSSI, 2010). Porém o campo de análise que propõe a produção de masculinidades não fálicas pode ser considerado como desestabilizador da hegemonia. Grossi, ao refletir sobre isso, afirma:

Estudar masculinidades implica entrar em um campo marcado por tensões, contradições e contestações, pois existe uma grande variação cultural de masculinidades e elas podem ser compreendidas não como um dado acabado, mas como um fenômeno complexo, em movimento, e como tal, instável e fluido (GROSSI, 2013, p. 2).

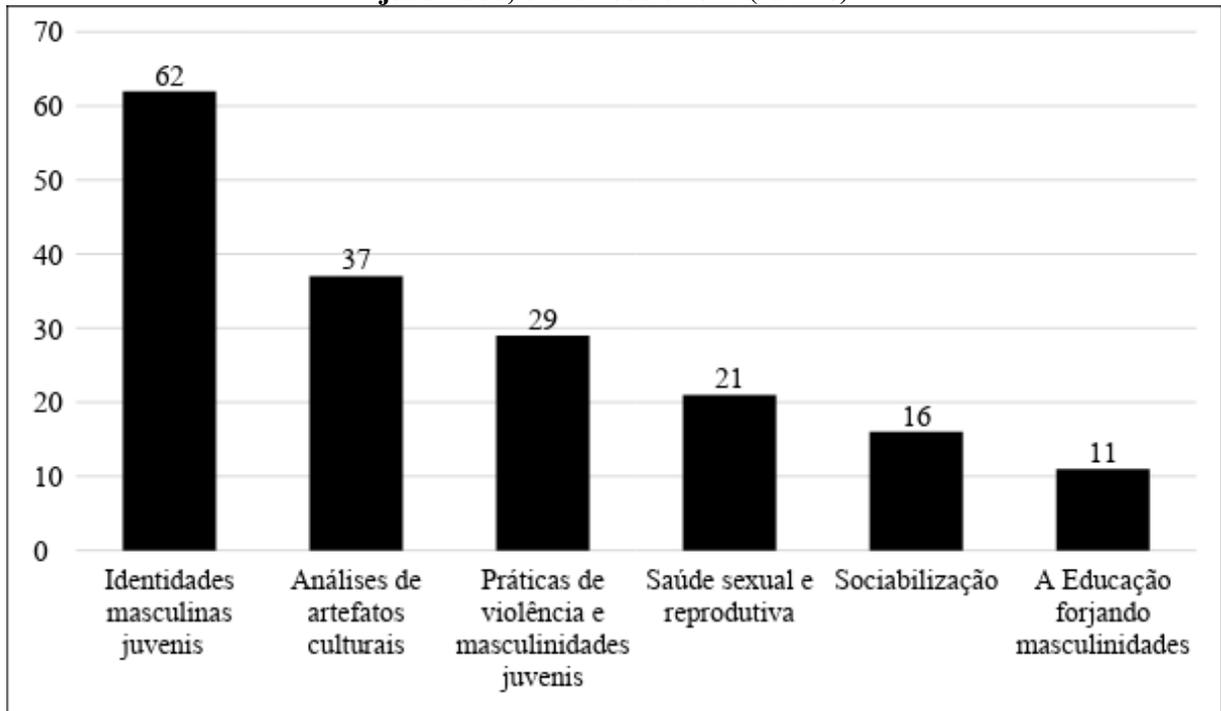
Assim como o trabalho de análise sistemática de literatura sobre as teses e dissertações com homens e masculinidades no portal de periódicos da CAPES, entre os anos 2000 e 2015, por Sulz e Cardoso (2016), percebemos que as obras analisadas encontravam uma linguagem que aponta para uma reflexão crítica sobre o papel da cultura na construção das identidades masculinas juvenis. Em geral, críticas ancoradas em um plano de fundo hegemônico de corpo e sexualidade em que se “valoriza e normatiza a agressividade, frieza e insensibilidade emocional (e até física) e que se distancia de uma possível feminilidade” (SULZ; CARDOSO, 2016, p. 66).

Com esses aspectos gerais, construímos seis categorias, que apresentam os trabalhos e discussões sob o mesmo viés temático, por esse motivo, unidas nessas categorias. São elas:

- 3.6.1 Identidades masculinas juvenis
- 3.6.2. Análises de artefatos culturais
- 3.6.3. Práticas de violência e masculinidades juvenis
- 3.6.4. Saúde sexual e reprodutiva
- 3.6.5. Sociabilização
- 3.6.6. A Educação forjando masculinidades

Faz-se importante frisar que a categorização não está ligada com a unificação dos aspectos intrínsecos a cada trabalho, cada um possui sua ótica individual e os aspectos metodológicos apresentados podem ser diversos em uma mesma categoria. As categorias estão distribuídas no gráfico 5 e serão discutidas individualmente:

Gráfico 5: Distribuição das categorias encontradas nos artigos sobre masculinidades e juventude, entre 2000 e 2017 (N=176)



3.6.1 Identidades masculinas juvenis

Nesta categoria se encontram a maioria dos estudos analisados nesta pesquisa. Especificamente 35,2% dos trabalhos discorrem sobre as múltiplas formas de masculinidades e, destacam sob quais relações se constroem identidades masculinas juvenis. Ao abordar as diversas formas de identidades sexuais e de gênero encontramos nesta categoria as homossexualidades masculinas, a travestilidade (ALMEIDA, 2012), a masculinidade negra (CONRADO; RIBEIRO, 2017), indígena, quilombola (MAGNO; DOULA; PINTO, 2011), branca (COROSSACZ, 2014), paternidade e as diferentes formas de vivenciá-las. Nesta categoria, os trabalhos se propõem a investigar as relações de poder em espaços sociais, históricos e econômicos específicos.

Um dos trabalhos de grande relevância no meio acadêmico internacional, encontrado nesta categoria, é o ensaio teórico sobre a masculinidade hegemônica de Robert, agora Raewyn¹⁴ Connell e James Messerschmidt publicado pela Revista de Estudos Feministas, de 2013, que faz uma retomada histórica sobre as discussões do conceito de hegemonia. A autora e o autor fazem referência à origem, formulação e aplicação do termo na produção acadêmica dos estudos de homens e masculinidades e, respondem a críticas, concluindo que este modelo possui características de revisão e reformulação e que deve ser pensado com a possibilidade

¹⁴A autora passou pelo processo de transexualização e suas obras estão sendo, atualmente, (re) publicadas com seu nome social.

de dinamicidade (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Cabe ressaltar também que há nesta categoria a presença de grandes ensaios teóricos sobre as contribuições feministas e de gênero nas discussões sobre masculinidades. Aqui destacamos Bandeira (2008); Schneider; Boyer (2012); Monte (2013); Funck (2013); Vieira de Jesus (2014).

O processo de articulação entre a masculinidade esperada (hegemônica) e as tangenciais (subalternas) são discutidas em trabalhos sobre identidades masculinas juvenis, em contextos de periferia francês como Damico e Meyer (2010); a potencialização da reprodução de padrões hegemônicos na França (MEDAN, 2011) na Argentina (JARAMILLO, 2015) e, também Kropff (2011), com uma população indígena argentina.

Os padrões de hegemonia foram destacados nos trabalhos sobre a masturbação em Rubia (2011) e os discursos pornográficos como prática de virilidade em Pinto, Nogueira e Oliveira (2010). De Corossacz (2014), sobre a necessidade de iniciação sexual de jovens homens, mesmo que, para isso, sejam realizados com empregadas domésticas ou prostitutas. Uma interseccionalidade importante apontada por Corossacz (2014) é sobre a “cor” dos relacionamentos. Para os jovens homens entrevistados neste trabalho, a juventude é vista como fase de relacionamentos sexuais em que a iniciação ocorreu, em muitos casos, com jovens negras, todavia, esse início sexual não é considerado como um real relacionamento. Podemos inferir que o corpo negro feminino juvenil serviu em diversas camadas sociais como corpo disponível para o aprendizado sexual e reflete nas relações de domínio de classe e raça. Em Segovia e Delgado (2008, p. 539), a masculinidade disponível em “guiones sexuales se refuerza con los modelos socioculturales inequitativos y jerarquizados existentes en las relaciones de género predominantes en la sociedad chilena”.

Na juventude, as performances de gênero masculinas, são reiteradas a fim de garantir no ambiente social *status* hierárquicos de poder. Ao reforçar discursivamente por meio de atos viris e de dominação, jovens masculinos performatizam a masculinidade hegemônica, como promotora de benefícios. Como essas construções relacionais e descontínuas estão na ordem do dia e distribuídas em uma rede capilar, se difundem e legitimam a hegemonia masculina como única (CONNELL, 1995).

A reiteração da hegemonia também pressupõe a recusa aos aspectos femininos, no caso da escrita de Butturi Junior (2013), que percebe um nível de hierarquização entre atividade e passividade gay, muitas vezes tangenciada por discursos econômicos, étnicos, culturais e etários. Junqueira (2009) afirma que, no cerne de diversas regulações sociais, a construção de identidades heterossexuais cria, alimenta e sustenta a homofobia e misoginia, majoritariamente entre os homens. Nessa construção do masculino heterossexual, os sujeitos

desviantes (mulheres e gays) para “merecerem suas identidades masculinas e heterossexuais, deverão dar mostras contínuas de terem exorcizado de si mesmos a feminilidade e a homossexualidade” (JUNQUEIRA, 2009, p.19). A produção de “merecimento” impõe aos sujeitos atitudes para sentirem-se inseridos e aceitos nos padrões de hegemonia, mesmo nos corpos gays, como evidenciado no estudo de Butturi Junior (2013).

É também na construção subjetiva das juventudes que as discussões sobre a iniciação sexual são problematizadas. Em trabalhos com jovens masculinos, a mentira e exagero sobre a iniciação sexual, trazem, discursivamente, um aspecto de “empoderamento” das masculinidades (GUBERT; MADUREIRA, 2008, SEGOVIA; DELGADO, 2008; LOTERO et al., 2009). Ao afirmar a potência e virilidade, ressaltam-se discursivamente crenças, cobranças, cujo efeito são comportamentos e atitudes que devem ser constantemente mantidos e resultam na heteronormatividade compulsória. “As demandas de gênero sobre o jovem do sexo masculino no sentido de comprovar sua masculinidade heterossexual mantendo relações sexuais com uma mulher o mais cedo possível” (GUBERT; MADUREIRA, 2008).

Contudo, não só apenas de reforços à hegemonia se trata essa categoria. Há uma discussão que vem sendo desenvolvida nos estudos masculinistas sobre o conceito de crise do masculino, termo ancorado na percepção de que, o dito novo homem, “não encontraria modelos identitários hegemônicos para descrever sua nova condição masculina” (SILVA, 2006, p.119). O conceito de crise pode ser uma resposta à pluralidade sobre a masculinidade, pensar em crise pode alertar para a possibilidade de repensar a identidade masculina para além do padrão hegemônico e, apoiados nas discussões de gênero e do feminismo, homens e mulheres implodem esses padrões ao performativamente transitarem entre as fronteiras de gênero estabelecidas aos indivíduos. Vê-se essa característica em trabalhos como Veja (2007) e Rodríguez e López López, (2013), por exemplo.

A identidade masculina homossexual é discutida, nas obras encontradas, associada a características de homofobia e misoginia, uma vez que ela é considerada como expressão de subalternidade em relação à hegemônica e, os indivíduos que a vivenciam entendem, percebem, significam e decodificam as marcas dos “outros” por intermédio do que se apresenta corporalmente, pelas maneiras de agir, nos gestos, comportamentos e modos que se expressar (LOURO, 2000). Diante dessas questões, os corpos e sujeitos são regulados em diversos espaços, como apontado na etnografia multissituada sobre o olhar erotizado em vestiários, de Camargo (2014), no estudo exploratório de identidades homossexuais em famílias heteroparentais (CEBALLOS-FERNÁNDEZ, 2014) e, até mesmo, virtualmente quando homens utilizam uma sala de bate-papo gay, para manter relações de amizade e

relacionamento com outros homens, mas não querem perder o *status* de heterossexuais (MISKOLCI, 2013). Aqueles/as que não performatizam características hegemônicas estão expostos/as a concepções homofóbicas (RUBIA, 2013), que pode resultar até em casos de suicídios de adolescentes Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers e Intersexos - LGBTQI (ROA, 2013).

Também foram acrescentados nesta categoria, os trabalhos com a problematização das identidades paternas, marcador social que pode estar (ou não) nas identidades masculinas, embora com outras nuances de pressões sociais, distintas das que existem sobre as identidades femininas. A maneira como os sujeitos exercem sua paternidade está, de acordo com Nolasco (1995), influenciada a partir da tensão na relação vivida entre os sujeitos e o pai. É gerado nessa tensa relação, um sofrimento constante alicerçado na descrença, por parte dos pais, de possíveis pontes de interação, expressão e reconhecimento das ânsias afetivas do/a filho/a. Essa tensão extrapola a marca biológica, e é relacionada ao que se constrói (sócio-histórico-culturalmente) sobre o exercício parental. Todavia, a concepção da paternidade, segundo Benedito Medrado e colaboradores, não pode ser definida de maneira singular (hegemônica), como premissa, ela é plural (MEDRADO et al., 2004), ou seja, o exercício parental é construído performativamente por meio de práticas discursivas diversas que ultrapassam a relação pai e filhos.

Dos 3 trabalhos sobre a paternidade as discussões tomaram forma nos trabalhos de Tornquist (2008), que entrevistou Martin Dufresne¹⁵ sobre a guarda compartilhada; o cuidado dos filhos em idade escolar, por pais que tem suas companheiras trabalhando fora de casa, na obra de Soto, Amarís e Rosa, (2000) e, sobre a compreensão do desenvolvimento da identidade do pai para os jovens envolvidos no sistema de justiça, no trabalho de Shade e colaboradores (2012). Os direitos reprodutivos estiveram no início dos *men's studies* como um dos pilares de discussão e problematização. Desde a época dos anos 80 uma efervescência de trabalhos e discussões fomentaram o crescimento de uma área acadêmica com densos estudos sobre o exercício parental. O número reduzido de trabalhos neste estado da arte sobre a paternidade pode ser explicado, uma vez que este tema já ganhou reconhecimento acadêmico e espaço de produção em ascensão como um campo teórico (HENNIGEN; GUARESCHI, 2002). Mesmo assim, a masculinidade e a paternidade formam uma relação em que um conceito fortalece o outro mutuamente, garantindo e reafirmando o modelo hegemônico de autoridade e poder desempenhado pelos homens (NOLASCO, 1993). Não que

¹⁵Jornalista e ativista do movimento de homens pró-feministas no Canadá.

este princípio seja basilar nas produções acadêmicas, pelo contrário, há uma efetiva e grande discussão em estudos sobre reexistências de paternidades juvenis, todavia, os trabalhos encontrados neste estado da arte são insuficientes para marcar como ocorre a produção e de maneira ela se efetiva na academia.

Nesta categoria, a discussão interseccional nos estudos de identidades masculinas juvenis foi bastante evidenciado, nos trabalhos analisados, em relação aos marcadores sociais de classe e raça/etnia. Não obstante, houve diversos modelos de masculinidades juvenis problematizados, relativizados e colocados em questão. A presença de múltiplas identidades masculinas juvenis nesses trabalhos, desvela o esforço de estudos de matriz feminista na discussão sobre a pluralidade das masculinidades juvenis. A tímida associação de trabalhos sobre o exercício parental pode levar à consideração de que a área de estudos sobre paternidades vem ganhando reconhecimento no meio acadêmico, porém, é possível que os descritores usados não tenham sido suficientes para abarcar os estudos sobre as paternidades juvenis.

3.6.2. Análises de artefatos culturais

Vinte e um por cento das obras encontradas neste estado da arte apresentam-se nesta categoria. No total, 37 trabalhos apresentaram a discussão dos estudos masculinistas em artefatos culturais e como elas são permeadas por marcadores, que potencializam suas características pedagógicas sobre masculinidades e juventudes, em determinado contexto histórico, social e cultural.

As produções de uma cultura, forjadas em determinado período histórico e social, com um objetivo aparente e distribuído socialmente podem, como afirma Giroux (1995, p.125), ser uma “arma potente da hegemonia cultural no século XX”. Esta afirmação pode ser feita, pois diversos artefatos culturais são capazes de criar um sistema de verdades que podem incluir ou excluir pessoas e fazer determinados grupos serem ouvidos e outros calarem (PARAÍSO, 2004). Ao serem divulgadas, essas produções, que chamaremos de artefatos culturais, possibilitam a construção de um regime de pedagogias culturais que são capazes de “ensinar às pessoas uma infinidade de práticas e comportamentos, sonhos e desejos” (PARAÍSO, 2004, p.60). Mas também “as pedagogias culturais fazem parte de um território de lutas, onde sentidos e significados podem ser reelaborados, produzindo identidades híbridas, que constroem suas matrizes identitárias nesse emaranhado de relações de poder” (RENOVATO et al., 2009, p. 1607).

É neste viés sobre a capacidade de produção de sentidos que os trabalhos desta categoria se encontram. Ao apresentar conceitos sobre as masculinidades juvenis e as trajetórias de homens em livros (PIERA, 2010; XAVIER FILHA, 2011; ALMEIDA; BARBOSA, 2014; SALINAS-QUIROZ; ROSALES MENDOZA, 2016), filmes (LLANOS, 2010; NEIVA; BRAZ, 2012; POPPE, 2015; BESSA, 2017), contos (BERMÚDEZ, 2010; VIZCAÍNO, 2010; GOMES; AZERÊDO, 2017), romances (MISKOLCI, 2009; ALÓS, 2013), músicas (ARISMENDES, 2004; TROTTA, 2012), fotografias (FOSTER, 2004; SERRANO et al., 2011) jornais (BRIGEIRO; MAKSUD, 2009) e revistas (SANTOS; PEDRO; RIAL, 2012) os estudos se propõem a perceber as características pedagógicas que perpassam pelos enunciados e constroem discursos sobre as masculinidades, que podem se apresentar em formas emancipatórias ou hegemônicas. “Tais discursos são resultados de práticas que os precedem, atualizam e multiplicam” (RENOVATO et al., 2009, p. 1607). Quando Paraíso (2004) localiza a criação de sentidos divulgados pelos artefatos culturais, assinala um caráter pedagógico que pode legitimar ou criar processos de rupturas nos significados sobre os corpos, gênero, sexualidade, etc. Problematizar esses aspectos tem sido uma tendência nos estudos de gênero, principalmente, por que, de maneira geral, são lugares privilegiados na circulação de conceitos e sentidos. Elas operam na construção das identidades, sejam elas em âmbito individual ou social. Além disso, podem operar na re/produção de perspectivas inclusivas ou excludentes de identidades (FISCHER 2007).

Vale destacar a representatividade das mídias digitais na composição dos artefatos culturais analisados nesta categoria. Entre eles, *sites* de relacionamentos (ZAGO; SANTOS, 2014), canal Porta dos Fundos da plataforma do *YouTube* (FERREIRA; SOARES, 2017), perfis de *Facebook* (LINNE, 2014), que trazem como evidência as representações de gênero ou apontando permanências ou rupturas entre formas tradicionais, de masculinidades e feminilidades.

Os saberes pedagógicos veiculados em quaisquer gêneros narrativos que se encontrem, são potenciais educadores de espectadores/as para identificar e decodificar signos, convenções e diálogos estruturais (LOURO, 2000). É nesse contexto que se inserem as políticas propagandísticas, que têm por primazia influenciar consumidores, seja na publicidade sobre a aparência do homem metrosssexual como nova masculinidade juvenil, presente no estudo bibliográfico de Días e Carrizo (2015), ou ao construir um discurso negativo sobre maços de cigarro (RENOVATO et al., 2009) reforçando um padrão de virilidade e vigor masculino que o fumante pode não alcançar, ao manter a prática tabagista, disfarçado de cuidado com a saúde. Acrescentamos ainda o trabalho de propaganda que foi

utilizada para reforçar um corpo nacional argentino em épocas de guerra. Neste caso, as cartas trocadas entre soldados e seus filhos (alguns fictícios) foram disponibilizadas em jornais nacionais, as quais enalteciam o conceito de masculinidade hegemônica, especificamente ser militar, portar armas e ter força para defender a pátria (GUARELLO, 2011).

Perceber o caráter pedagógico disponibilizado em enunciados midiáticos é um campo dos estudos masculinistas e dos estudos sobre culturas juvenis, pois de maneira sutil ou manifesta, diversas características essencializadoras de masculinidades juvenis são (re)produzidas e vistas como modelo a ser seguido. Ao problematizar essas produções, saltam-se aos olhos estruturas que podem ser utilizadas como estratégias políticas de resignificação dos processos de hierarquia entre os sujeitos. Entre elas, os estudos de Silva (2012, p. 66), que trabalham o conceito de “performance da masculinidade entre os jovens do Morro de São Jorge” que, por meio do uso de telefones celulares, acabam “reforçando elementos da masculinidade hegemônica como a agressividade, a performatividade pública, a atividade sexual e a corporalidade” (SILVA, 2012, p. 61).

Nesta categoria, a discussão interseccional sobre masculinidades juvenis em marcadores sociais como o padrão físico, virilidade e força distribuídos em diversos artefatos culturais apontam para um campo de reprodução das masculinidades hegemônicas. A distribuição de elementos hegemônicos em artefatos culturais pode ser reforçadora de atributos discursivos importantes nos processos de regulação do corpo juvenil para a garantia, ou ao menos a disputa, de *status* hierárquicos de poder. Em diversas estruturas textuais e propagandísticas a masculinidade viril e heteronormativa reforçam discursos hegemônicos que podem servir, pedagogicamente, para a construção de masculinidades.

3.6.3. Práticas de violência e masculinidades juvenis

Antes de iniciar essa categoria, algumas considerações precisam ser realizadas. A primeira delas é que o tema relações violentas, nos trabalhos encontrados, foi de grande relevância, uma vez que ocupa a terceira posição em quantidade de publicações (29), como pode ser visto no gráfico 5. Todavia, nem todas as obras analisadas discorrem sobre violências de gênero, como por exemplo homens violentando mulheres. Pelo contrário, a maioria do que se encontrou nesta categoria foram trabalhos que vincularam as práticas violentas como ritos de passagem para a reiteração da masculinidade hegemônica.

Ao masculino, a violência se apresenta como uma forma social de poder. Ela é uma garantia, ou até estratégia de empoderamento masculino (CORNEAU, 1995). Porém, o

comportamento agressivo traz consigo ônus para os/as autores/as de violência. A adoção de práticas violentas gera graves danos à saúde física e emocional para eles/as e para os/as outros/as, além de ser geradora de potenciais problemas sociais, como vulnerabilização, prisão e exclusão social.

A temática da vulnerabilização de jovens homens apareceu em 48 trabalhos deste estado da arte. Estes resultados apontam para a construção sócio-cultural do trinômio juventude-vulnerabilidade-masculinidade. Ao encontrar esses termos associados percebemos o esforço dos estudos acadêmicos em compreender as particularidades desta categoria de análise. Dentre os trabalhos, encontram em discussão jovens homens em situação de vulnerabilização, quer por razões econômicas, educacionais, ou mesmo por ocorrência de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez (CAMARGO; FERRARI, 2009, ALVES; BRANDÃO, 2009; MARQUES JUNIOR; GOMES; NASCIMENTO, 2012), uso e comércio de drogas (MONTERO et al., 2003), consumo de álcool (HUNT; LAIDLER, 2001; GARCIA; CASTRO, 2009) ou envolvimento com atos violentos (SOUSA; LIMA, 2007, ZALUAR, 2007). Para Miriam Abramovay (2002), a posição e situação familiar dos indivíduos aumentam a incidência de jovens homens não só como vítimas, mas também como agressores. Esta realidade é discutida teoricamente em estudos que propõem uma reflexão sobre a construção da masculinidade hegemônica baseada em valores de violência (BREINES; CONNELL; EIDE, 2000), entre esses valores estão a virilização dos corpos masculinos com definição muscular, a imposição de medo, a performance agressiva e raivosa e até a banalização do uso de armas como estratégias de hierarquização nas relações (NOLASCO, 2001; SILVA et al. 2012).

Essa categoria recebe esse nome, pois aqui versaremos sobre o caráter de construção da ótica machista sobre as masculinidades, que propõe que ao masculino as atitudes violentas são ações reforçadoras da hegemonia. A violência não é uma relação de exclusividade entre homens e mulheres, mas também ela opera nos processos de sociabilização entre os homens (WELZER-LANG, 2001). Na tentativa de garantir o *status* de hegemonia os trabalhos de Chong (2008), com jovens asiáticos, participantes de gangues (HUNT; LAIDLER, 2000; RUBIA; MORALES, 2013) e Rios (2009), com jovens negros e latinos da Califórnia reforçam a garantia de hierarquização identitária de jovens agressores. Esses jovens homens moldam um conjunto específico de práticas de gênero e produzem uma hipermasculinidade relacionada à criminalidade (SILVA et al., 2012). Esse cenário social também reflete parte da realidade brasileira, quando jovens detentos nordestinos reafirmam sua masculinidade ao

cometerem (ou na tentativa de cometer) homicídios (DRYBREAD, 2014), ou em jovens da periferia do Rio de Janeiro (ZALUAR, 2007; NASCIMENTO; GOMES; REBELLO, 2009).

Destacamos que, nos trabalhos de Irwin e Chesney-lind (2008) e Barcinski (2009), há um processo de discussão sobre as relações de gênero e criminalidade. Como resultados, os/as autores/as apontam que a utilização de comportamentos violentos pressupõe uma masculinização do feminino em mulheres criminosas, que gera uma hierarquização de posição social a essas mulheres e, assim, empoderam-nas em diversos cenários. Como, por exemplo, na relação interna de detentas em uma penitenciária feminina, aquelas com atributos ditos masculinos recebem formas de tratamento mais respeitadas, em relação a outras sem esse estereótipo. Ao performatizarem comportamentos, gestos e atitudes reconhecidas no campo social como masculinas, regulam, em contextos específicos seus corpos, estabelecendo *status* hierárquicos nas relações. Nesses trabalhos as masculinidades femininas de mulheres presidiárias reforçam a ideia do caráter descontínuo e relacional do gênero (BENTO, 2006; GROSSI, 2010; 2013). Porém, Irwin e Chesney-lind (2008 p. 838) alertam ao cuidado que se deve ter nessas discussões, pois alguns autores recorrem à lógica androcêntrica e “eles facilitam a masculinização e punição de meninas de cores, pobres ou trabalhadoras que estão preenchendo os centros de detenção dos Estados Unidos e prisões juvenis em números cada vez maiores”¹⁶.

No que diz respeito à violência fatal, há um crescimento no país por diferentes manifestações de violência. Tais manifestações impactam no crescimento dos homicídios, geralmente, homens negros da faixa etária de 15 a 24 anos (MINAYO, 1990; SOUZA, 2005; CERQUEIRA et al. 2017). As discussões de vulnerabilização à violência, juventudes e masculinidades negras são uma realidade nacional. Diversas estatísticas apontam para a incidência de pesquisas que interseccionam essas categorias como alerta de um panorama social de vulnerabilização de jovens homens negros (ABRAMOVAY, 2002; ARAÚJO, 2015). Nos trabalhos de Souza, Souza e Pinto (2014) e Melo e Garcia (2017) os homens são esmagadoramente mortos por homicídios. Esses dados são corroborados por Waiselfisz (2014, p. 102), ao compor o Mapa da Violência: homicídios e juventude no Brasil assinala que “a vitimização homicida no país é notada e fundamentalmente masculina” e, acrescentamos, jovem e negra.

Quanto à violência de gênero, Saffioti (2001, p. 115) a conceitua como

¹⁶Tradução nossa de “they have facilitated the masculinization and punishment of poor or working-class girls of color who are filling US detention centers and juvenile prisons in ever increasing numbers” (IRWIN; CHESNEY-LIND, 2008, p. 383).

[...] abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio.

Essas características apontadas por Saffioti (2001) foram encontradas no trabalho de Rodrigo e Ordaz (2015), evidenciando na revisão de enfoques analíticos sobre a violência masculina contra as mulheres intrínsecas relações associadas com as desigualdades de gênero. Este estudo conclui que requer um desenvolvimento maior de marcos analíticos multiníveis e interrelacionados para melhor compor um panorama sobre cenários de violências. Além disso, Perulero (2014) aponta para o feminicídio no seu trabalho. Nesta obra, recortes de jornais mexicanos utilizam-se de preconceitos e estereótipos de gênero contra mulheres assassinadas ao veicular (sutil ou explicitamente) os casos de feminicídios como consequência dos comportamentos de “las hijas rebeldes”, “infieles”, “drogadictas” y “las que tienen mala conducta” (PERULERO, 2014 p.100). Assim, os padrões de gênero e violência são reiterados no cenário social em pedagogias que ensinam a lógica machista. A violência de gênero merece destaque para trabalhos onde há “la violencia física, psicológica y sexual entre las parejas de adolescentes y adultos jóvenes que no se encuentran casados ni convivendo” (ANACONA, 2008, p. 227).

Entre os problemas sociais abordados nos trabalhos deste estado da arte, destacamos por fim aqueles relacionados à violência infantil (SILVA COSTA; FORTUNATO-COSTA, 2013) e o trabalho com autores sergipanos (CERQUEIRA-SANTOS et al. 2012), que apresentaram violência sexual em trabalhadores da construção civil, uma vez que os sujeitos da pesquisa afirmaram uma predileção por utilizarem trabalhos sexuais de crianças e adolescentes vítimas de exploração sexual infantil e juvenil. A presença de trabalhos nessa temática leva à problematização da infância como construção de objeto de desejo, o que Jane Felipe (2006) chama de pedofilização da infância. A autora traz como reflexão a distribuição de conceitos sobre a construção da masculinidade heterossexual em relação a produção de dominação sobre os infantes.

Um aspecto interessante nesse processo é discutir a construção das masculinidades heterossexuais articulando-as ao conceito de pedofilização, visto que há um discurso muito corrente em torno da idéia de que os homens possuem uma sexualidade mais “animalesca”, incontrolável, de certa forma insaciável[...] (FELIPE, 2006, p.221)

Tais práticas culturais acionam nossa atenção em relação aos discursos legitimadores da dominação masculina, que geram na cultura casos de estupro e violências outras contra os infantes e jovens, violando seus direitos fundamentais e seus corpos.

Consideramos essa categoria como emergente nos estudos sobre homens e masculinidades, uma vez que ela alerta para a necessidade de ampliar o campo de pesquisa sobre as práticas de violência nas construções sobre as masculinidades e nas diversas relações sociais. A naturalização das violências nos contextos sociais ganha palco de discussões nas produções deste estado da arte. Percebe-se que as violências não estão restritas ao binômio homem-mulher, elas se configuram também nos processos de sociabilização masculino. Nessas relações, os/as agressores/as conquistam (ou tentam) posições de privilégio em detrimento de outros/as, reforçando um aspecto comum da masculinidade hegemônica: a brutalidade.

3.6.4. Saúde sexual e reprodutiva

Vinte e um (21) dos trabalhos encontrados se enquadram nesta categoria, que procura analisar informações disponibilizadas pelas obras do estado da arte no que se refere à saúde sexual e reprodutiva. Como visto em outras categorias, a virilidade masculina na juventude é ancorada ao imaginário social, como característica de privilégio e poder. Como por exemplo, alguns trabalhos abordam que, com o processo natural de envelhecimento e perda biológica das características “viris”, nasce um nicho de discussão: corpos masculinos acometidos com patologias e o processo de envelhecimento. Sobre os processos que homens experienciam em sua velhice, Rohden (2011) faz uma associação da juventude com a beleza e à atividade sexual, nos processos de adoecimento ou de condições de vida e, à recusa ao envelhecimento. Além deste trabalho, Tofani e Vaz (2007) analisam processos de depressão gerados pelo sentimento de impotência em pacientes com câncer de próstata. E em obras como Rohden (2012) e; Thiago, Russo e Camargo Júnior (2016) problematiza-se a utilização de medicamentos e reposição hormonal para a promoção da saúde dos homens. Podemos inferir que, nesse nicho de discussões sobre as masculinidades há uma discussão entre a saúde como cuidado e a saúde para a promoção de características hierárquicas de privilégio. Ao reforçar o binômio juventude-virilidade, corpos masculinos repetem discursivamente *performances* de saúde sexual e reprodutiva, a fim de permanecer em uma posição de privilégio hierárquico que é sentir-se saudável e sexualmente potente. A potência sexual serve como catalizador de

hierarquia discursiva no cenário social, e por esse motivo, o reforço performático agencia esse jogo de reafirmação hegemônica.

Ao discutir sobre a saúde, outra vertente encontrada nesses estudos foi percebida como de caráter médico-higienista e biologicista (FURLANI, 2005). Parte dos trabalhos encontrados discutiram as representações do corpo e as vulnerabilizações da prática sexual como o desenvolvimento de doenças sexualmente transmissíveis (BESERRA et al., 2011) e uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens (ALVES; BRANDÃO, 2009). Trazer a sexualidade a um contexto de perigo e cuidado pode ser problemático, pois, ela pode acrescentar bloqueios a uma educação sexual que promova o cuidado e autoproteção, o que Furlani (2005) caracteriza como enfoque excessivamente médico e biológico. Para Louro (2000, p.33), discursos de instituições sociais como a medicina e tantas outras, exercitam, cotidianamente, pedagogias sobre o dito e o não dito em “uma linguagem socialmente situada, que diz sobre o que falar e sobre o que silenciar, o que mostrar e o que esconder, quem pode falar e quem deve ser silenciado”. Dessa forma, se reforçam padrões higienistas sobre o corpo que silenciam modos e sujeitos em padrões repressivos sobre o sexo, configurando “um viés apenas moralista que visa provocar medo, insegurança e abstinência, mas não a conscientização e a conseqüente mudança atitudinal de maneira engajada e autônoma” (SANTOS; RIBEIRO; OLIVEIRA, 2011, p.5).

Assim, os trabalhos desta categoria problematizam o binômio juventude-saúde. O mito do corpo juvenil como sinônimo de saúde vende e naturaliza corpos desejáveis, principalmente às masculinidades. No cenário social, a condição de correr riscos, ser provedor, ativo e dinâmico reforça o padrão hegemônico das masculinidades, mesmo que se ponha em risco a própria condição de saúde, seja ela sexual ou não. Nas discussões sobre a vulnerabilização a que a categoria das juventudes, sistematicamente, é associada, os jovens homens constituídos por regulações sociais de diversos vieses, associam a garantia da masculinidade ao descuido do corpo (não indo ao médico, ou recusando tratamentos e exames, por exemplo), mas, paradoxalmente, recorrem à esperança de um corpo juvenil como capital sexual, capaz da promoção de posições hierárquicas e de domínio. (Re) pensar criticamente os efeitos que estas associações criam serve para a promoção de políticas de discussão, no campo acadêmico e fora dele, que fomentem a problematização do binômio juventude-saúde relacionados às masculinidades, ultrapassando essa dimensão e integrando-a à cultura e a outros marcadores sociais.

Faz-se importante também reconhecer o espaço de diálogo desses trabalhos com as análises e problematizações da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes

e Jovens (LOPEZ; MOREIRA, 2013a) e da legislação do Plano Nacional de Política de Saúde do Homem (LOPEZ; MOREIRA, 2013b; COUTO; GOMES, 2012). Esses trabalhos assinalam como estratégias previstas pelo Estado podem servir de reforço às normas hegemônicas e, principalmente, como elas podem se tornar políticas públicas emancipadoras das relações de gênero e sexualidade para homens e masculinidades. A análise desses programas públicos discute como estão sendo pensadas as masculinidades juvenis e pontua uma relação que excede a promoção de políticas públicas. O que se encontra no decorrer da escrita é um reforço sistemático de que jovens e/ou adolescentes são considerados sujeitos imaturos e por isso precisam se submeter à tutela do Estado na promoção de sua saúde. Lopes e Moreira (2013a; 2013b) concluem em ambos os trabalhos que se trata de uma política cultural de reconhecimento de jovens e adolescentes, mas a escrita dos planos reforça o não protagonismo juvenil e o olhar adultizado sobre as concepções de saúde em jovens masculinos.

3.6.5. Sociabilização

6,3% das obras publicadas por esse estado da arte compõem esta categoria de análise. Aqui, nos preocupamos em estabelecer uma relação entre o ambiente social e as discussões sobre homens e masculinidades. Welzer-lang (2001), destaca que os processos de sociabilização de meninos perpassam por ensinamentos e reproduções da ordem hegemônica. Esses ambientes são tão possíveis quanto existentes e as performatividades (re)produzidas e disseminadas, cooperam para a manutenção da ótica hierárquica de gênero. Assim, os trabalhos nesta vertente, permitem identificar por quais enunciados sociais se constroem discursos sobre as masculinidades e como eles fabricam discursos privilégio de identidades em detrimento de outras. Associando classe social e cor/raça/etnia, os trabalhos tratam da valorização masculina de homens no ambiente dos bailes Charme no Rio de Janeiro (CECCHETTO; MONTEIRO, 2012), ou das experiências de homens negros em torno da ideia de que a masculinidade é uma experiência, que contribui na trajetória dos sujeitos, nunca acabada e marcada por revezes em Souza (2010). A *performace* desempenhada por esses jovens em contextos locais, favorece os processos de posicionamento hierárquico, por exemplo, entre aqueles que sabem dançar no baile Charme. Além das discussões sobre subjetividade e masculinidade de jovens do sexo masculino pertencentes às camadas populares, a partir das relações de sociabilidade, vividas por eles (RISK; ROMANELLI, 2008).

Um aspecto interessante foi encontrado no estudo de caso com a observação de que as brincadeiras de meninos e de meninas são aprendidas nos processos de sociabilização. Desde antes de nascer, representações e significados de gênero são atribuídos a meninos e meninas de maneiras diferenciadas, até mesmo nas brincadeiras. Como visto em Pinto e Lopes (2009), em diversas instâncias de regulações sociais se desenvolvem e reproduzem mecanismos sutis que constroem e mantêm as diferenças entre os sexos (FINCO, 2003).

Além das relações sociais citadas, os artigos estabeleceram discussões sobre a sociabilização e suas construções com as masculinidades homossexuais, entre homens profissionais do sexo e seus clientes ou nas suas relações com o turismo sexual de regiões turísticas do México em trabalhos de Mendonça (2015), Plaza (2015) e Rábago e Aldama (2012).

Os processos de sociabilização são um ponto importante aos estudos masculinistas entrelaçados com a juventude, uma vez que imersos em processos sociais, historicizados e interpelados por artefatos culturais se reproduzem e se redefinem práticas discursivas sobre as masculinidades e juventudes. Analisar essas produções faz-se importante para entender os modos pelos quais as masculinidades juvenis locais, regionais e globais são distribuídas e os processos que as articulam e interseccionam.

Nesta categoria a discussão interseccional entre masculinidades e juventudes levantam marcadores sociais como, por exemplo, o padrão de corpo para trabalhadores sexuais, a habilidade de dançar, raça/etnia influenciando e dinamizando a pluralidade de exercício das masculinidades hegemônicas em diversos contextos sociais. Em múltiplos contextos, as relações sociais problematizam identidades masculinas jovens e como o reforço às normas é encontrado em crenças e atitudes situadas nas realidades dos sujeitos dos trabalhos.

3.6.6. A Educação forjando masculinidades

Nesta categoria, estão presentes onze trabalhos que convergem para a discussão das masculinidades em contexto escolar. O ambiente escolar é palco importante na construção das noções de gênero sobre masculinidades e, a produção desses saberes pode instituir, segregar, normatizar os corpos, fabricar sujeitos e legitimar diferenças, principalmente às juventudes. Esse espaço também pode ser frutífero ao favorecer uma educação emancipatória e capaz de problematizar e desnaturalizar as assimetrias de gênero (FURLANI, 2009; SANTOS; RIBEIRO, OLIVEIRA, 2011). Discutindo sobre as práticas de gênero na educação, destacam-se o trabalho de Ferrer (2016), uma etnografia que reflete sobre a reiteração do patriarcado

nas práticas educacionais e Giraldo-Gil (2014) que, sob a discussão do feminismo pós-moderno oferece uma revisão de algumas práticas educativas. Problematizar os conceitos falocêntricos e patriarcais de gênero, naturalizados na escola, serve para compor um panorama das práticas escolares “sublinhando a importância dos processos performativos que constituem gênero, corpo e heterossexualidade como constructos culturais marcados pela historicidade” (ALÓS, 2011, p.421). Propondo-se a discutir os aspectos de performatividade no currículo, Berenice Bento (2011) e Sales e Paraíso (2011) destacam que, na escola se aprende sobre a diferença e as “estratégias utilizadas em um currículo podem ser traduzidas no outro, por meio da interface entre eles, tendo como efeito ora a transgressão, ora o fortalecimento das fronteiras de gênero” (SALES; PARAÍSO, 2011, p.536). Estudos de inspiração *queer* propõem que se borrem os limites de inteligibilidade sobre os gêneros a fim de implodir a categorização sistemática dos corpos, o que pode servir de ampliação para as propostas de intervenção no ambiente escolar e em tantos outros, em uma abordagem *queer* e crítica sobre juventudes e masculinidades uma vez que “o primeiro aspecto de uma pedagogia *queer* escolar consista na crítica desconstrutiva da educação dominante que apresenta a heterossexualidade como identidade hegemônica, compulsória e incontestável.” (FURLANI, 2005, p. 240). Para Dayrell (2007, p.1118), “a realidade escolar aparece mediada, no cotidiano, pela apropriação, elaboração ou reelaboração expressas pelos sujeitos sociais, fazendo da instituição educativa um processo permanente de construção social”.

Fernando Seffner (2011), em seu trabalho “Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade” reflete sobre gênero e sexualidade na escola assim como Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013) e Finco (2015) mostram que a educação sexual na escola pode ser geradora de debates sobre a equidade de gênero, fomentando discussões que emancipem corpos e indivíduos à expressão suas identidades.

Faz-se necessário destacar também que, foi encontrado em um dos trabalhos da categoria “Educação” uma análise da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) de 2006, na qual os resultados indicam que, a necessidade do trabalho prejudica o percurso escolar de jovens meninos e os afazeres domésticos, de forma mais sutil, para as meninas. Esses dados refletem uma triste realidade de classe e de gênero nacional sobre a evasão escolar de jovens (ARTES; CARVALHO, 2010). Ao requerer do masculino o papel de provedor no imaginário social, cria-se uma relação de responsabilização aos jovens homens de manterem uma alta produtividade econômica. O que acontece ao reproduzir esse conceito hegemônico é o acelerado processo de evasão escolar por parte de jovens homens.

Associando o padrão de gênero às camadas mais baixas da classe econômica gera uma dualidade recorrente que potencializa o processo de evasão escolar: homens e pobres. A realidade apresentada nesse estudo reitera a lógica da divisão binária de gênero, por meio da divisão do trabalho na qual a obrigatoriedade do *status* social de “provedor do lar” é reforçado e, sistematicamente, reproduzido no meio cultural para os homens levando ao abandono escolar. A percepção da divisão de trabalho na lógica binária não é apenas reforçadora da hegemonia sobre as masculinidades juvenis mas também às mulheres na obrigatoriedade dos cuidados do lar e dos filhos.

3.7. Em síntese: como masculinidades e juventudes são inscritas nas publicações?

Nessa categoria, sintetizamos as discussões sobre masculinidades e juventudes exploradas no portal de periódico da CAPES, entre os anos de 2000 a 2017, a fim de tecer uma costura de como essas duas áreas se mostraram inscritas nas publicações.

As publicações encontradas trouxeram para o campo das masculinidades um debate acerca da hegemonia discursiva produzida culturalmente. A reiteração da heteronormatividade, as relações de poder sobre a dominação masculina em discursos machistas, misóginos, homofóbicos e de recusa às identidades femininas compuseram uma tendência nos estudos masculinistas: a problematização de hierarquias de poder nas identidades masculinas. O reforço da hegemonia em trabalhos que debateram iniciação sexual, masturbação e virilidade enunciaram discursos produzidos na cultura por sujeitos masculinos, mostrando como as produções culturais vão sendo importantes no processo de legitimação das normas regulatórias de gênero.

Uma interseção que vale ser ressaltada é sobre a produção de trabalhos que articularam gênero e juventudes a outros marcadores sociais como classe e raça/etnia. Nos estudos dessa natureza, a problematização de vieses plurais na re/construção de identidades masculinas refletem múltiplos olhares sobre como está sendo negociada, em distintos cenários, a produção de características ditas hegemônicas.

O caráter multifacetado das masculinidades também foi percebido em relação às masculinidades juvenis.

Ao serem problematizados em diversas publicações, os artefatos culturais sobre masculinidades juvenis mostraram a importância da cultura no caráter pedagógico de reforço e ruptura de cristalizações em torno das masculinidades. Em processos sociabilizatórios, reconhecemos também a importância de se problematizar a produção de discursos

hegemônicos. Tais discursos expõem características que podem ter como efeito pedagogias culturais reforçando crenças e valores sobre masculinidades juvenis. Neste processo relacional de sociabilização eles (os discursos) podem se apresentar em formas emancipatórias ou hegemônicas.

Nos escritos, as práticas de violência por jovens masculinos levaram a vulnerabilizações que expõem os corpos a práticas violadoras da integridade física e emocional, na tentativa de garantir o título (que constantemente precisa ser reforçado) de virilidade, força, potência sexual e saúde reprodutiva. Essas práticas performativas instauram a ótica machista e hegemônica que a violência e o descuido com o corpo atestam (ou prometem atestar): o ideal de masculinidade.

Em relação às óticas sobre as juventudes, muitos estudos não abordaram teoricamente suas concepções sobre o tema, mas as interpretações levam a considerar que esta categoria esteve vinculada, principalmente, ao conceito de idade cronológica. O que significa esse resultado para este trabalho? Significa que a percepção encontrada em muitos escritos é uma associação da faixa etária, como molde único (ou principal) na discussão sobre as juventudes. Problematicamos a etarização, pois consideramos um viés de interação no processo de constituição das juventudes muito importante: o reconhecimento de sua pluralidade, em razão de fatores culturais e dos vários marcadores culturais, que ultrapassam apenas a idade.

Concordamos com Dayrell (2005), ao pensar a juventude além do marco etário.

Nessa outra forma de refletir e lidar com os tempos da vida supera-se a sucessão linear e fechada de cada uma das suas etapas. Significa ver e viver as experiências articuladas, com a possibilidade de múltiplas respostas, de forma que uma idade não elimina a outra, mas a contém (DAYRELL, 2005, p. 297).

Por outro lado, em vários trabalhos, as produções de saberes, práticas e *performances* juvenis vão além do contingente temporal e emergem da relação entre instâncias de regulação sociais diversas, como o recorte político, econômico, de classe e gênero, sendo-os então saberes locais e contingenciais. A presença de uma pluralidade de estudos sobre jovens masculinos aponta para a visualização da juventude como categoria plural e, portanto, o termo juventudes, por sua significação mais ampla. Ao assinalar para a pluralidade, recorreremos aos estudos culturais para discorrer analiticamente com as juventudes. Foi percebido nas diversas entrelinhas dos escritos deste estado da arte que a dinâmica com diversos marcadores sociais, promovem um olhar que valoriza a construção subjetiva das juventudes, assim, chamadas de culturas juvenis.

Paradoxalmente à etarização encontrada nos escritos, a concepção de culturas juvenis abarcou frutíferas problematizações nos trabalhos deste estado da arte, foram encontrados trabalhos que versaram sobre a problematização das construções masculinas na juventude em diversos espaços sociais. No corpo de nossa análise, encontramos como objetos de pesquisa jovens negros, quilombolas, indígenas, asiáticos, LGBT, mulheres, trabalhadores da construção civil, profissionais do sexo, idosos, na realidade *online*, em outros artefatos culturais. A presença de tal multiplicidade de realidades e o potencial de discussão leva a considerar, que há uma produção teórica que se preocupa com reflexões sobre as diversas realidades de jovens masculinos.

Portanto, o entrelaçamento de masculinidades e juventudes em publicações no Portal de Periódico da CAPES nos últimos 17 anos foi capaz de fomentar discussões profícuas para ampliar os olhares e percepções de categorias que, de maneira sutil, estão sendo formadoras de problematizações necessárias no debate da agenda pró-feminista e de gênero em escalas local, regional e global.

4. (Entre) linhas finais: masculinidades e juventudes

Ao compor este capítulo percebemos que o recorte apresentado das pesquisas em escala local, regional e global, apresentam que as masculinidades são, não apenas diferentes entre si, mas possuem em diversas discussões os aspectos discursivos fabricados pela hegemonia masculina. Porém, ancoradas no patriarcado e ao machismo, essas identidades reproduzem, mesmo que não fielmente, características hegemônicas, que criam e reiteram masculinidades hegemônicas delimitando corpos e espaços hierárquicos de poder. A partir da delimitação da hegemonia se reconhecem masculinidades subalternas que em processos sociais são forjadas por sanções sociais de repressão, exclusão e inferioridade.

As publicações por regiões brasileiras e as internacionais, entre os anos de 2000 e 2017, apresentaram um padrão de fomento das pesquisas feministas e de gênero nas discussões das masculinidades ao assinalar a pluralidade de experiências masculinas juvenis associadas a múltiplos contextos. Regiões, historicamente reconhecidas pela discussão masculinista, como é o caso de Santa Catarina e Rio de Janeiro assim como Colômbia e México, caracterizaram maior número de publicações, no período deste estado da arte.

Vale ressaltar que a presença de Sergipe apareceu, timidamente, com apenas 4 autores, o que fortalece a necessidade de inserir mais efetivamente os estudos nesta área, sobre a região sergipana. Faz-se necessário lembrar que os descritores usados nesta pesquisa foram

para associar o conceito de masculinidades com o de juventudes. Para nós, fica claro que a associação destes descritores reduz bastante o campo de estudos sobre masculinidades, uma vez que intersecciona a variável juventudes. Acreditamos que o objetivo de mostrar essa interseção foi cumprido na análise das publicações do portal de periódicos da CAPES. Ao reconhecer que este portal reflete, em grande parte, a produção teórica nacional, nosso inventário, que está imerso em um recorte temporal de produção e que passou por diversos filtros, apresenta um reflexo da produção do estado sobre o cruzamento entre masculinidades e juventudes. Um destaque positivo para o Nordeste são as publicações de localidades reconhecidas pelo trabalho com jovens homens e discussão de masculinidades, como é o caso do Instituto PAPAÍ e o Grupo de Estudos sobre Masculinidades/GEMA na Universidade Federal de Pernambuco e também, na Universidade Federal de Sergipe, que vem ampliando estudos com masculinidades e também de juventudes.

A América Latina merece destaque nas publicações e na realização de encontros regulares sobre os estudos de homens e masculinidades como o Colóquio Internacional de estudos de Homens e masculinidades, organizado principalmente por militantes sociais e acadêmicos das temáticas de gênero e Feministas.

O número de pesquisas encontradas e a pluralidade de áreas (psicologia, sociologia, estudos culturais, antropologia, educação, interdisciplinares, entre outros) mostram que o tema das masculinidades juvenis ainda precisa ser explorado nas diferentes áreas do conhecimento e com possibilidades de interseccionalidades de etnia, classe, gênero metodológicas, conceituais etc.

Esses trabalhos também evidenciam o caráter de fluidez das masculinidades, uma vez que elas também são sujeitas a mudanças e variações. Reiteramos as juventudes como protagonistas sociais, que tornam o cenário frutífero para a discussão e intervenção nas masculinidades, compondo um caleidoscópio sobre sua pluralidade que são perpassados por diversas instâncias de regulações sociais e pedagogias culturais.

É de suma importância, reiterar as lacunas e limitações deste trabalho. No processo de triagem, leitura e releitura, encontramos diálogos tímidos e quase inexistentes sobre masculinidades juvenis femininas ou sobre as transexperiências masculinas, na juventude. Tomar a discussão dessas categorias levaria seria imprescindível para abarcar as posições políticas que elas implicam no cenário atual de histeria moral, com reflexo em projetos de lei como “Escola sem Partido” ou a famigerada pedagogia da “Ideologia de gênero”. Abrimos aqui um parêntese sobre a necessidade de se pensar trabalhos dessa natureza assim como a realização de pesquisas no contexto local sobre jovens e suas experiências masculinas,

processos de re/construção e legitimação com múltiplas realidades no menor Estado brasileiro.

Diante do cenário apresentado nesta discussão, existem ainda desafios para se enfrentar nos estudos masculinistas. Em dossiê para a Revista *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Aguajo e Nascimento (2016) destacam alguns desafios atuais dos estudos sobre as masculinidades. Dentre eles destacamos que “se necesita mayor investigación para describir ese enorme caleidoscopio de masculinidades diversas, de discursos y prácticas situados cultural e historicamente” (AGUAJO; NASCIMENTO, 2016, p.212). E, assim, ressaltamos a importância de pesquisar jovens, para ampliar as discussões sobre as diversas possibilidades e formas de expressão das masculinidades na realidade local.

REFERÊNCIAS

- AGUAYO, B. E. C. Maternizando lo político: mujeres y género en el Movimiento Sindical de la Industria Salmonera Chilena. **Estudios Feministas**, Florianópolis, 20(1): 344, 2012, p.189-207.
- AGUAYO, F; NASCIMENTO, M. Dos décadas de Estudios de Hombres y Masculinidades en América Latina: avances y desafíos. **Sexualidad, Salud y Sociedad revista latinoamericana** n. 22, 2016 - pp.207-220.
- ALMEIDA, A. M; BARBOSA, A. M. A. A Honra Como Reafirmação da Identidade Masculina no Conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, de João Guimarães Rosa. **Revista Ártemis**, v. 18 n° 1, 2014. p. 239-250.
- ALMEIDA, G. ‘Homens trans’: novos matizes na aquarela das masculinidades? **Estudios Feministas**, Florianópolis, 20(2): 256, 2012 p. 513-523.
- ALÓS, A. P. Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão. **Estudios Feministas**. Florianópolis, 19(2): 336, 2011 p. 421-449.
- ALÓS, A. P. Não contar a ninguém ou contar a todo mundo? Colapsos da masculinidade em No se lo digas a nadie. **Estudios Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, 2013, p. 343-370.
- ALVES, C. A; BRANDÃO, E. R. Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: Interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 14(2), 2009, p.661-670.
- AMARAL, M. F.; **Culturas juvenis e experiência social**: modos de ser jovem na periferia. 2011. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28825/000772899.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 jun. 2017.
- ANACONA, C. A. R. Prevalencia, factores de riesgo y problemáticas asociadas com la violencia en el noviazgo: una revisión de la literatura. **Avances en Psicología Latinoamericana**. Bogotá –Colombia. V. 26(2), 2008 p. 227-241.
- ARAÚJO, Y. M. R. Juventude e violência: vulnerabilidades, estigmatização e território. In: Seminário Nacional de Serviço Social e Política Social. 2015 **Anais...** Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC. 2015
- ARISMENDES, C. F. Videoclips musicales: en un clip, capté tu imagen. **Comunicar**, n° 41, v. 22, 2004, p.156-163.

- ARTES, A. C. A; CARVALHO, M. P. O trabalho como fator determinante da defasagem escolar dos meninos no Brasil: mito ou realidade? **Cadernos pagu** (34), 2010, p. 41-74.
- BAJOIT, G.; **Todo cambia**: Análisis sociológico del cambio social y cultural em las sociedades contemporáneas. 1ª Ed. Santiago: LOM Ediciones. 2003.
- BANDEIRA, L. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(1), 288, 2008, p. 207-229.
- BARBOSA, G. S; LAGE, A. C. Reflexões sobre o movimento feminista na américa latina. **Revista Lugares de Educação [RLE]**, Bananeiras-PB, v. 5, n. 11, p. 92-103, 2015.
- BARCINSKI, M. Centralidade de gênero no processo de construção da identidade de mulheres envolvidas na rede do tráfico de drogas. **Ciência & Saúde Coletiva**, 14(5), 2009, p. 1843-1853.
- BENQUET, F. M. Crisis cafetalera y migración internacional en Veracruz. **Migraciones internacionales**, v. 2, n. 2, 2003, p. 121-148.
- BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro, Garamond, 2006.
- BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 336, 2011 p. 549-559.
- BENTO, B. **Homem não tece a dor**: queixas e perplexidades masculinas. 2. ed. – Natal. RN, EDUFRN, 2015.
- BERMÚDEZ, G. B. Masculinidades homosexuales en la narrativa de Eduardo Antonio Parra, Joaquín Hurtado Y Nadia Villafuerte. **Signos Literarios**, 12, 2010, 41-65.
- BESERRA, E. P; TORRES, C. A; PINHEIRO, P. N. C; ALVES; M. D. S; BARROSO, M. G. T. Pedagogia freireana como método de prevenção de doenças. **Ciência & Saúde Coletiva**, 16, 2011, p. 1563-1570.
- BESSA, K. A. M. “Como cheguei a ser o que sou”? Uma estética da torção em filmes das décadas de 60 e 70. **Rev. Estud. Fem.** v.25 n.1 Florianópolis, 2017, p.291-313.
- BORDINI G. S; SPERB, T. M. Concepções de Gênero nas Narrativas de Adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 25 (4), 2012, 738-746.
- BORRILLO, D. **Homofobia**: História e critica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BOSCHILIA, R. T. Viril, produtivo e honrado: a construção da identidade masculina em colégios católicos. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, 2012, p. 243-268.
- BOYER, A. Biopolítica y filosofía feminista. **Revista de Estudios Sociales**. N. 43, 2012, p. 131-138.

- BRANDÃO, E. R. Desafios da contracepção juvenil: interseções entre gênero, sexualidade e saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 14(4), 2009, p. 1063-1071.
- BRASIL. VI Colóquio Internacional De Estudos Sobre Homens E Masculinidades, 2017, Recife. **Livro de resumos**. Recife: GEMA/UFPE, Instituto PAPAI, IFF/Fiocruz, Instituto Promundo e MenEgaje Brasil, 2017.
- BREINES, I.; CONNELL, R; EIDE, I. **Male roles: masculinities and violence, a culture of peace perspective**. Paris: UNESCO, 2000.
- BRÊTAS, J. R. S; OHARA, C. V. S; JARDIM, D. P; AGUIAR JUNIOR, W; OLIVEIRA, J. R. Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, 16(7), 2011, p. 3221-3228.
- BRIGEIRO, M; MAKSUD, I. Aparição do Viagra na cena pública brasileira: discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na mídia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(1): 296, 2009 p. 71-88.
- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, Autêntica, 2001, pp.151-172.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**; Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2ª ed, 2008.
- BUTLER, J. Regulações de Gênero. **Cadernos pagu**. (42), 2014, p. 249-274.
- BUTTURI JUNIOR, A. Os discursos sobre a homossexualidade brasileira no período colonial. **Acta Scientiarum. Language and Culture** Maringá, v. 35, n. 1, 2013, p. 143-152.
- CÂMARA, A. P.; **Gênero e Sexualidade na Revista Sexy: Um roteiro para a Masculinidade Heterossexual**. 2007. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2007.
- CAMARGO, E. A. I; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, 14(3), 2009, p. 937-946.
- CAMARGO, W. X. Notas etnográficas sobre vestiários e a erotização de espaços esportivos. **Revista Ártemis**, v. 17, nº 1, 2014. p. 61-75.
- CAMINO, L; TORRES, A. R. R. Origens e desenvolvimento da Psicologia Social. In: CAMINO, L; TORRES, A. R. R; LIMA, M. E. O; PEREIRA, M. E. **Psicologia Social: temas e teorias**. Brasília: Technopolitk, 2011, pp. 23- 100.
- CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Cursos Recomendados/Reconhecidos**. 2010. Disponível em:

<<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/coordenadorAreaAvaliacao/listaCoordenadorAreaAvaliacao.jsf>> Acesso em: 02 de ago de 2017.

CARDOSO, A. M. L. O mito da serpente em D. H. Lawrence. **Acta Sci. Lang. Cult.** Maringá, v. 30, n. 1, p. 37-44, 2008.

CARRANO, P. C. R.; MARTINS, C. H. dos S. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação**. Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan./abr. 2011.

CARVALHO, F. A.; Que saberes sobre sexualidade são esses que (não) dizemos dentro da escola? In FIGUEIRÓ, M. N. D.; **Educação Sexual: em busca de mudanças**. 1ª. ed. Londrina: UEL, 2009.

CARVALHO, V. D; BORGES, R. O; RÊGO, D. P. Interacionismo Simbólico: Origens, Pressupostos e Contribuições aos Estudos em Psicologia Social. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2010, 30 (1), 146-161.

CATANI, A. M.; GILIOLI, R. de S. P. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CEBALLOS-FERNÁNDEZ, M. Identidad homosexual y contexto familiar heteroparental: implicaciones educativas para la subversión social. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 12 (2), 2014, p. 643-658.

CECCHETTO, F; MONTEIRO, S. Discriminação, cor e intervenção social entre jovens na cidade do Rio de Janeiro (RJ, Brasil): a perspectiva masculina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(1): 336, 2006 p. 199-218.

CECCHETTO, F; MONTEIRO, S; VARGAS, E. Sociabilidade juvenil, cor, gênero e sexualidade no baile charme carioca. **Cadernos de Pesquisa** v.42 n.146, 2012, p.454-473.

CEPAL.; OIJ.; **La juventud em iberoamérica. Tendencias y urgencias**. Santiago Del Chile, 2004.

CERQUEIRA, D; LIMA, R. S; BUENO, S. VALENCIA, L. I; HANASHIRO, O; MACHADO, P. H. G; LIMA A. S. **Atlas da violência 2017**. Rio de Janeiro: RJ IPEA, 2017.

CERQUEIRA-SANTOS, E; DESOUSA, D. A; MELO NETO, O. C; ROCHA, A. C. Sexualidade do Trabalhador da Construção Civil: Percepções sobre a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 25 (3), 2012, p. 578-587.

CHONG, V. Negotiating With Agency: Towards an Intersectional Understanding of Violence and Resilience in Young Southeast Asian Men. **Joint Medical Program**, 12, 2008, p. 1-48.

CONNELL, R. W. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**, 20 (2), 1995, p. 185-206.

- CONNELL, R. W. **Masculinities**: Knowledge, power and social change. Berkeley/Los Angeles: University of Califórnia Press, 1995.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W.; Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n.1, p. 241-282, jan./ abr. 2013.
- CONRADO, M; RIBEIRO, A. A. M. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 25(1): 422, 2017, p. 73-97.
- CORNEAU, G. Paternidade e masculinidade. In: NOLASCO, S. **A desconstrução do masculino**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995.
- COROSSACZ, V. R. Cor, classe, gênero: aprendizado sexual e relações de domínio. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(2): 304, 2014, p. 521-542.
- CORSETTI, B. A análise documental no contexto da metodologia qualitativa: uma abordagem a partir da experiência de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos. **UNIrevista**, v.1, n.1, p.32-46, 2006.
- COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L.H. Estudos Culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 23-61, 2003.
- COUTO, M. T; GOMES, R. Homens, saúde e políticas públicas: a equidade de gênero em questão. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 10, 2012, p. 2569-2578.
- CUBAS, C. J; ABES, G. J. Judith Gautier e o espanto de Baudelaire: papéis sociais e espaços literários no século XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 24(3): 398, 2016, p. 785-800.
- DAMICO, J. G. S; MEYER, D. E. E. Constituição de masculinidades juvenis em contextos “difíceis”: vivências de jovens de periferia na França. **Cadernos pagu** (34), 2010, p.143-178.
- DAYRELL, J. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. **Jovenes, Revista de Estudios sobre Juventud**. ed 9, n 22 México, 2005 p. 296-313.
- DAYRELL, J.T. A escola faz juventudes?: reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.
- DÍAZ, O. H; CARRIZO, J. G. El hombre metrosexual como Narciso contemporáneo: el papel del discurso publicitario actual en la construcción de la masculinidade. **Documentación de las Ciencias de la Información**. v. 38, 2015, p. 245-263,
- DRYBREAD, K. Murder and the Making of Man-Subjects in a Brazilian Juvenile Prison. **American Anthropologist**, Vol. 116, No. 4, 2014, p. 752–764.
- DUARTE, R., Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.
- FÁVERO, O.; SPÓSITO, M. P.; CARRANO, P.; NOVAES, R. R.; **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPed, 2007.

- FELIPE, J. Afinal, quem é mesmo o pedófilo? **Cad.Pagu**. Campinas, n.26, p. 201-223, 2006.
- FEREIRA, M. C. A psicologia social contemporânea: Principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais. **Psicologia: Teoria e pesquisa**. Vol 16 n especial, pp.51-64. 2010.
- FERREIRA, N. C; SOARES, A. S. F. A representação do homossexual no discurso humorístico: uma análise do canal “Porta dos Fundos”. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.25, n.2, 2017, p. 739-763.
- FERREIRA, N.S.A.; As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**,79, 2002.
- FERRER, L. E. M. La Educación decimonónica como construcción de resistencias en professoras. **Revista Educación**, 40(2), 2016, p. 1-27.
- FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**. v. 14, n. 3 (42), 2003.
- FINCO, D. Igualdad de género en las instituciones educativas de la primera infancia brasileña. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 13 (1), 2015, p. 85-96.
- FISCHER, R. M. B. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Rev. Bras. Educ.** p.290-299. 2007.
- FOSTER, D. W. Un desafío a la mirada masculinista: recursos humanos por Gabriela Liffschitz. **Aletria**, 2004, p. 91-106.
- FOUCAULT, M.; **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, M.; **História da sexualidade**. V. 2: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro. Editora Graal. 1984.
- FOUCAULT, M.; **A ordem do discurso**. 5ª Ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT M. **Em defesa da sociedade**: curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, M. **Os anormais**: Curso no collège de france (1974 – 1975): tradução Eduardo Brandão – São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**/Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves,7. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FREITAS, M. V.; **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação educativa. 2005. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2017.

FURLANI, J. **“O bicho vai pegar!”**: um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir do livro paradidático infantil. [Doutorado em Educação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

FURLANI, J. Direitos Humanos, Direitos Sexuais e Pedagogia *Queer*: o que essas abordagens têm a dizer à Educação Sexual? In JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia na escola. 1ª. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

GALINDO, S. H. C. Reflexionando sobre la inequidad de género: aprendizaje en colaboración y escritura desde la experiencia. **Revista de Estudios Sociales** n. 20, 2005, p. 45-67.

GALINKIN, A. L.; ISMAEL, E. Gênero. In: CAMINO, L.; TORRES, A. R. R.; LIMA, M. E. O.; PEREIRA, M. E. (org) **Psicologia Social**: temas e teorias. Brasília: TechnoPolitik, 2011, p.503- 557.

GALLEGO, G. Primera experiencia homoerótica en varones em la ciudad de México. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 9, n. 2, 2011, p. 913-928.

GARCIA, V. V.; CASTRO, R. Masculinidad Hegemónica, Violencia Y Consumo De Alcohol En El Medio Universitario. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**. v. 14, n. 42, 2009, p. 701-719.

GHAILL, M. M.; HAYWOOD, C.; BRIGHT, Z. Making connections: speed dating, masculinity and interviewing. In: PINI, B.; PEASE. B. (org.). **Man, masculinities and methodologies**.2013, p. 77-89.

GIRALDO-GIL, E. Revisando las Prácticas Educativas: una Mirada Posmoderna a la Relación Género-Currículo. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 12 (1), 2014, p. 211-223,

GIROUX, H. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, T. T. (org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação. Petrópolis: Vozes, 1995, p.132-158.

GOMES, C. A. M. N. N; AZERÊDO, G. Performances em narrativa de Sonia Coutinho. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 39, n. 1, 2017, p. 23-31.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v. 5, 2013, p. 251-263.

- GUARELLO, V. O. Código Postal 9409 y la Guerra de las Malvinas. Entre la correspondencia de los soldados-hijos y la carta a un soldado desconocido. **Historia Crítica** n. 44, Bogotá, 2011, p. 182-199.
- GUARESCHI, N. M. F. Pesquisa em psicologia social: de onde viemos e para onde vamos. In RIVERO, N. E. E (org.) **Psicologia social: estratégias, políticas e implicações** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 86-95.
- GUBERT, D; MADUREIRA, V. S. F. Iniciação sexual de homens adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, 13, 2008, p. 2247-2256.
- GUIMARÃES, M. T. C.; DUARTE, A. J. Juventude e educação: novos processos de socialização. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 5, n. 8, p. 143-155, jan./jun. 2011.
- HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HALL, S.; **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Unesco, 2006.
- HENNIGEN, I.; GUARESCHI, N. M. F. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. **Psicologia & Sociedade**; 14 (1), 2002, p. 44-68.
- HERNANN, A. Cuatro consejos desde la trinchera de los aliados feministas. In: **No nacemos machos: Cinco ensayos para repensar el ser hombre en el patriarcado**. Ediciones la social, Ciudad De México, 2017.
- HOLANDA, A. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Análise Psicológica** 3, 2006, 363-372.
- HUNT, G. P; LAIDLER, K. J. Alcohol and Violence in the Lives of Gang Members. *Alcohol Research & Health*, V. 25, N. 1, 2001, p.66-71.
- IEG- Instituto de estudo de gênero. Disponível em:< <http://www.ieg.ufsc.br/index.php>>. Acesso em: 12 ago. 2017.
- IRWIN, K; CHESNEY-LIND, M. Girls' Violence: Beyond Dangerous Masculinity. **Sociology Compass** 2/3, 2008, p.837–855.
- JARAMILLO, J. “Éste es chorro”: identificaciones masculinas y aprendizajes infantiles en contextos urbanos de argentina. **Antipod. Rev. Antropol. Arqueol.** n. 23, Bogotá, 2015, p. 113-134.
- JUNQUEIRA. R. D. Educação e Homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. JUNQUEIRA. R. D. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009 p. 367-444.

- KONRATH, I. **Discurso paterno**: similaridades e especificidades. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1996.
- KROPFF, L. Debates sobre lo político entre jóvenes mapuche en Argentina. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 1 (9), 2011, p. 83 - 99.
- LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, B.H. **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LEÓN, O. D.; Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M. V.; **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação educativa. 2005. Cap 1, p.9-18. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2017.
- LINNE, J. Common Uses of Facebook among Adolescents from Different Social Sectors in Buenos Aires City. **Comunicar**, n. 43, v. 22, 2014, p. 189-197.
- LLANOS, B. Memoria y testimonio visual en Chile: el documental "la venda" de Gloria Camiruaga. *Chasqui*, V. 39, N. 2, 2010, p. 42-53.
- LOPEZ, S. B; MOREIRA, M. C. N. Políticas Nacionais de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens e à Saúde do Homem: interlocuções políticas e masculinidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, 18(3), 2013(a), p. 743-752.
- LOPEZ, S. B; MOREIRA, M. C. N. Quando uma proposição não se converte em política? O caso da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens – PNAISAJ. **Ciência & Saúde Coletiva**, 18(4), 2013(b), p. 1179-1186.
- LOTERO, J. D. T; TANGARIFE, D. L; ACEVEDO, C. V; DUQUE, C. A; PIEDRAHITA, M. G; CÚJAR, M. F. N. Representaciones sociales sobre la construcción del rol masculino en hombres adolescentes escolarizados en el municipio de Medellín. **Revista CES Psicología**. V 2, N. 1, 2009, p. 3-17.
- LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 2ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, G.L.; (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOURO, G. L. Gênero: questões para a educação. In: BRUSCHINI, C. e UNBEHAUM, S. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Editora 34 e Fundação Carlos Chagas, 2002.
- LOURO, G. L. Heteronormatividade e Homofobia. JUNQUEIRA, R. D. **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da

Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009 p. 85-94.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A., **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MAGNO, L; DOULA, S. M; PINTO, N. M. A. "Todo mundo conhece a gente agora": cultura e identidade de jovens rurais em Minas Gerais (Brasil). **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 9, n. 1, 2011, p. 305.

MAGRO, M. M. V. Meninas do graffiti: educação, adolescência, identidade e gênero nas culturas juvenis contemporâneas. 2003. **Tese** (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

MARIANO, S. A. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 139(3): 320, 2005. p. 483-505.

MARQUES JUNIOR, J. S; GOMES, R; NASCIMENTO, E. F. Masculinidade hegemônica, vulnerabilidade e prevenção ao HIV/AIDS. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17(2), 2012, p. 511-520.

MEDAN, M. Sociabilidad juvenil masculina y riesgo. Discrepancias y acuerdos entre un programa de prevención del delito juvenil y sus beneficiarios. **Última década** n.35, 2011, p. 61-87.

MEDRADO, B.; FRANCH, M.; LYRA, J.; BRITO, M.; **Homens, tempos, práticas e vozes**. Recife: Fages/Papai/Nepo-Unicamp, 2004.

MEDRADO, B.; LYRA, J.; Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Rev. Estud. Fem.** vol.16, n.3, 2008. p. 809-840.

MEDRADO, B; LYRA, J. **Produzindo memórias para alimentar utopias: narrativas sobre uma organização feminista que, desde 1997, ousa trabalhar com homens e sobre masculinidades**. Recife: Instituto PAPAI, 2015.

MELO, A. C. M; GARCIA, L. P. Atendimentos de jovens vítimas de agressões em serviços públicos de urgência e emergência, 2011: diferenças entre sexos. **Ciência & Saúde Coletiva**, 22(4), 2017, p. 1333-1341.

MELO, M. V. Três décadas de pesquisa em educação matemática: um estudo histórico a partir de teses e dissertações. 2006. 273 f. **Dissertação (Mestrado)** – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

MENDONÇA, C. Entre el negocio y el placer: turismo sexual masculino en Puerto Vallarta, México. **Estudios y Perspectivas en Turismo** n. 24, 2015, p. 889–907.

- MERUANE, P. S.; DELGADO, J. B.; VARAS, P. R. Discursos sobre la discriminación de género en los trabajadores mineros del norte de Chile. **Atenea**, 2012, p. 139-158.
- MEYER, D.; Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V.; **Corpo, gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- MINAYO, M. C. S. A violência na adolescência: um problema de saúde pública. **Cad. Saude Publica**, v.6, n.3, p.278-92, 1990.
- MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.
- MISKOLCI, R. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, 2013 p. 301-324.
- MISKOLCI, R. O vértice do triângulo: Dom Casmurro e as relações de gênero e sexualidade no fim-desiècle brasileiro. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(2): 344, 2009, p. 547-567.
- MONTE, I. X. O debate e os debates: abordagens feministas para as relações internacionais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, 2013 p.59-80.
- MONTERO, F. U.; BARBOZA, A. M. C.; OROZCO, J. B.; ESQUIVEL, A. M.; JIMÉNEZ, J. M.; GÓMEZ GÓMEZ, A. Análisis del consumo de drogas en adolescentes escolarizados de Costa Rica, 1999. **Revista de Ciencias Sociales**. vol. I, núm. 99, 2003, pp. 11-23.
- NASCIMENTO, A. P. L.; CRUZ, M. H. S. Notas sobre a relação escola e juventudes: as culturas juvenis em cena. **Cadernos do Tempo Presente**, n. 23, mar./abr. 2016, p. 45-56.
- NASCIMENTO, L. F.; GOMES, R.; REBELLO, L. E. F. S. Violência é coisa de homem? A “naturalização” da violência nas falas de homens jovens. **Ciência & Saúde Coletiva**, 14(4), 2009, p. 1151-1157.
- NASCIMENTO, S. S. Corpo-afeto, corpo-violência: experiências na prostituição de estrada na Paraíba. **Revista Ártemis**, v. 18 n° 1, 2014. p. 69-86.
- NEIVA, G. A.; BRAZ, C. “Melões E Culhões”: Olhar Antropológico Sobre A Multiplicidade Da Sexualidade A Partir Do Filme Frida. **Revista Ártemis**, Ed. V. 13, 2012. p. 3541.
- NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.
- NOLASCO, S. **A desconstrução do masculino**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995.
- NOLASCO, S. **De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2001.
- NORIEGA, G. N. Caracterización de los estudios de género de los hombres y las masculinidades en México: 1990-2014. In: VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE HOMENS E MASCULINIDADES, 2017, Recife. **Livro de resumos**.

Recife: GEMA/UFPE, Instituto PAPAI, IFF/Fiocruz, Instituto Promundo e MenEgaje Brasil, 2017.

NUERNBERG, A. H. Reflexões sobre gênero e psicologia no Brasil. In: LAGO, M. C. S; TONELI, M. J. F; BEIRAS, A; VAVASSORI, M. B; MULLER, R. C. F. (org) **Gênero e pesquisa em psicologia social**. São Paulo. Casa do psicólogo, 2008. p.19 – 32.

OLAVARRÍA, J. Los estudios sobre masculinidades en América Latina. Un punto de vista. **Anuario Social y Político de América Latina y El Caribe** - Año 6 – 2003.

OLIVEIRA DE SOUZA, T; RAMOS DE SOUZA, E; PINTO, L. W. Evolução da mortalidade por homicídio no Estado da Bahia, Brasil, no período de 1996 a 2010. **Ciência & Saúde Coletiva**, 19(6), 2014, p. 1889-1900.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Editora Bagaço. 2005. 182p

OLIVEIRA, P. P. M. Crises, valores e vivências da masculinidade. **Novos estudos** n. 56, 2000, p.89-110

OXFORD. **Dicionário escolar para estudantes brasileiros**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

PAIS, J. M.; **Culturas juvenis**. 2ª Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – casa da moeda, 2003.

PARAÍSO, M. A.; Contribuições dos estudos culturais para a educação. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 10, n.55, p. 53-61, 2004.

PASTOR, A. O; MORENO, A. I. Comunicación en Internet: constructivismo social e identidad virtual. **Comunicar**, 27, 2006 p. 179-186.

PERALVA, A. T.; O jovem como modelo cultural. In. In FÁVERO, O.; SPÓSITO, M. P.; CARRANO, P.; NOVAES, R. R.; **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.p. 13 – 27.

PERETTI C; NOGOSEKE E. T. C; SOUZA, O. M. A crise do masculino e o desafio que o feminismo coloca à masculinidade. In: ENCONTRO DE BIOÉTICA DO PARANÁ – Vulnerabilidades: pelo cuidado e defesa da vida em situações de maior vulnerabilidade. 2, 2011, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: Champagnat, 2011, p. 1-17

Periódico da CAPES. Disponível em:< <http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

PERULERO, M. A. “Prostitutas, infieles y drogadictas”. Juicios y prejuicios de género en la prensa sobre las víctimas de feminicidio: el caso de Guerrero, México. **Antipod. Rev. Antropol. Arqueol.** n. 20, Bogotá, 2014, p. 97-118.

- PIERA, M. Minerva y la reformulación de la masculinidad en cristalián de España de Beatriz Bernal. **Tirant**, 13, 2010, p. 73-88.
- PINHEIRO, O. G. Entrevista: uma Prática Discursiva. In: SPINK, M. J. P. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Cortez, 2013. p. 156- 187.
- PINHO, O. de A. Etnografias do brau: corpo, masculinidade e raça na reafrikanização em Salvador. **Estudos feministas**, Florianópolis, 13(1): 216, jan.-abr. 2005, p. 127-45.
- PINTO, P; NOGUEIRA, M. C; OLIVEIRA, J. M. Debates Feministas Sobre Pornografia Heteronormativa: Estéticas e Ideologias da Sexualização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 23(2), 2010, p. 374-383.
- PINTO, T. O; LOPES, M. F. Brincadeira no espaço da rua e a demarcação dos gêneros na infância **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 7, n. 2, 2009, p. 861-886.
- PISCITELLI, A. "Recriando a (categoria) mulher?" In: ALGRANTI, Leila (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Campinas: IFCH-Unicamp, 2002. (Textos Didáticos, n. 48).
- PLAZA, R. C. Universos paralelos: Turismo sexual comercial entre hombres en el Puerto de Veracruz, México. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 24, n. 4, 2015, p. 848-866.
- POPPE, N. Iteraciones de Ituzaingó: cultura juvenil y masculinidad en la trilogía Labios de churrasco (1994), Graciadió (1997) y 5 pal' peso (1998) de Raúl Perrone. **Letras Hispanas**, v.11, 2015, p. 148-156.
- PRETTO, J. O velho atualizado, o novo reinventado: homens, masculinidade tradicional hegemônica e relações amorosas. In: LAGO, M. C. S; TONELI, M. J. F; BEIRAS, A; VAVASSORI, M. B; MULLER, R. C. F. (org) **Gênero e pesquisa em psicologia social**. São Paulo. Casa do psicólogo, 2008.
- RÁBAGO, N. L.B; ALDAMA, R, G. Los espacios de la prostitución en Tijuana: turismo sexual entre varones. **Región y sociedad**, 24 n. 55. 2012, 81-130.
- RAMIRES, V. R. **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Tempos, 1997.
- REBOLLO-CATALÁN A. RUIZ-PINTO E; GARCÍA-PÉREZ, R. Preferencias relacionales en la adolescencia según el género. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, 19(1), 2017, 58-72.
- REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio - breve agenda para la discusión. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 103-118, maio/jun./ago. 2003.

- RENOVATO, R. D; BAGNATO, M. H. S; MISSIO, L. MURBACK, S. E. S. L; CRUZ, L. P; BASSINELLO, G. A. H. Significados e sentidos de saúde socializados por artefatos culturais: leituras das imagens de advertência nos maços de cigarro. **Ciência & Saúde Coletiva**, 14, 2009, p. 1599-1608.
- REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Trad. Maria Do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.
- RIBEIRO, J. K. A.; COSTA, J. C.; SANTIAGO, I. M. F. L.. Um jeito diferente e “novo” de ser feminista: em cena, o Riot Grrrl. **Revista Ártemis**. ed5. 2012 p. 222-240.
- RIOFRIO, J. Situating latin american masculinity: immigration, empathy and emasculation in junot díaz's drown. **ATENEA**, V. 28, N.1, 2008, p.23-36.
- RIOS, V. "The Consequences of the Criminal Justice Pipeline on Black and Latino Masculinity." **The Annals of the American Academy of Political and Social Science** 127, n. 1, 2009, p.150-162.
- RISK, E. M; ROMANELLI, G. Sociabilidade grupal entre jovens de camadas populares: subjetividade e gênero. **Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**. v. 9, n. 2, 2008, pp. 56-67.
- ROA, C. A. P. Factores asociados con riesgo de suicidio de adolescentes y jóvenes autoidentificados como lesbianas, gays y bisexuales: estado actual de la literatura. **Revista Colombiana de Psiquiatría**, v. 42, n. 4, 2013, p. 333-349.
- RODRIGO, M. L. J; ORDAZ, P. G. El caleidoscopio de la violencia contra las mujeres en la pareja desde la desigualdad de género: una revisión de enfoques analíticos. **Rev.estud.soc.** n. 54, 2015, p. 93-106.
- RODRÍGUEZ, J. C. R; LÓPEZ LÓPEZ, G. C. Hombres y mujeres jóvenes ante las creencias de género: ¿flexibilidad y/o resistencia? **Culturales**, época II, v. 1, n. 1, 2013, p. 143-176.
- ROHDEN, F. “O homem é mesmo a sua testosterona”: promoção da andropausa e representações sobre sexualidade e envelhecimento no cenário brasileiro. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, 17, n. 35, 2011, p. 161-196.
- ROHDEN, F. Capturados pelo sexo: a medicalização da sexualidade masculina em dois momentos. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17(10), 2012, p. 2645-2654.
- ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização. In: **Cultura e subjetividade**. Saberes Nômades, org. Daniel Lins. Papirus, Campinas 1997; pp.19-24.
- ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

- RUBIA, J. M. Predicción de la frecuencia de masturbación en estudiantes universitários. **Interamerican Journal of Psychology**, v. 45, n. 1, 2011, p. 77-86.
- RUBIA, J. M. Homofobia, religión e ideología política en la Encuesta Nacional de Cultura Política y Prácticas ciudadanas (ENCUP2008). **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, v. 19, n. 37, 2013, p. 99-128.
- RUBIA, J. M; MORALES, H. O. Análisis por sexo de factores de riesgo y protección de conducta disocial. **Revista Perspectivas Sociales**, v. 15 N. 2, 2013, p. 103-128.
- SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista de Estudos Feministas**, v. 9, n. 1, Florianópolis, 2001, p. 9-21.
- SAFFIOTI, H. I.B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos pagu** (16) 2001: pp.115-136.
- SALES, S. R; PARAÍSO, M. A. Juventude ciborgue e a transgressão das fronteiras de gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 336, 2011 p. 535-548.
- SALINAS-QUIROZ, F; ROSALES MENDOZA, A. L. La agenda pendiente de la educación inicial y preescolar en México: sexualidad integral. **Educación [online]**. 2016, v.25, n.49, p. 143-160.
- SANTOS, C; RIBEIRO, C. O; OLIVEIRA F. F. Ações do PRODOCÊNCIA/CAPES/2011-conhecer para intervir: análise de concepções prévias de docentes sobre sexualidade, gênero e educação sexual em Aracaju. In: VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL O ESTADO E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO TEMPO PRESENTE, 2011, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia, Universidade Federal De Uberlândia, 2011.
- SANTOS, I. E; DIAS, C. M. S. B. Homem idoso: vivência de papéis desempenhados ao longo do ciclo vital da família. **Aletheia** 27(1), 2008, p.98-110.
- SANTOS, L. C; CARVALHO A. B; AMARAL J. G; BORGES L. A. E MAYORGA C. Gênero, feminismo e psicologia social no Brasil: análise da revista psicologia & sociedade (1996-2010). **Psicologia e Sociedade**. 2016, vol.28, n.3, pp.589-603.
- SANTOS, M. R; PEDRO, J. M; RIAL, C. Novas práticas corporais no espaço doméstico: a domesticidade pop na revista Casa & Jardim durante os anos 1970. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(1): 344, 2012, p. 233- 257.
- SARAIVA, E. S. **Paternidade e masculinidade**: tradição, herança e reinvenção. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1998.
- SCHNEIDER, L; FUNCK, S. B. Palavra e imagem: representações ideológicas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(3): 496, 2013, p. 975-980.

- SCHWALBE, M L; WOLKOMIR, M. Interviewing men. In: HOLSTEIN, James A. & GUBRIUM, Jaber F. (eds). **Inside interviewing: new lenses, new concerns**. Thousand Oaks: Sage Pub., p. 55-71, 2003.
- SCOTT, J. W.; Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
- SECRETARIA ESTADUAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS MULHERES DO RIO GRANDE DO SUL. Manual para o uso não sexista da linguagem: O que bem se diz bem se entende. Porto Alegre (RS), 2014.
- SEFFNER, F. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 336, 2011 p. 561-572.
- SEGOVIA, J. S; DELGADO, J. B. Guiones sexuales de la seducción, el erotismo y los encuentros sexuales en el norte de Chile. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(2): 440, 2008 p. 539-556.
- SERRANO, H; ZARZA, M. P; SERRANO, C; GÓMEZ, B; IDUARTE, J. Códigos visuales de género y configuraciones sexuales evidenciadas en la fotografía. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 2 (9), 2011, p. 769 - 782.
- SHADE, K; KOOLS, S; PINDERHUGHES, H; WEISS, S. J. Adolescent Fathers in the Justice System: Hoping for a Boy and Making Him a Man. **Qualitative Health Research** 23(4), 2012, p. 435-449.
- SIDONE, O. J. G; HADDAD, E. A; MENA-CHALCO, J. P. A ciência nas regiões brasileiras: evolução da produção e das redes de colaboração científica. **TransInformação**, Campinas, 28(1) 2016, 15-31.
- SILVA COSTA, B. N; FORTUNATO-COSTA, L. Perpetrador e vítima: o adolescente que cometeu ofensa sexual. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 11, n. 2, 2013, p. 633-646.
- SILVA, C. R.; LOPES, R. E.; Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. **Cadernos de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 17, n.2, 2009. p 87-106.
- SILVA, J. M; ROSSI, R; CHIMIN JUNIOR, A. B; ORNAT, M. J. Espaço, masculinidades e adolescentes em conflito com a lei. **Geo UERJ**, 14, n. 23, v. 1, 2012 p. 136-166.
- SILVA, S. G. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos **Psicol. cienc. prof.** vol.20, n.3 Brasília, 2000.
- SILVA, S. G. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicol. cienc. prof.** v.26, n.1, 2006, p.118-131.

- SILVA, S. R. Performances de masculinidade, práticas de subversão: el consumo de teléfonos móviles entre los jóvenes de las clases populares. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo ano 9 vol.9 n.2 6 nov. 2012, p. 61-82.
- SILVA, T. T. (org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- SIMON, L. C. S. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil. **Revista Estação Literária**, Londrina, V.16, 2016, p. 8-28.
- SOARES, R. Adolescência: monstruosidade cultural? **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 151-162, jul./dez. 2000.
- SOARES, R. Adolescência: monstruosidade cultural? **Educação e realidade**. 25(2), 2000, p. 151-159.
- SOTO, I. F.; AMARÍS, M; ROSA, C. P. El rol del padre en las familias con madres que trabajan fuera del hogar. **Psicología desde el Caribe**, n. 5, 2000, p. 157-175.
- SOUZA, E. R. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. **Cienc. Saúde Colet.**, v.10, n.1, p.59-70, 2005.
- SOUZA, E. R.; LIMA, M. L. C. Panorama da violência urbana no Brasil e suas capitais. **Ciência & Saúde Coletiva**, 11(Sup): 1211-1222, 2007.
- SOUZA, R. Rapazes negros e socialização de gênero: sentidos e significados de “ser homem. **Cadernos pagu** (34), 2010, p. 107-142.
- SPINK, M. J.; FREZZA, R. M. Práticas Discursivas e Produção de Sentido. In: SPINK, M. J. P. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Cortez, 2013. p. 1- 21.
- SPINK, M. J.; MEDRADO, B. Produção de sentido no cotidiano. In: SPINK, M. J. P. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Cortez, 2013. p. 22- 43.
- SPÓSITO, M. O.; CARRANO, P.; Juventude e políticas públicas no Brasil. In FÁVERO, O.; SPÓSITO, M. P.; CARRANO, P.; NOVAES, R. R.; **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.p. 179 – 215.
- TAQUETTE, S. R; RODRIGUES, A. O. Experiências homossexuais de adolescentes: considerações para o atendimento em saúde. **Interface Comunicação Saúde Educação**; 19(55), 2015, p. 1181-1191.
- THIAGO, C. C; RUSSO, J. A; CAMARGO JÚNIOR, K. R. Hormônios, sexualidade e envelhecimento masculino: um estudo de imagens em websites. **Interface Comunicação Saúde Educação**; 20(56), 2016, p.37-50.

- TOFANI, A. C. A; VAZ, C. E. Câncer de Próstata, Sentimento de Impotência e Fracassos ante os Cartões IV e VI do Rorschach. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, v. 41, n. 2, 2007, p. 197-204.
- TONELI, M. J. F. Paternidade em contextos urbanos: entre o dever e o prazer. In: MINELLA, L.S; FUNCK, S. B. **Saberes e fazeres de gênero: entre o local e o global**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. P.257-270.
- TORNQUIST, C. S. Em nome dos filhos ou “o retorno da lei do pai”: entrevista com Martin Dufresne. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(2): 440, 2008, p. 613-629.
- TORO-AFONSO, J. Las masculinidades: el reto de los estudios sobre género. In: GALINKIN, A. L.; SANTOS C. (org) **Gênero e Psicologia Social: Interfaces**. Brasília: TechnoPolitik, 2010, p. 65- 88.
- TORTAJADA I; ARAÛNA, N; MARTÍNEZ, I.J. Estereotipos publicitarios y representaciones de género en las redes sociales. **Comunicar**, nº 41, v. 21, 2013, p.177-186.
- TRAVERSO-YÉPEZ, M. A.; DE SOUZA PINHEIRO, V. Socialização de gênero e adolescência. **Revista Estudos Feministas**, vol. 13, núm. 1, janeiro-abril, 2005, p. 147-162
- TRILLO, V. M; REDONDO, L. M. The role of gender identity in adolescents’ antisocial behavior. **Psicothema**, V. 25, N. 4, 2013, p. 507-513.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2009.
- TROTTA, F. Som de cabra-macho: sonoridade, nordestinidade e masculinidades no forró. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, 9 v.9 n. 26, 2012, p. 151-172.
- VASCONCELOS, M. F. F; ZAGO, L. F. Mercado da/de carnes: corpos imprevistos na biopolítica. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 3, 2015, p. 219-227.
- VEJA, V. C. Adaptación argentina de un inventario para medir identidad de rol de género. **Revista Latinoamericana de Psicología**, v 39, n 3, 2007, 537-546.
- VIEIRA DE JESUS, D. S. O mundo fora do armário: teoria queer e relações internacionais. **Revista Ártemis**, v. 17 nº 1, 2014. pp. 41-50.
- VIZCAÍNO, R. N. ¿La vida es sueño? Ecos de sociedad, género y crítica de las costumbres en la literatura catalana del primer renacimiento (siglos XIV-XVI). **Stud. hist., H.^a mediev.**, 28, 2010, pp. 125-152.
- WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2014**. Homicídios e Juventude no Brasil. (Atualização 15 a 29 anos). Secretaria-Geral da Presidência da República/ Secretaria Nacional de Juventude/ Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Brasília, 2014.

- WELLER, W. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis. A arte de se tornar visível. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 216, jan./abr. 2005(a).
- WELLER, W. Gênero e juventude. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 1, p. 103-106, 2005(b).
- WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**. Ano 9, v.2, 2001, p. 460- 482.
- WORTMANN, M. L. C.; VEIGA-NETO, A.; **Estudos Culturais da Ciência & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- XAVIER FILHA, C. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 336, 2011 p. 591- 603.
- ZAGO, L. F; SANTOS, L. H. S. Os retratos de Dorian G(r)ay – corpo, imagem e subjetividade em um site de relacionamentos. **Comunicação, mídia e consumo**, 11 v.11 n.32, 2014, p. 93-117.
- ZALUAR, A. Democratização inacabada: fracasso da segurança pública. **Estudos avançados** 21 (61), 2007, p. 31-49.